

2º CICLO DE ESTUDOS

MESTRADO EM HISTÓRIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COOPERAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS E COOPERAÇÃO

O desenvolvimento de competências na construção de projetos de vida de jovens acolhidos em Portugal:

Um olhar acerca da Academia de Líderes Ubuntu

Marrieni Gabriela Duarte

M

2024



Marrieni Gabriela Duarte

**O desenvolvimento de competências na
construção de projetos de vida de jovens
acolhidos em Portugal:
Um olhar acerca da Academia de Líderes Ubuntu**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História, Relações Internacionais e
Cooperação, orientada pelo Professor Doutor Luís Grosso Correia.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Dedico este trabalho aos meus avós, Neli e Naninho, que sempre me permitiram sonhar, desde quando era pequena, e riscava os atlas da nossa casa, dizendo que um dia eu iria conhecer o mundo. Por serem incansáveis no incentivo à minha educação, no apoio aos meus projetos e sonhos, pois estas ações possibilitaram que eu me tornasse a primeira pessoa da família a viver em outro país e a realizar um mestrado.

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
Introdução.....	13
1.Sistema de Acolhimento em Portugal.....	21
1.1. Caracterização de jovens em situação de acolhimento	22
1.2. População jovem acolhida.....	25
1.3. Planos de ação individualizados	29
2.Programas nacionais: um olhar sobre Academia de Líderes Ubuntu	34
2.1. Formação sobre o Método Ubuntu.....	36
2.1.1. Semanas Ubuntu e aplicabilidade do método.....	38
3.Desenho metodológico	41
3.1. Participantes.....	41
3.1.1. Instrumentos.....	42
3.1.2. Procedimentos.....	42
4.Desenvolvimento de competências: o que perdura	44
4.1. Informações pessoais e contextuais.....	45
4.2. Situação de vida atual (julho 2024)	46
4.3. Participação na Academia de Líderes Ubuntu.....	48
4.4. Bem-estar e inserção social	54
4.5. Projetos de vida e participação social	55
4.6. Experiências de vida	55
Considerações Finais	58
Fontes Primárias.....	62
Referências bibliográficas	63
Anexos	67
Anexo 1. Guião entrevista semi-estruturada	67

Anexo 2. Transcrições das entrevistas	70
Anexo 2.1. Transcrição da entrevista nº 01	70
Anexo 2.2. Transcrição da entrevista nº 02	83
Anexo 2.3. Transcrição da entrevista nº 03	99
Anexo 2.4. Transcrição da entrevista nº 04	110
Anexo 2.5. Transcrição da entrevista nº 05	119
Anexo 2.6. Transcrição da entrevista nº 06	128
Anexo 2.7. Transcrição da entrevista nº 07	135
Anexo 2.8. Transcrição da entrevista nº 08	141
Anexo 2.9. Transcrição da entrevista nº 09	156
Anexo 2.10. Transcrição da entrevista nº 10	169

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 15 de setembro de 2024

Marrieni Gabriela Duarte

Agradecimentos

A realização de uma dissertação foi para mim um processo repleto de incertezas e desafios, e posso afirmar com propriedade, que escrevê-la sendo imigrante tornou tudo ainda mais trabalhoso. No entanto, sinto-me feliz porque tive ao meu lado, e encontrei pessoas, que tornaram o caminho mais leve, e a estas gostaria de deixar meus mais sinceros agradecimentos.

Ao Fernando, meu companheiro de vida, que nos encorajou nesta jornada para Portugal. Por sempre estar ao meu lado com palavras e gestos de força, amor, cuidado e por me dar espaço para que eu pudesse construir meus sonhos. Mas, principalmente, por acreditar nas minhas capacidades quando até eu mesma duvidei delas.

Ao Professor Doutor Luís Grosso, pela generosidade, paciência e incentivo durante todo o processo de orientação, seus conhecimentos e contribuições foram valiosos para realização deste estudo.

Aos jovens e às equipas técnicas das Casas de Acolhimento, do norte ao sul de Portugal, que gentilmente concordaram em compartilhar suas histórias comigo.

Às minhas amigas Alana, Jacqueline, Julia e Marcela, e ao meu amigo Leandro, pelas inúmeras trocas, conselhos e apoio moral.

Aos colegas do IPAV, jovens e educadores que encontrei pelo caminho da ALU, em especial, a minha coordenadora Tânia Neves, que sempre compartilhou seus conhecimentos fazendo com que eu me sentisse acolhida.

E por fim, um abraço especial e cheio de afeto à Marrieni criança, que sabia que este dia chegaria.

Resumo

O contexto atual, de acolhimento em Portugal, é caracterizado pela diversidade de perfis que exigem respostas adequadas as necessidades individuais dos acolhidos, principalmente, no que diz respeito ao crescente número de jovens imigrantes e menores estrangeiros não acompanhados acolhidos no país. Cabe ao acolhimento institucional uma intervenção adequada e co-construída (Timóteo e Bertão, 2012) para atender as características e expectativas para a construção de projetos de vida e a vida autónoma. Por isso, as medidas de proteção têm-se concentrado em preparar o público acolhido para a autonomia de vida (CASA, 2022) sendo o desenvolvimento de competências socioafetivas tem se demonstrado uma ferramenta inovadora para preparar os jovens em transição para vida adulta. Assim, esta dissertação procura responder à pergunta de partida: o desenvolvimento de competências socioemocionais, promovidos através de programas sociais tem impacto positivo na construção de projetos de vida de jovens de diferentes nacionalidades acolhidos em Portugal? E, igualmente, responder dois objetivos: 1) compreender o contexto dos jovens nas Casas de Acolhimento e se estão sendo realizadas intervenções adequadas para atingir seus objetivos e autonomia nos projetos de vida e 2) analisar o programa Academia de Líderes Ubuntu no contexto das Casas de Acolhimento a partir da opinião de jovens participantes nesta formação. Como fontes de informações primárias recorreu-se legislações, relatórios e entrevistas realizadas com jovens acolhidos que participaram de formação na Academia de Líderes Ubuntu no ano de 2023. A investigação revela um bom grau de desempenho da Academia de Líderes Ubuntu, demonstrando que o programa no contexto casas de acolhimento surge com uma ferramenta inovadora para fortalecer o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, projeto de vida, jovens, desenvolvimento de competências, Academia de Líderes Ubuntu.

Abstract

The current context of reception in Portugal is characterized by the diversity of profiles that require responses tailored to the individual needs of those received, especially concerning the growing number of young immigrants and unaccompanied foreign minors welcomed in the country. It is the responsibility of institutional reception to provide appropriate and co-constructed intervention (Timóteo and Bertão, 2012) to meet the characteristics and expectations for the development of life projects and autonomous living. Therefore, protection measures have focused on preparing the received individuals for independent living (CASA, 2022), with the development of socio-emotional skills proving to be an innovative tool for preparing young people in transition to adulthood. Thus, this dissertation seeks to answer the initial question: Does the development of socio-emotional skills, promoted through social programs, have a positive impact on the construction of life projects for young people of different nationalities welcomed in Portugal? It also aims to answer two objectives: 1) to understand the context of young people in foster homes and whether appropriate interventions are being made to achieve their life project goals and autonomy, and 2) to analyze the Ubuntu Leaders Academy program within the context of foster homes based on the opinions of young participants in this training. As primary sources of information, legislation, reports, and interviews conducted with young people who participated in training at the Ubuntu Leaders Academy in 2023 were used. The research reveals a good level of performance by the Ubuntu Leaders Academy, showing that the program, in the context of foster homes, emerges as an innovative tool to strengthen the development of socio-emotional skills.

Key-words: Institutional care, life project, young people, skill development, Ubuntu Leaders Academy.

Índice de Figuras

FIGURA 1. CICLOS DE ESTUDO E IDADES CORRESPONDENTE A CRIANÇAS E JOVENS EM ACOLHIMENTO	24
FIGURA 2. DISTRIBUIÇÃO DE ACOLHIDOS POR NACIONALIDADE EM 2022	25
FIGURA 3. JOVENS POR CICLO DE ESTUDO, FAIXAS ETÁRIAS E RESPOSTAS FORMATIVAS E EDUCATIVAS	31
FIGURA 4. PROJETOS DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO A AUTONOMIZAÇÃO	32
FIGURA 5. AVALIAÇÃO DE IMPACTO 2023 - ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU	59

Índice de Tabelas

TABELA 1. ATRIBUIÇÃO DE VALOR A OPINIÃO DOS PARTICIPANTES	45
TABELA 2. ATRIBUIÇÃO DE PONTOS ATRAVÉS DA ESCALA DE LIKERT	52
TABELA 3. PRINCIPAIS PERGUNTAS SOBRE A ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU.....	52

Lista de abreviaturas e siglas

ALU	ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU
C/JENA	CRIANÇAS E JOVENS NÃO ACOMPANHADOS
CA	CASAS DE ACOLHIMENTO
CDC	COMITÊ DOS DIREITOS DA CRIANÇA
CE	COMISSÃO EUROPEIA
CNPDCJ	COMISSÃO NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS E PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS
CPCJ	COMISSÕES DE PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS
IPAV	INSTITUTO PADRA ANTÓNIO VIEIRA
ISS	INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL
LPCJP	LEI DE PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM PERIGO
MENA	MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PALOP	PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA
UNICEF	FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA

Introdução

Esta investigação enquadra-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em História, Relações internacionais e Cooperação, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é realizada na esperança que todo o jovem, independente da sua nacionalidade, ao necessitar de acolhimento institucional, receba acompanhamento humano e tenha seus direitos fundamentais garantidos, bem como, sejam continuamente incentivados a desenvolver sua autonomia para construção de seus projetos de vida através da educação, desenvolvimento de competências e protagonismo, e que possibilite durante e após institucionalização, que estes jovens cidadãos encontrem-se integrados nas comunidades em que vivem para a promoção de uma participação social efetiva.

O acolhimento institucional é uma condição de carácter temporário na vida de crianças e jovens, e diante desta circunstância, deve ser considerado fundamental pensar na construção de um projeto de vida para o público acolhido, levando em consideração a reunificação familiar ou futura autonomia de vida. No entanto, durante os últimos anos o perfil da população acolhida vem sofrendo transformações, havendo muito mais casos de jovens que carregam uma série de problemáticas da fase de vida mas também pelos problemas vivenciados, jovens oriundos de outros países como imigrantes e refugiados, que exigem uma adaptação o Sistema de Acolhimento para dar resposta a estas diversas interseccionalidades, e de fato, ao longo dos últimos anos, e conforme última análise em 2022, o relatório de Caracterização Anual de Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento (CASA) tem evidenciado esta e inúmeras outras situações.

Desde 2013, o Plano CASA em protocolo de colaboração entre as Tutelas da Segurança Social e da Educação através de bases de compromisso conjunto entre entidades com responsabilidade de intervir e colaborar, trabalham para “garantir uma parceria de atuação eficaz nas áreas de competência, e assim, reforçar o processo de aprendizagem e aquisição de competências pessoais e sociais das crianças e jovens em situação de acolhimento” (CASA, 2022, p. 21).

Portanto, considerou-se fundamental investigar o processo de pré-autonomização e autonomização de jovens acolhidos em Portugal, propondo conhecer as expectativas

que os jovens de diferentes nacionalidades e experiências têm em relação ao seu futuro, e em alguns casos como está sendo realizada esta construção levando em consideração as aspirações e projeções de futuro. A importância deste estudo é perceber como o desenvolvimento de competências, através de projetos de educação não formal, em específico a Academia de Líderes Ubuntu, pode dar novas e diferentes motivações na construção de projetos de vida dos jovens, e como o impacto, se positivo, acaba por influenciar o protagonismo juvenil e participação social através do sentimento de pertença.

A motivação a nível pessoal, é destacada desde o início do meu percurso de formação e profissionalização (2014) quando tive a oportunidade de ser educadora social durante 3 anos em uma Casa de Acolhimento da Fundação O Pão dos Pobres, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, trabalhando com jovens de 12 a 18 anos, os quais pude acompanhar em diferentes atividades e projetos sociais que proporcionavam o desenvolvimento de suas competências socioemocionais, a formação profissional e a participação social, possibilitando, uma melhora nos processos para autonomia de vida, crucial para a vida pós institucionalização.

Naquela altura, e não somente, a pauta preocupante era como preparar da melhor forma possível os jovens que saem do acolhimento e não tem a possibilidade de reunificação familiar? Pois é uma falha discutida na política pública de acolhimento institucional no Brasil por não se estabelecer um acompanhamento a longo prazo para a autonomização dos jovens que saem do acolhimento, como é o exemplo de Portugal, onde existe a opção de apartamentos de autonomia (AA) que os jovens podem viver até obterem autonomia financeira ou completarem os ciclos de estudos.

No Brasil na tentativa de responder a demanda de jovens que saem do acolhimento para a vida adulta foram criadas as repúblicas de jovens, que são da responsabilidade das Secretarias Municipais, mas estas não são de obrigatoriedade de todos os municípios, e conforme apontam estatísticas, as vagas são escassas (Carvalho, 2021) e, muitas vezes, não há a garantia de conseguir uma moradia, resultando com que muitos jovens acabem em situação de rua, e/ou envolvendo-se com consumos e/ou crimes, um resultado que

faz com que todo investimento realizado para manter as crianças e jovens dignamente protegidos nos serviços de acolhimento fracassem.

Já ao imigrar para Portugal, tive a oportunidade de estar do outro lado do trabalho que é feito com jovens acolhidos, trabalhar no Instituto Padre António Vieira (IPAV), entidade que promove o programa Academia de Líderes Ubuntu (ALU), desde 2011, o qual tem como objetivo desenvolver competências socioemocionais de jovens. Inicialmente direcionado para o contexto escolar, o programa, desde 2018, recebe financiamento do Instituto da Segurança Social (ISS) para se desenvolver também em contexto do acolhimento institucional do país (ALU, 2023).

Portanto, para além do privilégio de conhecer inúmeros jovens de diferentes nacionalidades e histórias de vida através da ALU, e diante da minha motivação pessoal, e experiência enquanto trabalhadora no sistema de acolhimento que decorre a motivação científica para esta investigação. Analisar as multiplicidades e desafios que cruzam os caminhos destes jovens de diferentes países, e como, através do desenvolvimento de competências e apoio contínuo e integral, pode-se impactar positivamente a autonomia de vida e a construção dos projetos de vida destas juventudes que são permeadas por sonhos e desejos, mas desafiadas a ultrapassar conjunturas impostas socialmente e individualmente, para que assim, possam ser (re)inseridos de forma efetiva e serem protagonistas dos seus futuros, e do futuro da nossa sociedade.

A literatura existente sobre Jovens em Acolhimento Institucional em Portugal tem avançado significativamente nos últimos anos, com um número crescente de relatórios e pesquisas sobre a caracterização do público acolhido, bem como, a intervenção para a autonomia de vida, que são evidenciados através de relatórios oficiais como o CASA. O fato de haver poucos estudos e relatórios, para populações específicas, limita a compreensão para esta investigação e estudos futuros. Destaca-se o aumento de pesquisas focadas no recorte de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados (C/JENA) que dão entrada no país, e que até o momento desta investigação, são poucos os estudos sobre a situação dos jovens que imigram para Portugal acompanhados de familiares de carácter voluntário, e, posteriormente, vem a ser acolhidos.

A relevância do Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens (CASA) promovido pelo Instituto da Segurança Social tem sido amplamente reconhecida ao longo dos últimos anos. O último relatório publicado, no ano de 2022, como de anos anteriores, aborda uma série de informações qualitativas e quantitativas de extrema relevância para se compreender o público em acolhimento à nível nacional e suas como faixa etária, escolaridade, situações de perigo, nacionalidade.

Roberto e Moleiro (2021) no projeto *De menor a maior: Acolhimento e autonomia de vida em menores não acompanhados* desenvolvido pelo Observatório das Migrações, apresentam a importância de investigar o acolhimento integração em Portugal de menores estrangeiros não acompanhados devido ao número de requerentes de proteção que tem aumentado nos últimos anos, através de pedidos espontâneos e de mecanismos europeus de proteção internacional. Neste projeto, as autoras caracterizam os menores e propõem a conhecer os processos de transição para maioridade, em conjunto com os contextos de recepção e acolhimento destes em Portugal.

A obra intitulada *A influência das experiências de acolhimento institucional nos percursos pós-institucionais* identifica fatores que facilitaram ou dificultaram a transição para a vida autónoma focando nas histórias de vida de duas jovens que vivenciaram o acolhimento, destacando o desenvolvimento de competências para gestão doméstica, mas evidencia os desafios que surgiram no âmbito da gestão relacional e económica. Almeida (2020) revela através desta abordagem qualitativa as limitações relacionadas ao acompanhamento pós-acolhimento como a falta de apoio afetivo após o término da medida institucional.

No artigo de Melin e Rodrigues (2022) apresentam importância de instituições fora do contexto escolar tradicional que promovam uma abordagem de educação não formal, ao promover a aprendizagem com incentivos a criatividade e senso crítico (Freire, 1996). E como este tipo de educação contribui para a construção de identidades e autonomias.

Na pesquisa *Do acolhimento residencial para o mundo exterior: que desafios no processo de autonomização* aborda-se a preparação dos jovens em situação de acolhimento para

a autonomia de vida. Alves (2022) baseia-se em entrevistas com jovens e técnicos, analisa o desenvolvimento de projetos de autonomia de vida, destacando a necessidade de identificar dificuldades comuns para aprimorar as estratégias de apoio e intervenção que auxiliarão uma transição para vida independente mais eficaz.

Evidencia-se também que há lacunas nas informações sobre jovens que são totalmente desvinculados totalmente das instituições para autonomia de vida, por isso, não é possível averiguar a continuidade do projeto de vida construído dentro do acolhimento e a sua efetividade a longo prazo. Este projeto de investigação propõe uma explorar ideias para um projeto de vida eficiente, bem como, como programas de desenvolvimento de competências socioemocionais podem ter impacto sobre a autonomia de vida, analisando particularmente o programa Academia de Líderes Ubuntu.

Procura-se responder com esta investigação à seguinte pergunta de partida: o desenvolvimento de competências socioemocionais, promovidos através de programas sociais tem impacto positivo na construção de projetos de vida de jovens de diferentes nacionalidades acolhidos em Portugal? Destaca-se também, dois objetivos para essa investigação:

- 1) Compreender o contexto dos jovens nas Casas de Acolhimento e se estão sendo realizadas intervenções adequadas para atingir seus objetivos e autonomia nos projetos de vida;
- 2) Analisar o programa Academia de Líderes Ubuntu no contexto das Casas de Acolhimento a partir da opinião de jovens participantes nesta formação.

As fontes primárias de informação, que constituem o *corpus* documental desta dissertação, são a legislação, relatórios e entrevistas coletadas junto de jovens participantes de formação na Academia de Líderes Ubuntu em 2023. A legislação inclui leis e tratados internacionais aprovados por Portugal, a nível nacional e internacional. Os relatórios utilizados, incluem relatórios de entidades portuguesas, como o Relatório CASA, organizado pelo Instituto da Segurança Social, Instituto da Segurança Social da Madeira, Instituto da Segurança Social dos Açores, Casa Pia de Lisboa e Santa Casa da

Misericórdia de Lisboa, e relatórios com fontes de informação externa e contextualizada como da Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento. As entrevistas realizadas para este estudo foram realizadas pela autora por teleconferência e posterior transcrição dos áudios, o qual se encontram na íntegra nos anexos deste documento.

A legislação nacional foi consultada através do Diário da República, realizando o acesso destas fontes através de *websites* oficiais das entidades, e a análise dos relatórios da Academia de Líderes Ubuntu, através do contato com a Academia de Líderes Ubuntu e o Instituto padrea António Vieira. Como fontes secundárias são utilizados artigos académicos, dissertações, teses e livros através de *websites*.

Esta investigação consta com um recorte temporal no objeto de estudo, foram realizadas recolhas de dados, através de entrevistas *on-line*, via Plataforma *Zoom*, com 10 jovens acolhidos em instituições portuguesas que participaram de formação na Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento, no período compreendido entre julho e setembro de 2023.

No método de recolha documental recorreu-se à articulação entre dados quantitativos e qualitativos. Sendo os dados qualitativos provenientes de relatórios e entrevistas com os jovens acolhidos. Os dados quantitativos foram obtidos através de relatórios estatísticos anuais, como mencionado relatório CASA 2022, e também o relatório da Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento 2023. Tentou-se analisar as respostas obtidas nas entrevistas, através da escala de avaliação de Likert, em um esforço no sentido de quantificar e interpretar os resultados obtidos através da opinião dos jovens que participaram da formação na Academia de Líderes Ubuntu, mas dado o reduzido número da amostra trabalhada decidiu-se manter uma análise predominantemente qualitativa.

Esta investigação cumpre rigorosamente as regras de referenciação, todas as fontes utilizadas estão devidamente referenciadas, dando créditos aos seus autores. Os dados foram analisados de forma neutra e de maneira a respeitar a a dignidade e o direito de todos os participantes, foi dada atenção em respeitar à proteção da privacidade dos

mesmos, assegurando o anonimato e o consentimento informado foi obtido previamente.

Com esta investigação pretende-se analisar se as casas de acolhimento estão a cumprir a concretização do projeto de vida, a proteção e promoção de direitos (Portaria n.º 450/2023, de 22 de dezembro, art. 3) dos jovens de inúmeras nacionalidades acolhidos em Portugal através de intervenções e suporte adequado nas casas, e por meio da rede envolvida na promoção destes cuidados (escola, entidades), proporcionando os encaminhamentos para formação no âmbito profissional, mas também no âmbito do desenvolvimento pessoal, e também, ajuda, compreensão e suporte emocional para um melhor desenvolvimento de relações e socialização com outros pares, possibilitando que atinjam os objetivos e autonomia nos projetos de vida através de uma intervenção participativa e co-construída (Timóteo e Bertão, 2012). Para tanto, a investigação analisará o programa Academia de Líderes Ubuntu, aplicado no contexto das Casas de Acolhimento, através da recolha de dados que será realizada através de entrevistas, será positivo analisar se há resultados positivos no desenvolvimento de competências socioemocionais na vida dos jovens que participaram da formação na ALU.

A dissertação está dividida em quatro capítulos.

O Capítulo 1, intitulado “Sistema de Acolhimento em Portugal”, apresenta uma historiografia sobre a formulação da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) – Lei nº 147/99, de 1 de setembro a qual demonstra a política pública deste estudo, caracterizando situações de perigo de determinam o acolhimento de crianças e jovens em Portugal. Seguidamente, são explorados dados que caracterizam a população acolhida, com enfoque interseccional no aumento do acolhimento de jovens imigrantes e refugiados. Por fim, apresenta propostas de respostas nacionais implementadas, nomeadamente respostas no âmbito da educação e desenvolvimento de competências, que objetivam a construção da autonomia de vida.

O Capítulo 2, intitulado “Programas nacionais: um olhar sobre a Academia de Líderes Ubuntu”, expõe a teoria da metodologia Ubuntu e dados externos do programa, o qual consiste numa percepção alargada do conteúdo programático como a formação de

formadores e semana Ubuntu, demonstra uma visão resultados expectáveis de sua aplicação.

O Capítulo 3, intitulado “Recolha de dados” demonstra como a população da entrevista foi determinada, bem como, quais instrumentos e procedimentos foram realizados para a recolha de dados.

O Capítulo 4, intitulado “Desenvolvimento de competências: o que perdura” analisa de forma qualitativa a recolha de dados obtida, busca quantificar e estabelecer padrões ou déficits na participação dos jovens na Semana Ubuntu, e perceber o impacto criado durante e após um ano da formação, bem como, analisar a relevância da perspectiva do jovem.

Na conclusão, foi realizada uma avaliação sobre as intervenções realizadas pelas equipas das Casas de Acolhimento e sobre o desempenho do programa Academia de Líderes Ubuntu a partir da opinião dos entrevistados, bem como, sugerido alguns pontos de atenção para uma melhor aplicabilidade do programa, a partir das respostas obtidas.

1. Sistema de Acolhimento em Portugal

Em Portugal, o sistema de acolhimento de crianças e jovens se expressa através da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) – Lei nº 147/99, de 1 de setembro –, sendo uma área de constante avanços, adaptações e desafios para o sistema de proteção à infância e juventude, é composto por uma rede de instituições públicas e privadas, que variam em termos de tamanho, localização e tipos de cuidado oferecidos. Compete a LPCJP tratar de uma série de situações complexas que envolve o cenário de acolhimento de crianças e jovens, de até 18 anos de idade (ou a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos – alínea a) do Artigo 5º da Lei 147/99), que se encontram em situação de perigo para sua segurança e se faz necessária a medida de acolhimento.

As situações de perigo caracterizadas pela LPCJP – Lei nº 147/99 que dão origem ao acolhimento são caracterizadas como: maus tratos físicos e/ou psicológicos e/ou emocionais, negligência, abuso sexual, exploração no trabalho infantil, abandono, comportamentos desviantes, entre outras situações como a falta de recursos financeiros e de habilidades sociais que desafiam famílias multiproblemáticas (Alarcão, 2000). Importante referir que crianças e jovens podem ter sofrido mais de uma situação de perigo, por isso, o número de situações registradas em 2022 (14.139) é superior ao número de acolhidos (CASA, 2022) mas também é cada vez mais evidenciada na realidade do acolhimento no país, a migração de crianças e jovens de outras nacionalidades que necessitam de acolhimento, com a crescente de crianças e jovens estrangeiros não acompanhados (C/JENA) que chegam a Portugal após a recolocação voluntária lançada pela Comissão Europeia em 2020, no qual Portugal participa (Roberto & Moleiro, 2021). Diante de situações com estas características que decisões são tomadas pelos Tribunais ou pelas CPCJ (Comissões de Proteção de Crianças e Jovens) resultando na separação temporária da família de origem e comunidade, e entrada no sistema de acolhimento familiar ou institucional, sendo para o caso dos jovens C/JENA exigida uma melhor adaptação de estruturas e políticas mais alinhadas com suas necessidades (Pereira, 2021 *apud* Roberto & Moleiro, 2021).

Desde 2006 que o Instituto da Segurança Social, Instituto da Segurança Social da Madeira, Instituto da Segurança Social dos Açores, Casa Pia de Lisboa e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa reportam tendências através do relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento (CASA) evidenciando as particularidades dos jovens acolhidos e suas famílias. No último relatório, apresentado em agosto de 2023, referente a dados de 2022, uma visão global do acolhimento aponta que no ano havia 8.597 crianças e jovens acolhidos, sendo que deste número 34% encontravam-se no processo de autonomização e 2,7% tiveram a saída do acolhimento sendo encaminhados para autonomia supervisionada (CASA, 2022) o que expõe a promoção de medidas potenciadoras nas casas de acolhimento para a autonomização e emancipação (Pereira, 2021 *apud* Roberto & Moleiro, 2021).

1.1. Caracterização de jovens em situação de acolhimento

Dentro do quadro teórico deste estudo analisa-se dados de jovens entre 12 e 29 anos acolhidos em Portugal, e posteriormente através da recolha de dados, a amostra utilizada para recolha compreende-se dentro desta faixa etária. Para facilitar a leitura, e apenas quando for possível, será adotada a linguagem neutra, utilizando palavras no masculino para designar, indistintamente, do gênero masculino e feminino.

A caracterização por faixa etária, conforme relatório CASA (2022) demonstra que 19% do número de acolhidos são jovens entre 12 a 14 anos (551 são do sexo feminino e 628 do sexo masculino), 32% do número de acolhidos são jovens entre 15 e 17 anos (960 são do sexo feminino e 1.078 do sexo masculino), 14% do número de acolhidos são jovens entre 18 e 20 anos (458 são do sexo feminino e 435 do sexo masculino) e 5% do número de acolhidos são jovens de 21 e mais anos (175 são do sexo feminino e 143 são do sexo masculino). Sendo possível perceber com estes números, e através das pesquisas mais recentes, que das crianças e jovens acolhidos 52% pertencem ao sexo masculino e 48% ao sexo feminino (CASA, 2022), e na maior parte das faixas etárias mantém-se uma ligeira predominância do sexo masculino.

No que diz respeito à distribuição de jovens em situação de acolhimento, o grupo de jovens constitui mais de 65% dos acolhidos, sendo *“este cenário que mantém a tendência constatada ao longo dos últimos anos, que mais da metade de crianças e jovens com medida de acolhimento se encontra a fase de adolescência e vida adulta, com predomínio de jovens do sexo masculino”* (CASA, 2022, p. 11). Sobre a distribuição de jovens com 15 anos ou mais por local de acolhimento em maiores, a predominância (64,8%) encontram-se em casas de acolhimento/lar da infância e juventude, 13,6% em centros de acolhimento temporários, 5% em apartamentos de autonomização e 3,3% estão em comunidades terapêuticas (*idem*).

Relativo à componente educativa, imprescindível para o crescimento pessoal, socialização e inclusão, e que desempenha um papel fundamental na superação de situações de desvantagem inicial, sendo um direito básico potenciador da autonomização e emancipação (Pereira, 2021, *apud* Roberto & Moleiro, 2021), em termos de escolaridade, no que diz respeito a escolaridade obrigatória, é possível observar conforme *Figura 1* sobre o ciclo de estudos e idade correspondente das crianças e jovens, demonstra que metade das crianças e jovens, que estão a frequentar o 2º ciclo do ensino básico e o ensino secundário não estão a cursar o nível esperado para suas faixa etárias, mas que 19% dos jovens com 18 anos ou mais foram inseridos no Ensino Pós-Secundário não superior e no Ensino Superior (CASA, 2022).

Através do reconhecimento das características e necessidades particulares de cada jovem é possível *“estabelecer metodologias e intervenções que permitam cuidados individualizados e abordagens multidisciplinares para responder às necessidades* (CASA, 2022, p. 16)”, diante do acompanhamento deste progresso individual, construído para o projeto de vida durante o acolhimento e depois dele (Costa Leite, 2018), os cuidados residenciais podem ser substituídos, de acordo com a decisão dos Tribunais da Família e Menores, como estratégia a autonomia de vida, elementos que apoiam o desenho de medidas eficazes e orientadas para o sucesso dos percursos de integração (Pereira *apud* Roberto & Moleiro, 2021).

Figura 1. Ciclos de estudo e idades correspondente a crianças e jovens em acolhimento

Ciclo de estudos	Idade normal (anos)	Crianças e jovens em situação de acolhimento nesta faixa etária	Crianças e jovens em situação de acolhimento a frequentar o respetivo ciclo de estudos	
		Nº	Nº	%
Educação pré-escolar	3 - 5 anos	414	330	80%
1º ciclo	6 - 9 anos	616	530	86%
2º ciclo	10 - 11 anos	427	207	48%
3º ciclo	12 - 14 anos	1.179	718	61%
Secundário	15 - 17 anos	2.038	829	41%
Ensino Pós-Secundário não superior	18 e mais anos	1.211	42	3%
Ensino Superior	18 e mais anos	1.211	193	16%
Total		7.096	2.849	

Fonte: CASA 2022

Os jovens que não se encontram em autonomia de vida e ainda estão em suporte das instituições, se a escolherem e tiverem competências necessárias sendo maiores de 16 anos, começam a ser preparados para a transição para a vida autónoma, obtendo um quarto alugado, assistência financeira e supervisão de uma equipa especializada, conforme a Lei 147/99 de 1 de setembro – Lei de proteção de crianças e jovens em perigo. De acordo com a Lei, ao completar 18 anos, os jovens que se enquadram nessas condições podem optar por estender o processo judicial (Roberto e Moleiro, 2021), mas se não for este caso, a proteção é descontinuada, o que implica em deixar o modo de acolhimento adotado, nomeadamente a proteção institucional.

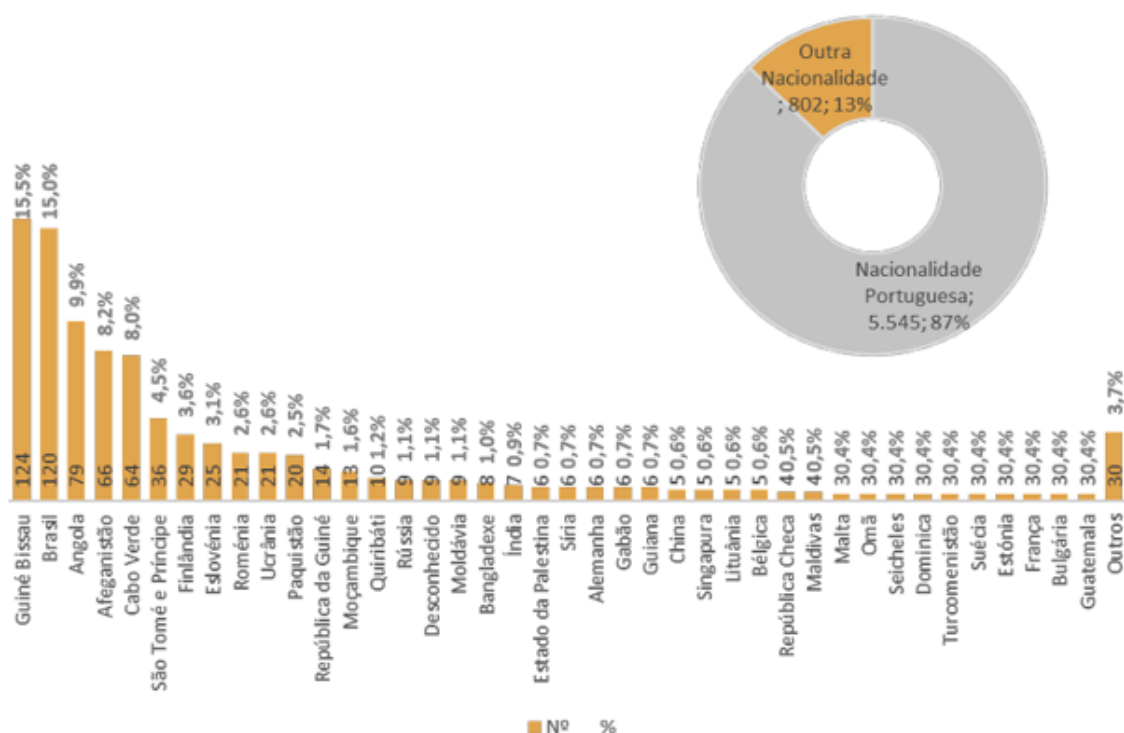
Esta transição é uma etapa complexa que deve ser realizada com prudência através de um plano de ação individualizado porque nela surgem sentimentos de desamparo e insegurança (Valle e Bravo, 2013), e em alguns casos, a permanência no projeto de vida estabelecido sem o suporte da instituição e serviços que antes os protegiam tem tendência a ruir e pode significar o risco de exclusão social (Stein e Munro, 2008; Munro, Stein e Ward, 2005), por isso a transição para a maioridade necessita de total

conhecimento sobre as condições de vida destes jovens e dos recursos que garantem este amparo (Roberto e Moleiro, 2021).

1.2. População jovem acolhida

São diversos os fatores que sobrepõem as características da população acolhida e influenciam experiências, como condições sociais, gênero, etnia e status migratório, sendo este último um fator crescente nas estatísticas portuguesas. Em 2022, passaram pelo acolhimento 1.187 crianças e jovens estrangeiros, das quais 802 se encontravam em acolhimento em 1 de novembro, representando 13% da população acolhida. Conforme é possível observar através da *Figura 2*, a distribuição por nacionalidade demonstra que os países com maior número de jovens em acolhimento são a Guiné-Bissau com 124 (15,5%) e o Brasil com 120 (15%), seguido de números significativos como Angola (9,9%), Afeganistão (8,2%) e Cabo Verde (8%) (CASA, 2022).

Figura 2. Distribuição de acolhidos por nacionalidade em 2022



Fonte: CASA 2022

No entanto, das 802 crianças e jovens que permaneceram em acolhimento em 1 de novembro de 2022, 202 foram caracterizadas como estrangeiros separados, não acompanhados ou deslocados, o que representa 25% das crianças e jovens estrangeiros em acolhimento, sendo que no período de análise, outras 80 crianças e jovens entraram em acolhimento - o que representa 19% das novas entradas durante o período. (CASA, 2022).

A migração de crianças e jovens estrangeiros (C/JENA) tem sido uma realidade cada vez mais evidenciada em Portugal, com significativos números dos que entram no sistema de acolhimento por se encontrarem em alguma das situações de perigo caracterizadas na LPCJP, em conjunto com o compromisso do Estado português ao abrigo do Programa de Recolocação Voluntária em 2020, que diz respeito ao acolhimento, proteção e integração deste público vindos dos campos de refugiados na Grécia (CPR, 2021), dando entrada no sistema de acolhimento.

Das principais causas pelas quais crianças e jovens viajam sozinhas e/ou com familiares são por terem enfrentado graves desafios ao deixarem seus países de origem, relacionados como, por exemplo, a conflitos armados, guerra civil ou instabilidade política, perseguição política, étnica ou religiosa, também condições socioeconômicas desfavoráveis ou para melhores oportunidades de educação, saúde e segurança (Oliveira, 2020). A expectativa de uma melhoria de vida como enviar dinheiro às famílias que continuam a viver no país de origem (Teixeira, 2021) e/ou a reunificação familiar que é um fator crucial a ser considerado (ACNUR, 1994).

A grande maioria dos jovens acabam por se deparar com condições extremamente precárias nas rotas migratórias como, na Rota do Mediterrâneo Ocidental que é percorrida pelos migrantes e requerentes de asilo para chegar a União Europeia desde o norte da África (Moroni, 2021), especificamente, cruzando o Marrocos para dar entrada em Espanha e Portugal, e a Rota do Mediterrâneo Oriental, que é utilizada por imigrantes oriundos do Médio Oriente que passam pela Turquia para chegar na Grécia (Andrade, 2024), onde muitos permanecem nos campos de refugiados, até que seja possível auxílio através do Programa de Recolocação Voluntária (CPR, 2021).

Durante a passagem por estas rotas, os jovens são expostos a condições de vítimas de tráfico de seres humanos sendo destinados à exploração laboral e/ou sexual e/ou serviços forçados. É evidenciado que o público em acolhimento o qual esteve exposto há inúmeras situações sensíveis, de vulnerabilidade e violações, e os quais cujo as *“experiências dos jovens nos seus países de origem têm implicações no seu funcionamento no país de acolhimento, é necessário que os profissionais que trabalham com estes menores considerem as condições vivenciadas pelos menores antes da chegada ao país.”* (Roberto & Moleiro, 2021, p.21), necessitando de uma abordagem mais técnica e empática as perdas e traumas que carregam como experiência de vida. Além disso, ao que toca aos C/JENA, a diversidade cultural, de religião, etnia é ainda mais impactada e necessita de inúmeras adaptações pois as dificuldades na integração relacionadas com a aprendizagem do idioma (para o caso dos não falantes do idioma português), a adaptação cultural, a reconstrução de redes de apoio são impactos significativos que devem ser assegurados devido as necessidades individuais destes jovens, é tão importante quanto é agilizar o encaminhamento e acompanhamento para a regularização da documentação e estatutos necessários à chegada em Portugal. Nos últimos anos, a Espanha também tem recebido imensas entradas de jovens em situação dos C/JENA, o país tem estado a frente com pesquisas que evidenciam a situação, de acordo com o estudo de Angelidou e Aguaded (2016) através do Centro de Menores de Granada, que salientam que cada jovem tem suas características e que estas são similares, sendo que, dentro das categorias percebe-se que *“aproximadamente 90% dos menores estrangeiros correspondem a pessoas do sexo masculino. E quando se trata dos menores africanos, a percentagem é mais elevada, e neste caso, somente 4% é do sexo feminino. Já na categoria idade, a maioria tem de 15 até 17 anos.”* (Angelidou & Aguaded, 2016, p. 5-6, tradução livre¹).

¹ Tradução da seguinte passagem *“Sexo: Aproximadamente el 90% de los menores extranjeros corresponde a personas de sexo masculino. También, cuando se trata de los menores africanos, el porcentaje es aún más elevado; en este caso, solo el 4% es de sexo femenino. Edad: La mayoría tiene desde 15 hasta 17 años.”* (Angelidou & Aguaded, 2016, p. 5-6).

Importante salientar, que independente de terem sido recebidos ao abrigo de pedidos espontâneos ou não programados, ou abrigo de movimentos programados e assegurados por mecanismos europeus, como o Programa de Recolocação Voluntária (CPR, 2021), a intervenção deve ser realizada com base na Convenção sobre os Direitos da Crianças (1989) e com a legislação nacional em vigor para o Sistema de Promoção de Direitos e Proteção de Crianças e Jovens, conciliando com outros como a LPCJP e o Sistema Administrativo de Proteção Internacional, conforme Pereira *apud* Roberto & Moleiro (2021, p.09):

É importante recordar que, nestes casos, ser menor de idade prevalece sobre a condição de migrante, sendo necessário garantir a proteção a estas crianças e jovens, desde logo, e independentemente do seu pedido de proteção internacional. De igual forma, e atendendo ao momento em que se encontram no seu ciclo de vida, é fundamental assegurar uma adequada transição destas crianças e jovens para a maioridade e a vida adulta.

Assim, como informa o relatório CASA (2022), destaca-se o predomínio de crianças e jovens que chegam a território nacional abrigados pelo Programa de Recolocação Voluntária que foram acolhidos em casas de acolhimento ou apartamentos de autonomização (34%), e é expressivo o número de acolhidos mesmo sem estarem abrangidos por qualquer programa europeu (29%).

E, no que diz respeito a distribuição por faixa etária e sexo, dos 202 acolhidos, 110 (54%) são jovens do sexo masculino na faixa etária de 15 a 17 anos, seguido de 50 jovens (25%) na faixa etária dos 18 anos ou mais. Sendo que, relativamente às nacionalidades, é possível verificar que 66 são nacionais do Afeganistão (38%), incluindo-se neste grupo C/JENA e crianças separadas. Seguido de nacionais do Paquistão, com 18 C/JENA (10%), e, por sequente, a Ucrânia (7%), Guiné Bissau (4%) e, com 3%, respetivamente, nacionais da Síria, República da Guiné, Angola, Bangladesh e Gabão. (CASA, 2022).

um dos grandes desafios para os próximos anos, para nós cumprirmos enquanto sociedade democrática, humanista e inclusiva, sendo expectável que este fluxo de entradas se

mantenha, e é simultaneamente uma oportunidade para o sistema de proteção, com a consolidação de respostas inovadoras em acolhimento e em meio natural de vida, e de metodologias de intervenção nomeadamente nas transições decorrentes dos processos de reagrupamento familiar, desejo e objetivo central para a generalidade destas crianças e jovens” (CASA, 2022, p.73).

No que diz respeito aos projetos de promoção e proteção definidos para cada jovem, a autonomização abrange 34% destes, sendo associada ao fato de 65% dos acolhidos estarem em fase da adolescência e idade adulta – entre 12 e 20 anos – o que remete em uma importante preparação de definição e implementação de programas de promoção de autonomia ao longo do percurso no sistema de proteção. (CASA, 2022).

Destaca-se que não foi encontrada nenhuma literatura, dos últimos anos ou atual, sobre o público de imigrantes acolhidos em Portugal, portanto, não foi possível realizar uma análise detalhada da amostra de crianças e jovens que imigram com familiares, no sentido de famílias abrangidas por vistos e títulos de residência, e após foram acolhidas.

1.3. Planos de ação individualizados

A partir de um plano de ação individualizado, bem como, de respostas nacionais, criem-se e implemente-se respostas educativas flexíveis e diversificadas para assegurar que cada jovem tenha direito a educação (CASA, 2022). É preciso uma educação consistente, que esteja aliada a incentivos para a participação social e cívica, vital para adquirir competências e ferramentas necessárias à autonomização e ao protagonismo juvenil.

Além disso, a educação contribui para construção de um projeto de vida estável, incluindo uma carreira profissional, e para a quebra de ciclos de exclusão social, promovendo o acesso a oportunidades para o desenvolvimento pleno e integração efetiva dos jovens (CASA, 2022). Como mencionado anteriormente, o Plano CASA, vem a garantir bases de compromisso conjunto de um sistema de articulação e colaboração entre as entidades intervenientes para *“reforçar o processo de aprendizagem e*

aquisição de competências pessoais e sociais das crianças e jovens em situação de acolhimento.” (CASA, 2022, p. 21).

Esta articulação é evidenciada através da *Figura 3*, que permite identificar a distribuição dos jovens por ciclo de estudos, faixas etárias e respostas educativas e formativas, conforme relatório CASA (2022), descreve a situação de crianças e jovens abrangidos pelo Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, que

estabelece como uma das prioridades da ação governativa a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social. (...) uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.

No ano de 2022, 93,7% das crianças e jovens que se encontravam no sistema de acolhimento tinha seu projeto de promoção e proteção definido (CASA, 2022), e ao analisar as tipologias dos projetos, percebe-se que 40% tinham o predomínio da reintegração na família nuclear, seguida de 34% na autonomização, conforme já verificado anteriormente. Em sentido de faixa etária, conforme pode ser observado na *Figura 4*, constata-se que no grupo de jovens de 12 a 17 anos, de 2 em cada 5 jovens (aproximadamente) tem como projeto de promoção e proteção a autonomização, e no grupo de jovens com 18 anos ou mais anos, de 2 em cada 3 jovens (aproximadamente) tem como projeto de promoção e proteção a autonomização (CASA, 2022).

Figura 3. Jovens por ciclo de estudo, faixas etárias e respostas formativas e educativas

0,7% com 5 anos; 66,7% com 6 e 9 anos; 23% com 10 e 11 anos; 5,9% com 12 e 14 anos; 2,8% com 15 e 17 anos; 0,9% com 18 e mais anos	Respostas educativas e formativas		Nº
	1º ciclo	Regular	755
		Percurso Curricular Alternativo (PCA)	18
		Recorrente	7
		Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)	5
		Outros (Modular, AE; EFA)	10
	Total		795
0,3% com 9 anos; 30,9% com 10 e 11 anos; 50,7% com 12 e 14 anos; 15,5% com 15 e 17 anos; 2,5% com 18 e mais anos	Respostas educativas e formativas		Nº
	2º ciclo	Regular	533
		Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)	45
		Percurso Curricular Alternativo (PCA)	41
		Curso de Educação e Formação (CEF)	24
		Recorrente	14
		Curso de Educação de Adultos (EFA)	8
		Artístico Especializado (regime integrado)	5
	Total		670
0,7% com 11 anos; 40,5% com 12 e 14 anos; 52,7% com 15 e 17 anos; 6,1% com 18 e mais anos	Respostas educativas e formativas		Nº
	3º ciclo	Regular	1.220
		Curso de Educação e Formação (CEF)	149
		Curso de Educação e Formação (CEF) Programa Integrado e	144
		Curso Profissional	129
		Percurso Curricular Alternativo (PCA)	67
		Curso de Educação de Adultos (EFA)	36
		Recorrente Artístico Especializado (regime integrado)	19
		Recorrente	4
		Formação Modular	4
	Total		1.772
0,8% com 14 anos; 62,9% com 15 e 17 anos; 36,3% com 18 e mais anos	Respostas educativas e formativas		Nº
	Secundário	Curso Profissional	858
		Regular - Cursos gerais/ Científico- Humanísticos	250
		Regular - Cursos Tecnológicos	56
		Curso de Educação e Formação (CEF)	43
		Curso de Educação de Adultos (EFA)	35
		Curso de aprendizagem	32
		Artístico Especializado (regime integrado)	32
		Recorrente	5
		Formação Modular	7
	Total		1.318

Fonte: CASA 2022

Figura 4. Projetos de promoção e proteção a autonomização



Fonte: CASA 2022

Como uma das respostas para jovens à saída da situação de acolhimento se dá a autonomia supervisionada, que o sistema de promoção e proteção criou para responder aos desafios colocados aos jovens em meio natural de vida (Alves, 2022), e conforme conceito apresentado pelo relatório CASA (p. 46, 2022):

autonomia supervisionada é uma resposta subsequente ao acolhimento residencial através de uma nova resposta protetiva em meio natural de vida no âmbito da qual se executa a medida de apoio para autonomia de vida, desenvolvida a partir de setembro de 2021, no âmbito do projeto de intervenção para C/JENA enquadrados por programa de relocação voluntária que o Estado Português se comprometeu, junto da Comissão Europeia, a acolher, proteger e integrar.

Sendo que, em 2022, dos 1.469 jovens com 15 anos ou mais que saíram do sistema de acolhimento, 123 jovens (8%) saíram com medida de apoio para autonomia de vida

(CASA 2022). Este número evidencia o trabalho e a necessidade de continuidade de proteção aos jovens que saem do contexto de acolhimento, ao proporcionar um acompanhamento efetivo com o fim da medida de acolhimento, a fim de contribuir para que estes jovens alcancem os seus objetivos em relação a projetos de vida, como destacam Vervliet *et al* (2024) a necessidade de *follow-up* para o caso dos C/JENA ao longo da vivência no país, e não somente no início ou durante o acolhimento institucional. No entanto, percebe-se que essa necessidade é necessidade ser garantida para toda população em transição para a autonomia, com intuito de assegurar uma transição segura e eficiente para a vida independente, e contribuir de forma significativa e contínua para a participação social e protagonismo juvenil.

2. Programas nacionais: um olhar sobre Academia de Líderes Ubuntu

Em Portugal, existem significativos projetos de educação no âmbito do desenvolvimento de competências de crianças e jovens, que são executados por Organizações não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPPS) e através de financiamentos privados e/ou de incentivos, como, a Direção-Geral da Educação, Câmaras Municipais, entidades privadas e entre outras.

Neste enquadramento, este estudo propõe um olhar sobre o projeto Academia de Líderes Ubuntu desenvolvido no Instituto Padre António Vieira (IPAV). Uma associação cívica sem fins lucrativos e reconhecida como IPSS e ONGD, atuante a nível nacional e mundial – presente em mais de 15 países – que carrega como missão a promoção da dignidade humana, sendo uma instituição especialista na dinamização da cultura colaborativa e na promoção da unidade na diversidade (IPAV, 2024).

O Método Ubuntu utilizado na Academia de Líderes Ubuntu é definido como um programa de educação não-formal de desenvolvimento de competências socioemocionais, que propõe durante a abordagem uma experiência participativa e relacional porque *“eu só posso ser pessoa através de outras pessoas, eu sou por que tu és.”* (Academia de Líderes Ubuntu, 2024). A palavra *“Ubuntu”* tem origem nos idiomas zulu e xhosa, ambos presentes no sul do continente africano, e tem como significado da filosofia a humanidade para todos (Cavalcante, 2020), também é, resultado da combinação de dois termos: *“Ntu”* que significa pessoa, e *“Ubu”* que significa *“tornar-se”*.

O projeto da Academia de Líderes Ubuntu, iniciado em 2010, *“orienta-se por uma ética do cuidado e promove a construção de pontes para o exercício de uma liderança servidora e transformadora das comunidades onde atua”* (Academia de Líderes Ubuntu, 2023, p.02). O modelo pedagógico desenvolvido tem centralidade nos participantes (crianças, jovens, técnicos e dirigentes) sendo aplicado em múltiplos contextos com diferentes tipologias, orientado para a capacitação dos participantes com elevado

potencial de liderança, provenientes de meios desafiantes ou que neles queiram trabalhar (*idem*).

Tem como objetivo o desenvolvimento de cinco competências-chave (pilares) que são imprescindíveis para a formação humana do “*tornar-se pessoa*”. As três primeiras competências focam-se nas competências pessoais e são elas o autoconhecimento, a autoconfiança e a resiliência, e as duas últimas, potencializam as competências sociais e relacionais através da empatia e do serviço (ALU, 2024).

Durante a formação na metodologia, líderes servidores de referência mundial são utilizados como inspiração, como: Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá, Desmond Tutu, Malala e, tendo como referência principal, Nelson Mandela. Além disso, líderes comunitários e locais são mencionados ao longo do processo de formação, para demonstrar que lideranças que atuam diariamente nos contextos e comunidades em que os jovens estão inseridos, exemplos concretos que englobam os princípios da *Liderança Servidora*, a partir dos fundamentos da Academia de Líderes Ubuntu (2024), o líder servidor é motivado por fazer a diferença na vida dos outros e no mundo que o rodeia:

(...) assumindo que é um caminho que implica um conjunto de competências que têm de ser desenvolvidas ao longo da vida. Na convicção de que as características de liderança se aprendem e se potenciam, a Academia de Líderes Ubuntu investe na capacitação de pessoas, com o objetivo de que cada um descubra quem é, que capacidades tem, quem quer servir e como quer servir.

A eficácia do sistema de acolhimento não se resume apenas à cuidados “básicos” e imediatos, este também deve auxiliar os jovens para desenvolverem ferramentas que os preparem para uma vida independente e produtiva, com as quais vão se deparar fora das instituições (Peixoto, 2011). Perante estas necessidades, é importante incluir dentro do plano de ação individualizado para o projeto de vida do jovem que se encontra em acolhimento, a preparação para autonomia e emancipação.

Em conjunto com apoio educacional e profissional, de forma efetiva e contínua, estimular o desenvolvimento e melhoria de competências emocionais e

comportamentais (Vinagre, 2021) (*soft skills*). Estas que são habilidades inerentes para resolver desafios do dia a dia e conquistar resultados, com outras pessoas e através das relações – pelo meio da promoção de competências como autoconhecimento, autoconfiança e resiliência, entre outras, que a inteligência emocional será fortalecida (Goleman, 2005), ampliando as possibilidades de uma aprendizagem bem-sucedida e a transição para a vida adulta integrada na sociedade, possibilitando que jovens em acolhimento sejam capazes de ter confiança para construir seu futuro.

A metodologia utilizada pela Academia de Líderes Ubuntu no contexto das Casas de Acolhimento tem o objetivo desenvolver as competências socioemocionais de jovens, de idade mínima de 13 anos, e máxima de 25 anos, acolhidos em Portugal, onde, ao vivenciarem a experiência imersiva da Semana Ubuntu (SU), o jovem é incentivado a encontrar o seu sentido e propósito de vida, através do *personal storytelling* e de dinâmicas de reflexão, ao trabalhar em cada jovem a consciência olhar para sua história de vida, com “*olhos Ubuntu*”, proporcione oportunidades durante formação, mas não só, com implicações positivas de aprendizagem que possam contribuir para seu futuro (ALU, 2023).

Brilhante *et al* (2024) menciona a educação socioemocional como o envolver de práticas que visam o desenvolvimento integral das competências dos indivíduos, com enfoque em aspectos cognitivos, habilidades emocionais e sociais. É através do desenvolvimento socioemocional que crianças e jovens se tornam capazes de lidar de forma eficaz com suas próprias emoções, compreender as emoções e atitudes dos outros, habilidades essenciais para enfrentar desafios, resolver conflitos e construir uma sociedade empática (*idem*).

2.1. Formação sobre o Método Ubuntu

A formação do método Ubuntu possibilita a capacitação de todos os participantes através de um percurso formativo estabelecido entre a Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento com o apoio do Instituto da Segurança Social. O programa formativo de 2023 contou com seminários da Academia de Liderança Colaborativa (ALC)

do Instituto Padre António Vieira que abrangeu cinco temáticas sobre Autoconhecimento, Autoconfiança, Resiliência, Empatia e Serviço para todos os técnicos das instituições inscritas no ano corrente (ALU, 2023). E para os técnicos que intencionavam animar a Semana Ubuntu, realiza-se conforme percurso formativo do método, a Formação Teórico-Conceptual (FTC) – formato e-learning e Formação Teórico-Prática (FTP) – formato presencial.

A FTC, durante dois dias, permite a introdução dos conceitos utilizados no projeto e a apresentação das competências e temas que serão abordados durante a SU e que engloba os três eixos da metodologia: a Liderança Servidora, a Construção de Pontes e a Ética do Cuidado através de fontes teóricas e metodológicas, durante a FTC são utilizados recursos lúdico-pedagógicos (animações, músicas, contos) que auxiliam na apresentação da metodologia (ALU, 2023).

No entanto, durante a FTP o objetivo é preparar os educadores (equipas técnicas) para a dinamização e implementação da SU, onde estes vivenciam na prática uma pequena amostra da SU, sendo convidados a participar de algumas das dinâmicas utilizadas na SU, do mesmo modo que, convidados a momentos de reflexão individual e coletiva com os outros participantes da formação. Nestes dois dias práticos também são explorados os planos de sessão para cada dia da SU (ALU, 2023). Após estas duas etapas, os educadores têm acesso a todos os recursos audiovisuais utilizados e aos planos de sessões para os cinco seminários da Semana Ubuntu (cinco dias) sendo eles: Liderar como Mandela, Construir Pontes, Vencer Obstáculos, Vidas Ubuntu e *“I have a Dream”*, possibilitando todos os materiais necessários à implementação das atividades para que os educadores estejam capacitados para animar a Semana Ubuntu com os jovens participantes das Casas de Acolhimento (*idem*).

No ano de 2023, foi realizada a 3ª edição da Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento. Entre junho e dezembro decorreu o percurso formativo apresentado anteriormente, sendo os resultados conforme o Relatório Final da Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento (2023), em números de educadores podemos observar que: a FTC contou com 124 participantes (técnicos), de 38 casas de acolhimentos (CA) distribuídas por todo o país; a FTP contou com 105 participantes, de 37 CA; já as SU

contaram com 64 participantes de 26 CA (24 CA e 2 AA); e a ALC contou com 61 participantes, de 27 CA. Já os jovens que participaram das 9 Semanas Ubuntu realizadas entre o período foi de 203 participantes, de 26 CA (24 CA e 2 AA).

2.1.1. Semanas Ubuntu e aplicabilidade do método

Na modalidade das Casas de Acolhimento a Semana Ubuntu acontece em formato residencial, na edição de 2023 encontravam-se 3 casas de acolhimento em conjunto para a SU – em torno de 20 a 30 jovens no total e uma média de 2 educadores da equipa técnica de cada casa de acolhimento. Os participantes convivem em um espaço residencial/hoteleiro durante os 5 dias de formação, com o intuito de proporcionar uma melhor vivência relacional com os outros participantes e educadores, ao construir uma mudança de contexto diferente do habitual e pernoitar em um espaço diferente. Para além dos momentos de formação da SU, também há momentos de entretenimento e convivência como atividades de lazer – caminhadas, jogos interativos, esportes – e realização das refeições na companhia uns dos outros (ALU, 2023).

Ressalta-se que para além dos cinco dias de formação da Semana Ubuntu, a Academia de Líderes Ubuntu também realiza encontros anuais regionais e nacionais para jovens que participaram da formação com a partilha de testemunhos, realização de atividades e workshops. É importante salientar que as evidências destas atividades conseguem ser verificadas através do *website* e redes sociais da Academia de Líderes Ubuntu, mas que devido muitas evidências serem internas para a instituição, não foi possível mencioná-las através de *corpus* documental.

A Semana Ubuntu está organizada em cinco dias, que decorrerem, preferencialmente, em dias consecutivos para trabalhar de forma contínua a metodologia criada juntamente com o Conselho Científico-Pedagógico Ubuntu. Dentro da metodologia foi criada a técnica do U, que é um caminho a ponta esquerda para a ponta direita, composto por cinco momentos (dias) diferentes em que serão analisados onde os dois primeiros significam a descida, o terceiro momento é dedicado na base, sendo o quarto e quinto momento dedicados a subida.

Explicitamente, esta dinâmica de imersão nas atividades e reflexões que serão trabalhadas no U consistem no primeiro dia, o início da descida no U, um dia mais expositivo e conceitual; o segundo dia a descê-lo, é um dia mais dinâmico, onde o autoconhecimento e autoconfiança são bastante trabalhados em atividades em grupos; o terceiro dia é a base do U, proposto como um dia de mais momentos de silêncio e introspecção, convidando os participantes a olhar para dentro de si, ao enxergar os obstáculos que foram superados com resiliência; o quarto dia começa-se a subir novamente o U, e é dedicado a histórias de vida, a maior abertura para o outro ao trabalhar a empatia e a importância do *storytelling*; e o quinto dia, novamente ao topo do U é um dia de sonhos, celebração e festa pelo percurso percorrido (ALU, 2023).

Como mencionado anteriormente, cada dia é desenvolvido dentro das cinco sessões temáticas: Liderar como Mandela, Construir Pontes, Vencer Obstáculos, Vidas Ubuntu e *I have a dream* (ALU, 2024). E, de acordo com o plano de sessão pré-estabelecido, são desenvolvidas atividades através de ferramentas como filmes, documentários, músicas, reflexões em grupo e individuais, e dinâmicas, no qual os participantes são convidados a dialogar sobre o impacto da atividade - sempre com a intenção de um convite.

Dentro de cada sessão as atividades desenvolvem uma principal competência/pilar, no entanto, todas as competências são trabalhadas em conjunto, de formas secundárias e indiretas, estruturadas de acordo com os objetivos pedagógicos e intencionalidade da aprendizagem (*idem*).

O impacto da SU é percebido normalmente é sentido a partir o segundo para o terceiro dia, a intensidade e varia acordo com cada grupo. O marcador para esta observação se dá devido ao longo do segundo dia, que é um dia de marcado pelo trabalho em equipa, autoconhecimento e autoconfiança, abrem caminhos para a introspecção e reflexão do terceiro dia, marcado por reflexões individuais. É partir destes dias, que se nota jovens a expor suas ideias, pontos de vista e história, começam a fazer amizades com jovens de outras casas e com os educadores, desenvolvendo a empatia e proximidade, ao fim da semana geralmente o grande grupo já está totalmente unido, familiarizado com as histórias de vida uns dos outros e não querem que estes dias acabem.

No quinto dia da formação é proposto e incentivado que após a Semana Ubuntu as casas de acolhimento criem momentos nas casas com dinâmicas, momentos acolhimento e entre outras propostas, para os jovens através dos Clubes Ubuntu se reúnam e continuem a aplicar a filosofia Ubuntu no dia a dia. No entanto, não foi possível avaliar a aplicabilidade desta proposta no contexto casas de acolhimento, porém, se faz importante transmitir a sensibilidade e as opiniões que a autora desta investigação recebeu, em primeira pessoa, de alguns educadores e pessoas que estão no terreno, quando estava a trabalhar no contexto escolas, de que na maior parte das vezes não há condições de tempo para dar continuidade e sustentabilidade nas atividades e intervenções para reforçar a formação recebida durante a Semana Ubuntu.

A investigadora deste estudo, a qual fez parte da Academia de Líderes Ubuntu, foi dinamizadora das Semanas Ubuntu, possibilitando analisar com propriedade o impacto de algumas das dinâmicas marcadoras de cada dia como: Os Balões, Aproxima-te da Linha e o Jogo das Cores, mas em virtude do sentido de surpresa que é planejada a Semana Ubuntu, a autora desta investigação prefere não descrever as atividades para não vir a desvendar as dinâmicas que a Academia de Líderes Ubuntu deseja criar dentro dos objetivos propostos das sessões.

3. Desenho metodológico

Para caracterizar os contextos de acolhimento de jovens de diferentes nacionalidades acolhidos em Portugal e conhecer os processos individuais de transição para a autonomização de jovens que participaram da formação da Academia de Líderes Ubuntu, bem como, o impacto desta nas suas vidas, optou-se para a recolha de dados dessa investigação realizar entrevistas semiestruturadas como metodologia qualitativa.

3.1. Participantes

Os participantes foram indicados por técnicos do IPAV e/ou contacto de técnicos do IPAV com equipas técnicas das Casas de Acolhimento, onde, após identificação conjunta de jovens que estão a iniciar o processo de pré-autonomização, ou já se encontravam em autonomização, foram realizados contatos formais diretos com os responsáveis legais destes nas instituições, explicitando os objetivos do estudo e solicitando a colaboração e convite aos jovens.

Um total de 15 convites formais foram realizados, tendo como aceite o total de 10 jovens, sendo destes, 5 se encontram nas Casas de Acolhimento em processo de pré-autonomia e os outros 5 estão em fase de autonomização vivendo em Apartamentos de Autonomia. Importante mencionar que 2 destes convites não foram aceites por jovens estrangeiros, um deles porque regressou ao país de origem e outro estava em trânsito para um novo país devido à reunificação familiar. Todos os jovens envolvidos neste estudo participaram de uma Semana Ubuntu compreendida entre o período de junho a setembro de 2023.

Os jovens entrevistados pertenciam a três diferentes grupos: jovens portugueses (n = 2), jovens imigrantes (n = 4) e jovens refugiados (n = 4). O consentimento foi obtido dos participantes, após receberam todas informações necessárias sobre o estudo, sendo formalizado através da assinatura na Declaração de Consentimento, para aqueles que no momento de recolha de dados eram menores de idade, o consentimento foi assinado por seus responsáveis legais nas Casas de Acolhimento, todos cientes da natureza

voluntária da participação e o comprometimento do estudo com os princípios éticos de confidencialidade na recolha e análise de dados.

3.1.1. Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas guiadas por perguntas previamente estabelecidas, disponíveis no *Anexo 1* desta investigação. O objetivo da entrevista era da recolha de informações pessoais e contextuais da situação de vida dos participantes antes do acolhimento e atualmente, bem como, relatos das experiências de vida, observar a possível participação dos entrevistados em programas e projetos de desenvolvimento de competências, da mesma forma que, o impacto da participação na Academia de Líderes Ubuntu, e perceber a inserção e participação social dos jovens diante da construção dos projetos de vida.

3.1.2. Procedimentos

As entrevistas foram realizadas através de um encontro via Plataforma Zoom com dias e horários escolhidos e sugeridos conforme disponibilidade de cada participante. Em cada entrevista foi novamente explicado o objetivo do estudo e a livre participação, ressaltando a garantia da proteção de confidencialidade e anonimato em todo tratamento de informação, e cada participante/responsável legal, assinou um termo de consentimento livre e esclarecido.

Cada entrevista foi gravada em formato de vídeo, com duração em torno de 20 a 40 minutos, os dados recolhidos foram armazenados de forma segura e usados unicamente para os propósitos deste estudo. Foi usada identificação numérica para os participantes como forma de minimizar o risco de identificação e ocultado nomes de pessoas e locais mencionados durante a recolha os quais pudessem identificar a localização ou qualquer informação sobre jovem. Posteriormente a gravação foi revista pela autora deste estudo, realizando assim, a transcrição dos áudios conforme pode-se analisar no Anexo

1, sendo que, para categorização dos dados qualitativos foi utilizada a análise temática de Bardin (1977) para organizar e interpretar os dados de forma sistemática.

4. Desenvolvimento de competências: o que perdura

Conforme mencionado anteriormente a amostra utilizada para esta recolha de dados foi no total de 10 entrevistados, o guião utilizado se encontra disponível no Anexo 1 deste trabalho. Diante da amostra entrevistada, 3 jovens são do sexo feminino e 7 jovens são do sexo masculino, sendo as idades compreendidas no momento da entrevista ocorrida em julho de 2024, de 14 anos a 22 anos, sendo 14 anos o participante mais novo, e 22 anos, sendo o participante mais velho, a média de idade entre toda a amostra é de 18,5 anos. A amostra consta com diferentes grupos conforme mencionados anteriormente, os países de origem dos 4 imigrantes são: Angola, Brasil, Cabo Verde e Espanha; dos 4 jovens refugiados os países de origem são: Afeganistão (3) e Sudão, e 2 jovens de Portugal.

Conforme mencionado anteriormente, em um esforço no sentido de quantificar e interpretar os resultados obtidos através da opinião dos jovens que participaram da formação na Academia de Líderes Ubuntu através da escala de avaliação de Likert, uma melhor compreensão de detalhes poderá ser obtida no item 4.3 deste capítulo, através da *Tabela 2* e *Tabela 3*. Mesmo não obtendo resultados precisos dado o reduzido número da amostra trabalhada, decidiu-se manter uma análise predominantemente qualitativa mas com o esboço da análise quantitativa.

Ainda assim, realizando-se a tentativa da atribuição de valor a opinião dos participantes, pode-se observar a média de avaliação por cada jovem na *Tabela 1* a seguir:

Ao atribuir valor a avaliação dos jovens, conforme é na *Tabela 1*, a média total de avaliação é de 3,6 pontos para as principais perguntas que envolvem a Academia de Líderes Ubuntu. Sendo o participante que avalia com resultado mais alto, o Jovem 2 com a média de 5 pontos; e o resultado mais baixo, o Jovem 8 com a média de 1,8 pontos. Considera-se importante ressaltar que estas médias são uma aproximação útil das respostas obtidas através da entrevista semiestruturada, mas que não permitem capturar toda a riqueza dos dados tratados através de avaliação qualitativa apenas com esta medida, e por isso, é sugerida a complementariedade da interpretação dos dados

contidos do Capítulo 4 através das transcrições das entrevistas presentes nos anexos desta investigação.

Tabela 1. Atribuição de valor a opinião dos participantes

Atribuição de valor às respostas	Perguntas:						Média:
	Jovem	1	2	3	4	5	
	1	5	3	2	5	3	3,60
	2	5	5	5	5	5	5,00
	3	5	5	5	5	1	4,20
	4	5	5	1	5	1	3,40
	5*	2	1	1	3	3	2,00
	6*	1	1	5	3	3	2,60
	7*	1	1	1	3	3	1,80
	8	5	5	5	5	3	4,60
	9	3	3	5	5	3	3,80
	10	5	5	3	5	5	4,60
Total:							3,56

* Observação sobre os relatos destes participantes será realizada na conclusão.

4.1. Informações pessoais e contextuais

Para os jovens imigrantes e refugiados quando perguntado o ano de chegada em Portugal, os mais recentes chegaram no ano de 2022, e o mais antigo no ano de 2006. Já quando sobre o tempo de acolhimento, o jovem acolhido mais recentemente tem 01 ano e 06 meses de acolhimento, enquanto, o jovem que está a mais tempo em acolhimento está há 17 anos. Ao serem questionados como ocupavam o dia a dia antes do acolhimento, 7 jovens responderam que estudam, sendo que 2 destes também trabalham esporadicamente. Antes do acolhimento a amostra apresenta-se heterogênea ao relatarem com quem viviam, sendo sempre com familiares (como avós, tias e primos, outros somente com a mãe e/ou irmãos, outros com ambos os pais e irmãos.

Dos 4 jovens que imigraram de forma voluntária, todos vieram acompanhados de pais, irmãos e/ou tia. Dos 4 jovens refugiados, 1 entrou em Portugal com a mãe e irmãos, 1 entrou com o tio e irmã mais nova e os outros 2 sozinhos, mas acompanhados de pessoas conhecidas nos seus países de origem. Ao realizar cuidadosamente a pergunta aos jovens refugiados de qual foi a motivação para deixar seu país, o Jovem 5 relata que:

Porque quando eu estava no Afeganistão, nós vimos que o Talibã chegar aqui, ele não deixa que toque música, toque algum restaurante. Nós, triste, porque não só no Afeganistão, em “nome da instituição ocultado”, todos tocam música. O meu professor diz que quando você toca música, você tem futuro melhor.

Este que foi um relato unânime entre os jovens refugiados que vieram do Afeganistão. A distribuição geográfica dos jovens entrevistados em Portugal é de 3 jovens na região Sul, 2 jovens da região Centro e 5 jovens na região Norte. As escolaridades são compreendidas entre o 7º ano e 12º ano, sendo dos jovens que concluíram o 12º ano, 1 se encontra a cursar o 3º ano de licenciatura em Educação Básica, outros 2 jovens foram aprovados no Ensino Superior e estão à espera do início do ano letivo 2024/2025, e 1 jovem está no aguardo para realizar a segunda fase dos Exames Nacionais. Dos outros 6 jovens, 1 está a cursar o Ensino Técnico Profissional e os outros 5 estão a cursar o ensino regular (2º ciclo e secundário).

4.2. Situação de vida atual (julho 2024)

Sobre a situação de vida atual, conforme os relatos, 5 jovens se encontram em autonomia de vida, já vivendo em apartamentos de autonomia com projetos de vida bem definidos e/ou em processo de definição, porém, 2 destes embora estejam em AA, se encontram a viver com familiares e são menores de idade, e durante as entrevistas demonstraram não ter um projeto de vida ainda bem estruturado. Dos outros 5 jovens que estão em casas de acolhimento, 1 está à espera de decisão judicial para ir para AA, sendo que apresenta um percurso de vida para durante e após a licenciatura bem definido; outros 3 jovens estão em pré-autonomização e percebe-se que a construção

dos projetos de vida estão a ser trabalhadas junto com as equipas técnicas e 1 jovem está em processo de pré-autonomização, mas a definir se irá para AA ou se reunificação familiar será possível, nas palavras do próprio

meu planeamento, como eu ainda tô na casa de acolhimento, era de prosseguir com os estudos para o ensino superior. Então, acredito que quando eu terminar, eu já vou estar pouco com uma idade assim de ter que me virar sozinha, então, não sei eu vou precisar de alguma ajuda nesse quesito de reunificação familiar." (Jovem 3).

Com exceção a este último jovem e os outros 2 jovens que vivem com familiares em AA, nenhum um outro apresentou a possibilidade de reunificação familiar quando forem desvinculados das instituições. De acordo com as respostas obtidas, é predominante que os jovens não estão inseridos integralmente no mercado de trabalho, no entanto, jovens que estão em apartamentos de autonomização relatam receber apoio económico do Estado (de acordo com o artigo 45.º da Lei n.º 142/2015 de 08 de setembro) para as despesas básicas.

No momento da entrevista em julho de 2024, 1 jovem estava a trabalhar em um supermercado com contrato de meio período mas diz para quando iniciar as aulas (em setembro 2024) irá se dedicar somente aos estudos; 2 jovens estavam a realizar trabalhos pontuais de apenas algumas horas no fim de semana em um restaurante, 1 jovem em AA (vive em outra cidade para cursar o Ensino Superior), mas durante os meses de julho e agosto, retorna para a cidade/casa de acolhimento onde não tem despesas, e durante estes meses, recebe um salário da instituição por ingressar na equipa da casa para atividades com as demais crianças da instituição; e outro 1 jovem tem remuneração do estágio mas a qual diz não ser suficiente para a autonomia de vida *"Seriam cento e poucos euros todos os meses. É valor baixo, sim, mas é sempre o que eu disse, ter part-time sempre é mais do que melhor"* (Jovem 10).

4.3. Participação na Academia de Líderes Ubuntu

Durante a condução da entrevista, foi realizado um bloco de perguntas sobre a participação dos jovens em programas e projetos de desenvolvimento de competências, tendo como objetivo perceber se já estiveram inseridos em outras atividades extracurriculares e de formação, bem como, verificar a opinião sobre a participação na Academia de Líderes Ubuntu.

Dos 10 participantes, 8 mencionam nunca ter participado de outras atividades, sendo que 2 destes dizem não ter participado de programas e projetos, mas que foram voluntários em atividades, sendo 1 jovem quando menor participou nos Escoteiros da cidade, e outro como voluntário no Banco Alimentar. Dos 2 jovens envolvidos em outras atividades, um deles responde que participou em uma associação com reuniões pontuais sobre o tema do *Cyberbullying* e relata que lá desenvolveu competências, mas não saberia dizer quais e atualmente participa de um projeto que "*(...) ajudou-me a ter uma participação mais ativa, ter uma opinião política mais ativa, ensinou-me bastante coisas sobre democracia, ouvir a opinião de pessoas (...)*" (Jovem 01). Já o outro diz que nunca participou de outros projetos além da ALU, mas está envolvido na Assembleia Nacional de Jovens Acolhidos (ANJA) – proposta no âmbito do Instituto da Segurança Social em parceria com o IPAV e participou da associação de estudantes de um instituto de educação português.

Quando realizada a pergunta sobre quais competências os jovens acreditam que desenvolveram durante a Semana Ubuntu dentre os pilares e eixos, 3 jovens mencionam ter desenvolvido o sentido de serviço/liderança servidora "*(...) temos que saber que isso é uma coisa importante no dia a dia. Temos de todos nos ajudar uns aos outros, mesmo em situações difíceis (...)*" (Jovem 9). Outros 3 jovens mencionam a empatia foi a competência mais importante para eles a ser desenvolvida, como o relato do Jovem 8:

(...) o que mais aprendi foi a ser mais empática, desde aí, não era que eu não tivesse empatia, eu tinha, mas acho que aí fez-me ser ainda mais empática e se calhar a conhecer-me melhor bocadinho (autoconhecimento mencionado indiretamente). (...) acho que foi

só para termos atenção às atitudes das pessoas, porque tudo tem por que, porque cada tem a sua história, às vezes podem reagir mal, mas têm algumas atitudes e nós não sabemos o que está por trás da pessoa.

O Jovem 3 menciona como a resiliência ter sido a melhor competência a ser desenvolver na semana devido situações que estava a vivenciar

tava com a cabeça pouco fora de mim. (...) durante essa semana, apesar de ter tido momentos em que foram divertidos e tudo, teve momentos em que eu fiquei assim sozinha (...) então, apesar de ter tido esses momentos ruins, eu consegui manter a semana de uma forma tranquila e equilibrada, apesar de tudo (...).

Outros 3 participantes, sendo eles oriundos do Afeganistão, dizem não recordar muito dos pilares abordados e da metodologia, resultado que implica em observações que serão realizadas posteriormente nas conclusões desta investigação, mas o Jovem 06 relata que:

Tantas as coisas eu esqueci, mas eu quando que eu fui para “nome do local ocultado”, nós chegamos, e depois nós estudávamos, estudávamos em uma sala, e depois eles deixaram um filme no projetor, e depois era dizer para mim o que você viu, o que aconteceu no filme e depois eu explicar para elas. Eu gostei muito. (...), mas nós fazemos muitas atividades, lembro da piscina, natação e nós jogamos futebol e jogamos games, outras coisas.

Quando perguntado o pilar (competência) que acreditam ter sido potencializado em suas vidas durante a SU, a grande maioria responde que o Serviço foi o mais presente, e vemos através do relato do Jovem 9, a consciência sobre a importância do desenvolvimento de competências para todas as pessoas *"Eu acho que nós todos já temos bocadinho cada desses pilares dentro de nós. Só que essa semana pode nos ajudar a perceber a importância desses pilares."*

Sobre o que foi transformado em relação ao jovem e seus projetos de vida, foram relatos significativos como o Jovem 3 que reconhece que após a SU usou mais do autoconhecimento *"(...) o autoconhecimento porque apesar de eu me considerar uma pessoa que me conheço bastante, parece que a participação faz você abrir, assim, os horizontes pra ver que talvez você não se conheça tanto quanto você acha que se conhece."*

E do Jovem 02 que reconhece ter tido mais autoconfiança *"(...) fez-me acreditar mais naquilo que eu penso, que eu pretendo fazer, até a própria frase do Nelson Mandela passou a ser a minha frase favorita que "tudo é impossível até que seja feito" (...)".*

Avaliando como os participantes acreditam que programas de educação não formal como a ALU são importantes e podem contribuir para a construção de projetos de vida dos jovens, o Jovem 2 testemunha:

uma atividade bastante necessária (...) principalmente neste âmbito dos jovens que vêm para casas de acolhimento (...) que requerem que o jovem seja retirado da própria família para a autonomia de vida, para promover a vida do próprio jovem, de criança e jovem. Falo por mim, já tive grandes dificuldades em próprio falar com as pessoas, com os meus próprios problemas, das minhas questões que me deixam aflitos e, portanto, a Academia Ubuntu faz-nos sentir, para além de sentir a vontade de partilhar essas coisas, também sentir que há pessoas querem o nosso bem, querem saber de nós. (...) É uma forma dos jovens exprimirem de uma forma aberta, sem nenhum tipo de julgamento. (...)

E o relato do Jovem 8:

Eu acho que ajuda a serem melhores pessoas. Eu, mas também porque já fui bocadinho mais velha para lá fazer o projeto, então eu já falava bem da minha história, já tinha tudo resolvido, não me importava de partilhar a minha história, já me conhecia bem, (...) mas para os outros acho que isso é muito bom porque aquela semana, eu acho que aqui na instituição a muitos deles acho que lhes ganharam mais confiança, mais autoestima,

acho que se conheceram melhor, já conseguem partilhar a história, já não gozam com as histórias uns dos outros porque cada tem a sua. Nenhuma é menos boa que a outra, todos têm os seus problemas, não há ninguém que não tenha os seus problemas. (...)

Ao realizar a pergunta final deste bloco sobre como os participantes acreditam que pode ser melhorado no programa para ajudar jovens na situação de acolhimento, o Jovem 10 relata que a abrangência da faixa etária do grupo:

é uma faixa de idade enorme, tem coisas que agradam às pessoas depois dos 15 e coisas que agradam menos às pessoas depois dos 15, também tem isso, cada faixa de idade tem os seus próprios interesses. Eu, por exemplo, não gosto muito de joguinhos, de estar ali e fazer brincadeiras, mas eu sei que teve gente que gostou disso, não é bem da minha faixa, não é da minha faixa, não é do meu gosto. Mas eu sei que pode ajudar outras pessoas então, sinceramente, eu não sei como apontar aspecto negativo.

Já o Jovem 2 relata:

(...) os jovens sentiram ali bastante acolhidos, portanto, sentiram-se bem naquela semana com os outros jovens que nunca tinham visto na vida e, portanto, conheceram pessoas, conheceram histórias semelhantes, histórias mais difíceis e, portanto, foi ali bastante necessário. (...) acho que devia ser aumentado o tempo da Semana Ubuntu, se calhar um mês Ubuntu.

Demonstrando sua intenção de ter continuidade ao trabalho que a Academia de Líderes Ubuntu.

Como mencionado na introdução deste capítulo, a intenção de quantificar e interpretar os resultados obtidos através da opinião dos jovens diante da escala de avaliação de Likert, diante da *Tabela 2* e *Tabela 3* é possível entender o pequeno exercício que tentou-se realizar.

Tabela 2. Atribuição de pontos através da Escala de Likert

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente

Tabela 3. Principais perguntas sobre a Academia de Líderes Ubuntu

Afirmação:	Jovem	Alternativa da resposta				
		1	2	3	4	5
Desenvolveu alguma competência durante a SU.	1					x
	2					x
	3					x
	4					x
	5		x			
	6	x				
	7	x				
	8					x
	9			x		
	10					x
Afirmação:	Jovem	Alternativa da resposta				
		1	2	3	4	5
Acredita que alguma das competências já estava em desenvolvimento mas a SU potencializou	1			x		
	2					x
	3					x
	4					x
	5	x				
	6	x				
	7	x				
	8					x
	9			x		
	10					x
Afirmação:	Jovem	Alternativa da resposta				
		1	2	3	4	5
A SU transformou algo em relação ao jovem e projetos futuros.	1		x			
	2					x
	3					x
	4	x				
	5	x				
	6					x
	7	x				

		8					x
		9					x
		10			x		
Afirmação:	Jovem	Alternativa da resposta					
		1	2	3	4	5	
Acredita que programas como a ALU são importantes e podem contribuir para a construção de projetos de vida dos jovens.	1						x
	2						x
	3						x
	4						x
	5			x			
	6			x			
	7			x			
	8						x
	9						x
	10						x
Afirmação:	Jovem	Alternativa da resposta					
		1	2	3	4	5	
Acredita algo deva ser melhorado na ALU.	1			x			
	2						x
	3	x					
	4	x					
	5			x			
	6			x			
	7			x			
	8			x			
	9			x			
	10						x

Através da opinião de cada jovem foi atribuído uma pontuação, conforme a *Tabela 2*, sendo para a resposta mais completa atribuído valor 5, e a resposta menos completa, valor 1. Aqueles que não expressaram opinião ou a pergunta não tenha sido realizada foi atribuído valor neutro. Reforça-se mais uma vez a dificuldade de ter uma resposta exata através de entrevista semiestruturada, e que este foi um exercício na tentativa de quantificar as respostas.

4.4. Bem-estar e inserção social

Ao decorrer do bloco de perguntas sobre bem-estar e inserção social, a primeira pergunta realizada foi de como o jovem se sente inserido na casa de acolhimento, com os demais jovens, com a equipa e na escola, 8 dos 10 jovens relatam ter boas relações com os jovens da casa e equipas, grande parte também relata momentos de lazer com amigos aos fins de semanas e colegas da escola, já 1 jovem relata não ser muito sociável e ir para escola somente para estudar, e outros 3 jovens – sendo estes imigrantes e refugiado – relatam ter tido inicialmente relações conturbadas permeadas de discriminações como bullying, racismo e xenofobia, mas que agora estão melhor inseridos e com estas situações resolvidas.

Ao questionar se sentem que possuem uma pessoa adulta com quem podem conversar sem julgamentos, 3 participantes dizem que possuem alguém das equipas técnicas e/ou funcionários da instituição em quem podem confiar, apenas 1 jovem mencionou familiares. E ao abordar como são as relações de amizade dentro e fora da casa, a resposta é homogênea sobre as boas relações dentro da casa de acolhimento, relatam terem amigos e proximidade com os outros jovens, já nas relações fora da casa, as respostas se demonstram heterogêneas, como ter amizades com jovens que já saíram das casas de acolhimento, amigos da escola e de outras nacionalidades. E, conforme relata o Jovem 3 relata:

(...) somos conhecidos por sermos muito acolhedores, muito calorosos e aqui parece que as pessoas são pouco mais fechadas e assim. Então foi meio chato de me adaptar quando eu consegui. (...) posso dizer que a minha melhor amiga é portuguesa, mas ela também morou aqui no lar, por isso que a gente é tão amiga, ela morou no lar (...)

Sobre a dificuldade de fazer amigos em um novo país devido as personalidades e culturas. E ao perguntar para os jovens imigrantes e refugiados se sentem-se acolhidos e próximos de pessoas portuguesas a maioria responde positivamente sobre ter amigos e terem sido bem recebidos.

4.5. Projetos de vida e participação social

Todos os entrevistados, embora alguns estejam em diferentes fases de pré-autonomização e autonomização, mencionam desejar para seus projetos de vida a conclusão dos estudos no Ensino Secundário e ingressar no Ensino Superior para obterem uma profissão, também a relatos de que desejam ter sua própria empresa e desejam realizar concursos públicos, e apenas 1 jovem não demonstrou interesse de ingressar no Ensino Superior. Além disso, mencionam querer um futuro com a constituição de uma família e outros desejam viver experiências em outros países.

Quando realizadas perguntas no âmbito da participação social como sobre a relação com a comunidade e se tem vontade de participar socialmente na comunidade em que está inserido, apenas 2 respondem que estão a participar de outros projetos e demonstram interesse em permanecer, como Conselhos Municipais da Juventude e participação política, os demais não tiveram opinião, ou devido respostas anteriores, a pergunta não foi realizada.

4.6. Experiências de vida

Como a entrevistadora não possuía nenhuma informação sobre os jovens que participaram deste estudo, e na tentativa de conhecê-los melhor e perceber o porquê de algumas respostas, foram realizadas duas perguntas finais através das histórias de vida dos participantes, sendo que a primeira se baseava em uma história ou experiência de vida significativa, os relatos são diversos como a dificuldade de se adaptar em um país com um novo idioma, conforme relata o Jovem 6 *“primeiro eu tento aprender português porque é muito importante para mim e depois eu tento crescer por ensino futuro. São duas coisas que são muito importantes para mim, e também outras coisas, mas duas coisas são muito importantes.”*

E o relato do Jovem 8 sobre receber a aprovação no ensino Superior e falar sobre o estigma que jovens acolhidos tendem a ultrapassar:

Entrar na universidade foi momento muito feliz. Eu achava que não era capaz, mas só o facto de ter recebido aquele e-mail que fiquei colocada na primeira fase, fiquei muito orgulhosa porquê (...) acho que ainda há algum preconceito por meninos que sejam da instituição ou porque são mal-educados ou porque se portam mal ou são vândalos ou isto ou aquilo, e eu não sou assim, mas, às vezes também entro no mesmo saco porque alguns meninos realmente são, pronto, portam-se mal ou assim, mas estão revoltados com a vida deles. E então só o facto de ter recebido aquele e-mail acho que me encheu de orgulho e esse dia foi importante (...)"

E o relato do Jovem 02 que consegue através das dificuldades que enfrentou retirar momentos de aprendizagem, e hoje percebe sua história de vida de forma ressignificada:

todos os passos, até as próprias dificuldades que eu tive na vida, foram momentos de aprendizagem e é uma capacidade que tenho depois aprender com essas dificuldades, com essas lições de vida, para que depois não possa repetir o mesmo erro. Portanto, eu acho que esse é o grande ensinamento das experiências que eu tenho tido, tanto a nível positiva como negativa. (...) vale também realçar que também, a partir da Casa de Acolhimento, também consegui focar mais a nível pessoal, portanto, nomeadamente nos estudos, no meu desenvolvimento pessoal, portanto, foi aqui, digamos, o empurrão para me decolar (...) inicialmente complicado, mas depois adaptei-me e depois consegui mesmo aproveitar esta oportunidade de vida.

E a segunda pergunta foi sobre qual o maior desafio que enfrentou, onde caso observasse não ser uma pergunta sensível aos participantes que fossem imigrantes e refugiados, transpor para qual o maior desafio que enfrentou ao se adaptar em Portugal, a maioria das respostas são sobre adaptação sem a família, adaptação cultural e do idioma e a nível pessoal sobre superar as dificuldades, como o relato do Jovem 9:

houve vários desafios durante a vida, pronto, e que me fizeram ir abaixo durante vários momentos da vida. Mas conselho que eu posso dar é tentar pensar numa dificuldade como uma oportunidade para aprender uma coisa. Ou, por exemplo, para não voltar a repetir erro do passado (...).

As experiências de vida relatadas pelos jovens são permeadas por histórias de profunda resiliência e capacidade superação em meios desafiantes, e demonstram o papel fundamental de desenvolver competências socioemocionais para aumentar suas capacidades de transformar as experiências negativas em aprendizado (Fonseca e Andrade, 2021) para o crescimento pessoal.

Considerações Finais

O contexto atual, de acolhimento em Portugal, é caracterizado pela diversidade de perfis que exigem respostas adequadas às necessidades individuais dos acolhidos, principalmente, no que diz respeito ao crescente número de jovens imigrantes e menores estrangeiros não acompanhados acolhidos no país. Cabe ao acolhimento institucional uma intervenção adequada e co-construída (Timóteo e Bertão, 2012) para atender às características e expectativas para a construção de projetos de vida e a vida autónoma. Por isso, as medidas de proteção têm-se concentrado em preparar o público acolhido para a autonomia de vida (CASA, 2022).

Com esta investigação pretendeu-se analisar se as casas de acolhimento estão a cumprir a concretização do projeto de vida, a proteção e promoção de direitos (Portaria n.º 450/2023, de 22 de dezembro, art. 3) dos jovens de inúmeras nacionalidades acolhidos em Portugal, proporcionando a construção do projeto de vida com bases na educação, a nível profissional, mas também no âmbito do pessoal, na promoção do desenvolvimento de competências socioemocionais para garantia de uma transição para vida adulta com segurança e dignidade.

No término desta investigação, é necessário refletir sobre seu o desenvolvimento, bem como, os problemas e desafios encontrados. E importa-se perceber se os objetivos propostos inicialmente foram atingidos, sendo eles:

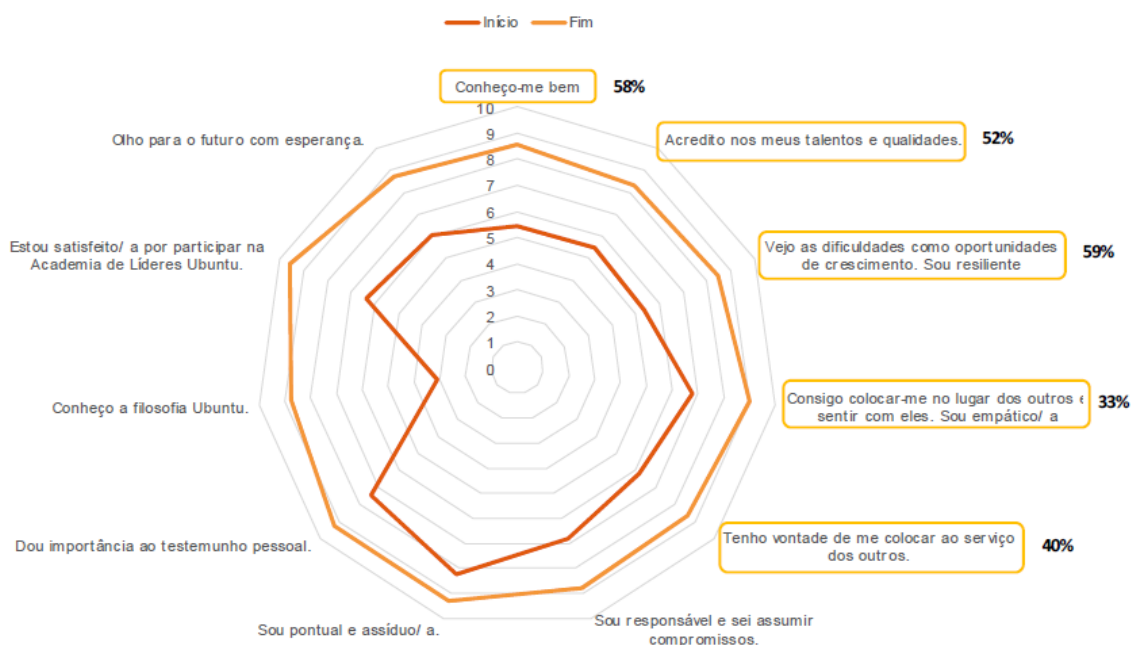
- 1) Compreender o contexto dos jovens nas Casas de Acolhimento e se estão sendo realizadas intervenções adequadas para atingir seus objetivos e autonomia nos projetos de vida;
- 2) Analisar o programa Academia de Líderes Ubuntu no contexto das Casas de Acolhimento a partir da opinião de jovens participantes nesta formação.

No que diz respeito ao primeiro objetivo, a partir da literatura encontrada, do contexto e dos relatos dos entrevistados, as intervenções adequadas e o apoio técnico estão sendo fornecidos, bem como, as casas de acolhimento e os técnicos demonstram estar desempenhando um papel crucial ao desenvolvimento e autonomia dos jovens. A amostra entrevistada é um número humilde em relação a população total acolhida em

Portugal, impossibilitando identificar aspectos maiores que necessitam ser aprimorados, nem como, os possíveis aspectos em falta.

Porém, a ação do Instituto da Segurança Social, em parceria com a Academia de Líderes Ubuntu Casas de Acolhimento e em conjunto com as equipas técnicas, através dos resultado final da Avaliação de Impacto realizada em 2023 pela Academia de Líderes Ubuntu com os dados obtidos nas nove Semana Ubuntu realizadas, que pode ser observado através da *Figura 5* , evidenciam a busca por caminhos alternativos e inovadores para fornecer intervenções adequadas para o desenvolvimento de competências dos jovens acolhidos e socialização.

Figura 5. Avaliação de Impacto 2023 - Academia de Líderes Ubuntu



Fonte: ALU 2023

Além de que, foi possível observar através da recolha de dados a confiança que os jovens demonstram ter nas equipas técnicas através do incentivo à educação, desenvolvimento pessoal e autonomia, apontam que as instituições têm trabalhado ativamente em sentido de ajudarem os jovens a atingirem seus projetos de vida e obterem plena integração na sociedade.

No que diz respeito ao segundo objetivo, embora os resultados observados nas entrevistas e através da Avaliação de Impacto apresentada pelo programa seja positivo, em relação a efetividade da aplicação do programa Academia de Líderes Ubuntu nas casas de acolhimento, faz-se importante ressaltar dois pontos para ter atenção e melhoria no programa. Sendo o primeiro, como mencionado anteriormente, a sustentabilidade das atividades de formação a longo prazo, porque embora a Semana Ubuntu forneça uma formação imersiva e de grande impacto, é importante que haja um acompanhamento contínuo, como o que é sugerido a partir da própria Academia de Líderes Ubuntu que são os Clubes Ubuntu, afins de garantir a efetividade para manter os aprendizados após a formação.

É pertinente refletir sobre o segundo ponto, que foi mencionado no capítulo 4, item 4.3 sobre o caso de 3 jovens participantes que durante as entrevistas dizem não recordar muito dos pilares abordados e da metodologia, o que reforça a necessidade de após a Semana Ubuntu manter-se os aprendizados, já que os jovens foram entrevistados um ano após a formação, mas também sobre a garantia no processo de integração. Nestes 3 casos específicos, embora na perspectiva dos mesmos demonstrem terem sido bem acolhidos e se sentirem em família, conforme relatos do Jovem 5, o que vai de encontro com um dos propósitos da Semana Ubuntu, mas que por outro lado falha quando 3 de 4 dos jovens refugiados entrevistados – não proficientes da língua portuguesa no momento da formação – recordam -se minimamente ou nada sobre os pilares e a Filosofia Ubuntu.

Demonstrando-se evidente as barreiras linguísticas para casos como estes, sendo necessário que as casas de acolhimento, a Academia de Líderes Ubuntu e o Instituto da Segurança Social em conjunto venham a garantir um tradutor em tempo integral, ou, na melhor das hipóteses, um intérprete no idioma dominante dos jovens, para que estes compreendam por inteiro sobre a Filosofia Ubuntu e proporcione reflexões profundas sobre as atividades dinamizadas, e desta forma possam usufruir das atividades da mesma medida que os jovens falantes de português. Cabe a estes agentes envolvidos reanalisarem o protocolo/contrato para assegurar como estes recursos possam ser garantidos para uma integração efetiva.

Por fim, no que diz respeito ao segundo objetivo, é possível afirmar com base nos dados obtidos e analisados, que o impacto da Academia de Líderes Ubuntu é significativamente positivo. O programa no contexto casas de acolhimento surge com uma ferramenta inovadora para fortalecer o desenvolvimento de competências socioemocionais, determinantes para uma autonomia de vida bem-sucedida. Demonstra através da utilização de métodos de educação não-formal ser uma abordagem eficaz no desenvolvimento de competências, como as propostas pelo programa (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço), além de que, proporciona um empoderamento individual e coletivo através da proximidade e relação estabelecida, e envolvimento direto dos jovens através de uma participação ativa durante a formação. No entanto, a duração limitada e falta de acompanhamento a longo prazo pode demonstrar dificuldades em consolidar as competências adquiridas, e promover mudanças permanentes, especialmente em jovens com necessidades mais complexas.

Realizada a análise e respondidos os dois grandes objetivos traçados, resta responder à pergunta de partida desta investigação: o desenvolvimento de competências socioemocionais, promovidos através de programas sociais tem impacto positivo na construção de projetos de vida de jovens de diferentes nacionalidades acolhidos em Portugal? Portanto, a investigação confirma que o desenvolvimento de competências socioemocionais promovido por programas de educação não formal, como a Academia de Líderes Ubuntu, demonstra-se eficaz para a construção dos projetos de vida dos jovens, auxiliando os jovens a desenvolverem autonomia, habilidades interpessoais e resiliência emocional, fundamentais para uma transição segura para autonomia de vida. Mas evidencia a necessidade de adequação às barreiras linguísticas para Semanas Ubuntu com participantes não proficientes de português, bem como, que a consolidação dos seus efeitos a longo prazo, dependerá da garantia e sustentabilidade de acompanhamento contínuo.

Fontes Primárias

Academia de Líderes Ubuntu. (2024) . <https://www.academialideresubuntu.org/pt/>

Academia de Líderes Ubuntu. (2024). *Aprendizagem por modelos de referência*.
<https://www.academialideresubuntu.org/pt/academia-de-lideres-ubuntu/metodologia>

Academia de Líderes Ubuntu. (2024). *Escolas Ubuntu*. <https://www.escolasubuntu.pt/>

Academia de Líderes Ubuntu. (2024). *Fundamentos*.
<https://www.academialideresubuntu.org/pt/o-ubuntu/fundamentos>

Academia de Líderes Ubuntu. (2023). *Relatório Academia de Líderes Ubuntu – Casas de Acolhimento*.

ACNUR. (1994). *Refugee children: Guidelines on protection and care*.
<https://www.unhcr.org/publications/refugee-children-guidelines-protection-and-care>

Diário da República. (1999). *Lei n.º 147/99, de 1 de setembro*. Diário da República, 1.ª série, n.º 204. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/147-1999-581619>

Diário da República. (2008). *Lei de Asilo, Lei n.º 27/2008*. Diário da República, 1.ª série, n.º 124. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/27-2008-456263>

Diário da República. (2015). *Lei n.º 142/2015 de 08 de setembro, Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo*. Diário da República, 1.ª série, n.º 174, 08 de setembro de 2015. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/142-2015-70215246>

Diário da República. (2023). *Deliberação n.º 901/2023, de 13 de setembro*. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/deliberacao/901-2023-221578737>

Eurocid. (n.d.). *Rotas migratórias de entrada na UE*. Ministério dos Negócios Estrangeiros. <https://eurocid.mne.gov.pt/artigos/rotas-migratorias-de-entrada-na-ue#toc-rota-do-mediterr-neo-oriental>

Instituto Padre António Vieira. (2024). <https://www.ipav.pt/index.php/pt/>

Portugal. (2018). *Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho*. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>

Portugal. (2023). *Portaria n.º 450/2023, de 22 de dezembro*. Diário da República n.º 246/2023, Série I. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/450-2023-812826259>

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2009). *Recepção, Retorno e Integração de Menores Desacompanhados em Portugal*. Rede Europeia das Migrações.

UNICEF Portugal. (2021). *Relatório: A integração de crianças e jovens migrantes e refugiados em Portugal*. UNICEF Portugal. https://www.unicef.pt/media/3515/relatorio_a-integrac-a-o-de-cna_junho2021_final.pdf

Referências bibliográficas

Alarcão, M. (2000). *(Des) equilíbrios familiares: Uma visão sistemática*. Quarteto.

Almeida, M. I. G. de. (2020). *A influência das experiências de acolhimento institucional nos percursos pós-institucionais*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa.

Alves, J. C. (2022). *Do acolhimento residencial para o mundo exterior: Que desafios no processo de autonomização*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

Andrade, A. M. P. V. (2024). *O acolhimento dos refugiados provenientes do Médio Oriente, os direitos humanos e a capacidade de resposta da UE: O caso dos refugiados sírios*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/45660>

Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa.

Brilhante, I. L. da C., França, T. S., Neto, J. L., Rodrigues, T. de A., & Duarte, F. R. (2024). *A educação socioemocional e seu impacto no desenvolvimento integral das crianças*. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Carvalho, M. A. S. (2021). *Convívio familiar e institucionalização: Vivência de jovens em um acolhimento em repúblicas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.

Comissão Europeia. (2022). *Statistics on migration in Europe*. European Commission. https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/promoting-our-european-way-life/statistics-migration-europe_pt

Comité Económico e Social Europeu. (2020). *Proteção dos migrantes menores não acompanhados na Europa*. Jornal Oficial da União Europeia.

Conselho Português para Refugiados. (2024). *A aprendizagem da língua como um dos principais fatores de integração*. Recuperado de <https://cpr.pt/formacao/>

Costa Leite, C. (2018). *Do acolhimento ao projeto de vida: A perspetiva dos assistentes sociais sobre o acolhimento residencial*. Dissertação de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Repositório ISCTE.

Diário da República. (2023). Deliberação n.º 901/2023, de 13 de setembro. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/deliberacao/901-2023-221578737>

Direção-Geral da Educação. (2020). *Menores estrangeiros não acompanhados (MENA) - Guia de acolhimento para educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário*. Ministério da Educação de Portugal. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/Crianças_jovens_refugiados/guia_acolhimento_mena_agosto2020.pdf

Estoura, D. e Roberto, S. (2018), “*The RAISE model: psychosocial intervention in residential care for refugee unaccompanied minors*”. Residential Treatment for Children & Youth.

European Education Area. (n.d.). *Integração dos refugiados e dos migrantes nos sistemas de educação e formação*. <https://education.ec.europa.eu/topics/european-education-area>

Fernandes, P. (2013). *Incursões em torno do projeto de vida em acolhimento institucional - Do conceito à intervenção*. Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Fonseca, F. P. S. da, & Andrade, L. C. de (Orgs.). (2021). *Ensaio sobre as abordagens de ensino e aprendizagem: Perspectivas e experiências*. Schreibern.

Goleman, D. (2007). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. Batam.

Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Lisboa: Textos Editores, LDA.

Governo da República Portuguesa. (2022). *Portugal recebe 37 refugiados, na maioria crianças e jovens não acompanhados.*

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=portugal-recebe-37-refugiados>

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52020IE2281>

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28911>

Melim, L., & Rodrigues, L. (2022). *A educação não-formal como um espaço de liberdade.* Centro de Investigação em Educação (CIE-UMa)

Moroni, L. (2021). *Migração e sustentabilidade: o caso do Mediterrâneo.* Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/24003>

Munro, E. R., Stein, M., & Ward, H. (2005). *Comparing how different social, political and legal frameworks support or inhibit transitions from public care to independence in Europe, Israel, Canada and the United States.* International Journal of Child and Family Welfare.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* Paz e Terra.

Oliveira, S. C. (2020). *A problemática dos refugiados e as necessidades de proteção das crianças.* Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa.

Peixoto, L. A. (2011). *Sentidos sobre o processo de saída de adolescentes de uma instituição de acolhimento.* Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas.

Roberto, S., & Moleiro, C. (2021). *De menor a maior: Acolhimento e autonomia de vida em menores não acompanhados.* Alto Comissariado para as Migrações, I.P.

South, L., Saffo, D., Vitek, O., Dunne, C., & Borkin, M. A. (2022). *Effective use of Likert scales in visualization evaluations: A systematic review.* Northeastern University.

Stein, M., & Munro, E. R. (2008, julho). *The transition to adulthood for young people leaving public care: International comparisons and perspectives. Care matters: Transforming lives – improving outcomes conference.* Keble College, Oxford, UK.

- Teixeira, V. L. D. S. (2021). *Imigrantes angolanos em Portugal: Resiliência às crises e impacto no envio de remessas para suas famílias*. Dissertação de mestrado, Universidade NOVA de Lisboa.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). *Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos*. *Sensos: Revista de Ciências Sociais*.
- Valle, J. F., & Bravo, A. (2013). *Current trends, figures and challenges in out of home child care: An international comparative analysis*. *Psychosocial Intervention*.
- Vervliet, M., De Mol, J., Broekaert, E. e Derluyn, I. (2014), "That I live, that's because of her Intersectionality as framework for unaccompanied refugee mothers' experiences", *British Journal of Social Work*.
- Vinagre, M. (2021). *O processo de acompanhamento dos jovens após o acolhimento residencial: Projeto SEGue - Salto em Grande*. Projeto de mestrado, Universidade Católica Portuguesa.

Anexos

Anexo 1. Guião entrevista semi-estruturada

Informações pessoais e contextuais:

1. Nome (se for o caso de identificar);
2. Idade;
3. País de origem;
4. Se for imigrante ou refugiado, há quantos anos está em Portugal?
5. Veio acompanhado ou solo (pergunta para caso de imigrante e refugiado);
6. Se jovem refugiado que veio sem família, tem contato com a família? Se possível abordar quais são as possibilidades de reunificação familiar.
7. Se encontra em acolhimento, como está o processo de pré ou autonomização ou em autonomia de vida? (perceber em que fase está).
8. No país de origem, como ocupava o dia a dia? (estudos, trabalho, ambos em simultâneo?)
9. Se imigrante/refugiado, se possível abordar (perceber se é uma pergunta sensível), qual a principal motivação para a saída do país?
10. Nível de escolaridade atual?

Situação atual de vida:

11. Pela situação que se encontra neste momento, a perspectiva de quando sair da casa de acolhimento é reunificação familiar ou autonomização? Se ainda não tiver estiver esclarecido.
12. Se for pré-autonomização, já se encontra sendo preparado para autonomia de vida?
13. Participa de oferta formativa remunerada? Se sim, e for possível abordar, qual a média financeira que recebe?
14. Trabalha? Com o que? Se sim, e for possível abordar, qual a média financeira que recebe?
15. Se tem remuneração, acredita que esses valores são suficientes para suas despesas no momento? E para quando estiver em autonomia?

Participação em programas e projetos de desenvolvimento de competências e impacto da participação na Academia de Líderes Ubuntu:

16. Quais atividades extracurriculares que frequenta ou já frequentou?
17. Já participou de outros programas/projetos de desenvolvimento de competências além da ALU? Se sim, quais?
18. Durante a participação na ALU: quais foram os principais impactos percebidos durante a semana? (Ex: nota que dialogou, refletiu, sentimento de pertença/acolhimento, união de grupo?).
19. Qual competência socioemocional que acredita que mais desenvolveu na semana? (Dentro dos pilares trabalhados: autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia, serviço).
20. Dentro dos eixos o que acredita que mais desenvolveu na semana? (Dentro dos eixos trabalhados: ética do cuidado, construção de pontes, liderança servidora).
21. O que acredita que já estava em desenvolvimento (de pilar ou eixo) mas que a SU potencializou?
22. O que acredita que a SU possa ter transformado em relação a ti mesmo e aos teus projetos futuros?
23. Depois de vivenciar a experiência da ALU me conta se você acredita que programas de educação não formal podem ser importantes e contribuir para construção de projetos de vida dos jovens e por quê?
24. E o que acredita que pode ser melhorado neste tipo de programa para ajudar jovens em situação de acolhimento?

Bem-estar e inserção social:

25. Como se sente inserido na casa de acolhimento, com os demais jovens, com a equipa, na escola?
26. Sente que possui um adulto com quem pode contar?
27. Como são as relações de amizade e/ou proximidade com outros jovens da casa e dos espaços em que frequenta?

28. Se jovem imigrante ou refugiado, como sente a relação com pessoas portuguesas? Sente acolhimento/proximidade?

Projetos de vida e participação social:

29. Você tem um projeto de vida em andamento? Se sim, o que tem definido até agora?
30. Quais são teus sonhos e expectativas para este projeto de vida?
31. Tem algo que você gostaria de alcançar no futuro tanto pessoal como profissionalmente que ainda não esteja delineado nesse momento?
32. Existe algum tipo de apoio que você sente falta neste momento e que seria importante nos teus projetos?
33. Como se enxerga em relação a comunidade onde estás?
34. Tem vontade de participar socialmente?
35. O que entende pelo teu papel na comunidade?

Experiências de vida:

36. Pode me contar uma história ou experiência de vida significativa?
37. Qual o maior desafio que enfrentou? Se imigrante ou refugiado e se possível abordar (perceber se é uma pergunta sensível), qual maior desafio que enfrentou para se adaptar em Portugal?

Anexo 2. Transcrições das entrevistas

Anexo 2.1. Transcrição da entrevista nº 01

Entrevistado(a): Jovem 01

Data: 15/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 33 minutos e 08 segundos

Entrevistadora: Olá “Jovem 01” está tudo bem contigo? Eu sou a Marri e já fiz parte da Academia de Líderes Ubuntu e do IPAV (instituto Padre António Vieira) e eu cheguei no teu contato através do Leandro que foi o educador que estive na Semana Ubuntu contigo. Tu sabe né?

Jovem 01: Sim sim, ele disse-me.

Entrevistadora: Então o meu intuito de fazer essa entrevista contigo é que estou a fazer o meu estudo para a dissertação do mestrado e estou nela a pesquisar sobre jovens que participaram da Academia de Líderes Ubuntu, jovens estes que estão em acolhimento e como está sendo o processo da construção de projetos de vida, assim como, o que tu tem em mente sobre o teu futuro, qual foi o impacto da ALU na tua vida e assim, é uma conversa muito tranquila, são perguntas abertas que tu responde conforme se sentir confortável está bem? Eu vou te fazendo aqui algumas perguntas na nossa conversa e tu vai me respondendo conforme a resposta vier pode ser?

Jovem 01: Sim, espere só eu mudar aqui (de lugar com o computador) porque a luz está péssima. Assim fica melhor (uma fala posterior inaudível)... pronto, fique a vontade!

Entrevistadora: Estás sozinho “Jovem 01”? Só para tu se sentir confortável a responder?

Jovem 01: Sim, estou sozinho.

Entrevistadora: Pronto, podemos começar então?

Jovem 01: Pode, pode.

Entrevistadora: “Jovem 01” só para saberes que essa entrevista está sendo gravada mas somente para eu transcrever este áudio porque em nenhum momento estas imagens serão utilizadas, nem teu nome e nem nada de dados pessoais teus (serão utilizados). Somente as respostas dessa conversa mesmo.

Então “Jovem 01” qual a tua idade?

Jovem 01: Eu tenho 17 anos.

Entrevistadora: E onde tu nasceu?

Jovem 01: Eu nasci em Angola, Luanda.

Entrevistadora: E há quanto tempo tu vive em Portugal?

Jovem 01: Eu estou em Portugal desde de 2019, em abril.

Entrevistadora: 2019 então está aqui há 5 anos mais ou menos. E tu morou em algum outro país antes de viver aqui?

Jovem 01: Sim, já morei na França e na Suíça.

Entrevistadora: Por quanto tempo em cada país?

Jovem 01: Na Suíça eu fiquei durante alguns meses, em 2018, no início (do ano). E depois mudei pra França em março de 2018 (no caso fiquei na Suíça até meados de 20 de março), aí fui pra França e fiquei lá até 2019 antes de voltar pra Portugal.

Entrevistadora: Então tu já tinha estado em Portugal antes de ir pra Suíça e pra França?

Jovem 01: sim, tinha. Eu tinha feito uma intercalagem antes de ir pra Suíça e fiquei aqui alguns dias e depois fui pra Suíça.

Entrevistadora: Uhum entendi! E com quem tu veio antes pra Portugal?

Jovem 01: Eu tinha vindo com a minha tia.

Entrevistadora: E foi com ela que tu regressou depois novamente (pra Portugal) em 2019?

Jovem 01: Sim sim foi com ela também.

Entrevistadora: E quando tu fez este processo de imigrar, tu fez somente com tua tia? Ou teve família que ficou em Angola ou algum dos outros países? Como é que foi?

Jovem 01: Não, esse processo (imigrar) foi feito só com a minha tia.

Entrevistadora: E nos outros países que tu viveu (Suíça e França) tu chegou a estudar? Trabalhar?

Jovem 01: Na Suíça eu tava lá de férias que tinha lá família aí eu fiquei de férias na casa de familiares e aí na França eu estudei.

Entrevistadora: E qual foi o motivo da decisão de tu e a tua tia viverem em outros países e depois virem pra Portugal?

Jovem 01: Eu não sei, eu fui levado.

Entrevistadora: E agora na tua situação atual em Portugal em que estás na casa de acolhimento tu tem alguma perspectiva de voltar a morar com tua tia ou algum outro familiar (reunificação familiar) ou vai passar pelo processo de autonomização pra autonomia de vida?

Jovem 01: Não. Estou... eu quero passar pelo processo de autonomização.

Entrevistadora: Não começaste esse processo ainda?

Jovem 01: Comecei, já comecei. Depende, depende...

Entrevistadora: O que estás a fazer no processo de autonomização, me conta? Pode falar o que vier na tua cabeça durante as perguntas.

(risos de ambos)

Jovem 01: Neste momento tou a procura de trabalho que é assim um dos passos mais relevantes.

Entrevistadora: Sim, mas estás a estudar?

Jovem 01: Tô, tô também.

Entrevistadora: E em que nível ou ano tu estás

Jovem 01: Eu concluí agora o 9º ano, passei agora pro 10º (ano).

Entrevistadora: E neste meio tempo em que também estás na escola, estás a fazer algum outro curso, alguma oferta formativa?

Jovem 01: Não.

Entrevistadora: E o que tu estás a procurar de trabalho?

Jovem 01: Na verdade pro pouco nível de experiência que eu tenho, que não é assim tanta, tou a procurar na área da restauração que nessa altura (verão) costuma aceitar mais, lojas de roupa também. Seria mais por este lado.

Entrevistadora: E pensa fazer algum curso nesse sentido de trabalhos que estás a procurar?

Jovem 01: Na verdade a área que eu optei por estudar pra o ano é design de moda então provavelmente algo relacionado a isto.

Entrevistadora: Que fixe, olha que é a área da moda vem crescendo de várias formas e vai ter trabalho com certeza.

Jovem 01: Sim...

Entrevistadora: E agora perguntando um pouco da tua participação na Semana Ubuntu. Queria te perguntar se tu já tinha participado de algum outro projeto como o Ubuntu que desenvolvesse competências, desenvolvesse o lado socioemocional como o Ubuntu desenvolve os pilares (competências). Tu lembra dos pilares?

Jovem 01: Sim sim sim...

Entrevistadora: Então tu já participou de algum outro projeto com esse desenvolvimento de competências assim como o Ubuntu?

Jovem 01: Eu não participei, participei e não participei ao mesmo tempo. Eu tinha sido embaixador, por pouco tempo infelizmente, de uma associação de cyberbullying e pronto tivemos assim uns momentos de mais reflexão e falamos sobre algumas competências semelhantes aos pilares que são falados no Ubuntu mas não foi nada assim de vários dias a trabalhar foi mais assim uma reunião.

Entrevistadora: E tu lembra se tinha algum outro pilar/competência nesta formação que tu teve, nessa reunião, que seja assim diferente do Ubuntu e que tu possa falar?

Jovem 01: Hnnnn como é que eu visava mais em tentar combater o cyberbullying, realmente foi algo mais centrado nisso, foi um estudo de porque que algumas pessoas realmente fazem (o cyberbullying), refletir o porque que fazem, qual a motivação delas, como é que podemos evitar, acho que foi isso que também muda um pouquinho da dinâmica do Ubuntu, enquanto nós trabalhamos 5 pilares diferentes, lá nos centralizávamos mais no cyberbullying.

Entrevistadora: Sim, e acaba aqui também desenvolvendo mais a competência da comunicação e da mediação dos conflitos nos contextos que tu está e de questões que tu se depara.

Jovem 01: Exatamente!

Entrevistadora: E quando tu participou do Ubuntu o que tu acha que mais te impactou durante a semana? Posso te dar exemplos aqui, como não sei como tu é no dia a dia como não te conheço e nem tenho maiores informações sobre ti, mas queria saber se tu ficou mais aberto ao diálogo, se as atividades na semana te trouxeram reflexões, como te sentiu pertencente ao grupo que estava na semana? Se tu acha que fez amigos, se

ficou mais próximo da equipa técnica da casa que estava junto? Sobre estas questões pode falar o que vier a tua cabeça.

Jovem 01: Acho que acima de tudo quando nós aceitamos e nos propõem ir pra essas atividades e momentos assim, temos aquele ar de ficar um bocadinho com medo, não é? Daquilo que vamos encontrar lá e pronto nós éramos todos de instituições diferentes, com dinâmicas de vidas totalmente diferentes, e acho que uma das coisas que me impactou foi realmente isso, essa coisa de conhecer pessoas com um estilo de vida totalmente diferente, com histórias totalmente diferentes, mas que de certa forma isso nos tornou muito igual porque essa diferença que tínhamos, uma salada de pessoas que foi de certa forma assim bastante impactante. Gostei também de trabalhar sobre os pilares, falar sobre todos os pilares e sobre temas bastantes impactantes desde a liderança servidora a construir pontes com pessoas que não conhecemos então a questão da conexão também foi das coisas mais impactantes, mesmo isso.

Entrevistadora: Também acho muito rica essa questão na Semana Ubuntu porque antes eu fazia a semana nas escolas, logo que eu comecei a trabalhar no IPAV, e ano passado eu estive em uma semana das casas de acolhimento e eu concordo muito contigo também porque realmente a gente percebe, e não só entre vocês jovens, e também a relação técnicos/educadores com os jovens porque temos experiências de vidas completamente diferentes mas é aquele lema que não sei se foi trazido durante a semana pra vocês “aquilo que nos une é muito maior do que aquilo que nos separa”, e a gente consegue se identificar e a partir das experiências de vidas e relatos de outras pessoas trazermos lições e reflexões para as nossas próprias vidas também. Por isso é muito rico isso que tu traz.

E dessas competências/ dos pilares que foram trazidas na semana Ubuntu o que tu acha que tu mais desenvolveu durante a semana? E por quê?

Jovem 01: Provavelmente a liderança servidora/serviço. Foi um dos pilares que mais me impactou, eu sou uma pessoa que gosta muito dessa coisa de liderar, *de tomar as rédeas*, guiar no que for possível as pessoas e acho que foi um dos temas que mais me impactou principalmente quando estávamos a falar de pessoas que tiveram realmente uma liderança servidora impactante na vida de pessoas como Nelson Mandela, então acho

que foi um dos temas que mais me impactou e gostei também bastante de ver que eu não tava nada a espera, não sabia nada daquilo na altura então acho que foi isso.

Entrevistadora: E tu consegue me trazer exemplos da tua vida em alguns momentos em que tu tenha sido uma liderança, que tenha tomado a frente ou também ligado pessoas umas às outras para que elas tivesse um resultado em comum, pensando aqui também em uma construção de pontes, consegue trazer algum exemplo?

Jovem 01: Acho que o exemplo que eu posso usar é muito o meu ciclo de amigos. Eu tenho um ciclo de amigos muito variado, conheço meus amigos todos de sítios bastante diferentes, também tem lá essa parte de ter tido a oportunidade de ter vivido em vários sítios. Então posso dizer que muitas das vezes o que acontece é a parte de conectar pessoas, de não se conhecem nenhum de vocês e eu digo olha vamos sair, e é uma cena que eu costumo muito fazer que é vamos todos sair, e um ou dois amigos meus são pessoas que nunca se viram e então posso usar aquela coisa de fazer a ligação de um ao outro, então aqui provavelmente seria a questão de uma liderança servidora...

Entrevistadora: e de construção de pontes!

Jovem 01: Exatamente. E outro momento talvez da liderança servidora talvez podia ser quando há projetos e eu sempre tomo as rédeas e digo assim, olha eu posso fazer isso e se precisarem que eu organize isso também posso fazer então eu acho que seria uma das competências.

Entrevistadora: Então tu achas que essa competência que tu tem em ti, e está desenvolvendo cada vez mais que é a liderança servidora também faz com que tu seja proativo também?

Jovem 01: Sim, sim totalmente.

Entrevistadora: E disso então tu é líder servidor que constrói pontes mas que tu acha também que já estava antes de tu conhecer o Ubuntu, antes de tu descobrir o que era tudo isos da filosofia e quais os pilares que tu iria desenvolver, que tu acha que já estava a desenvolver na tua vida mas com o Ubuntu ficou mais claro e nítido, o que ajudou a melhorar?

Jovem 01: Assim em mente não me vem nada não.

Entrevistadora: Assim algo como, não sei se tu és um jovem que já tem o hábito de falar tranquilamente em público, dialogar, isso é tranquilo para ti?

Jovem 01: Sim, totalmente.

Entrevistadora: Em relação aos teus projetos de vida futuros, tu acha que a Academia de Líderes Ubuntu plantou alguma semente, fomentou alguma ideia, incentivou alguma ideia que tu tenha de projeto de vida futuro?

Jovem 01: Não propriamente porque tudo que eu planeio fazer não está ligado a estas questões, não acredito que tenha sido muito impactante para o futuro mas acho que de certa forma se um dia eu estiver a fazer um projeto futuro e tiver a oportunidade é sempre alguma coisa para adicionar no currículo e também poder partilhar com outras pessoas as experiências, quase sempre que eu tenho participações de projetos e conferências e afins eu tento sempre que há a oportunidade de falar sempre sobre o Ubuntu, sobre alguns pilares porque pode não ter impactado na maneira de decidir mas impactou na maneira de se pronunciar de certa forma, de partilhar a experiência para quem não viveu também não é?! Pois há muita gente que não teve a oportunidade de viver o Ubuntu.

Entrevistadora: E a partir desses programas de educação não formal como é o Ubuntu, são programas/projetos né que desenvolvem competências e jovens e que não fazem parte educacional formal como é a escola, o que tu acredita, como eles podem ser melhores para ajudar jovens que estão na mesma situação que tu, que estão a necessitar do desenvolvimento de competências, de que forma estes programas podem melhorar e vir a ajudar jovens?

Jovem 01: Isso me remete também há um bocadinho um projeto que eu participo agora que também visa essa coisa de tornar os jovens mais ativos e acho que seria pela questão de como atrair os jovens, como arranjar maneiras expressivas de chamar-lhes atenção para projetos como este, temos uma sorte que o Ubuntu tem também redes sociais que é uma maneira muito boa de atrair os jovens parte dos jovens passam muito tempo nos telemóveis então isto ajuda bastante. Acho que é mesmo por este lado, atrair mesmo o jovem , falar-lhe mais sobre este tipo de questões porque isso também ajuda a nível pessoal, desenvolvem as suas competências, desenvolvem também o seu espírito cívico.

Entrevistadora: E agora falando um pouco sobre espírito cívico então, se a gente pensar não só sobre a Academia de Líderes Ubuntu, mas sobre como tu se sente inserido na comunidade, na escola, como que tu te sente? Agora é mesmo falando das tuas experiências de como tu te sente na escola, em casa, nestes projetos que tu foi sendo inserido. Como por exemplo se sente ouvido, participa, acha que realmente tem um impacto na tua vida e na vida destes projetos?

Jovem 01: Totalmente assim falando antes eu nunca tinha participação ativa na minha comunidade antes de me mudar para Almada, mas quando me mudei pra Almada e começaram assim a surgir aqui nas casas a oportunidade de ser mais ativo, de poder expressar a opinião, ideias e trabalhar mais propriamente aquilo que eu tinha, sinto que eu tenho sido uma pessoa muito ativa, participando em vários projetos. Neste momento o projeto que estou inserido o “Somos decisores não apenas vozes” e que ainda está a decorrer, ajudou-me a ter uma participação mais ativa, ter uma opinião política mais ativa, ensinou-me bastante coisas sobre democracia, ouvir a opinião de pessoas de centros diferentes que estão mais inseridas e mais experientes, então teve este mix todo então isso de certa forma também me tornou muito ativo. Também a oportunidade de fazer voluntariado com limpeza de praia, então foi nestas situações mais assim. Participação ativa na área da cultura, digamos assim, já não tenho muita, eu fazia dança contemporânea então podia dizer que estava inserido por esta parte. Hoje em dia tô mais ligado na área da moda, fazia parte de um grupo até então que já não estou mais e também sou modelo que também acho que isso é uma maneira de participar a nível da cultura e ser uma participação indireta, também produzo conteúdo então acho que isso de alguma forma consegue chegar as pessoas.

Entrevistadora: Sim porque aparentemente você tem muita participação social. E Você se sente ouvido e respeitado em todos esses espaços?

Jovem 01: Em alguns sim, em outros por exemplo como a área da moda e da produção de conteúdo por parte dessa área “estar a me tornar uma figura pública” pra poder ter aquele respeito de ter uma posição de aquela pessoa é aquela pessoa é preciso um bom tempo de experiência e ter um trabalho de qualidade e mérito.

Entrevistadora: Sim, concordo. Deixa-me ver aqui mais também, e depois “Jovem 01” pensando aqui também que tu já me disse que é um construtor de pontes e que tem amigos por todo o lado por onde tu anda. Como é que são as tuas relações de amizade e de proximidade com outros jovens, não só com jovens da casa, mas com jovens da escola, jovens da comunidade aí de Almada que tu estás, como é que são essas tuas relações de amizade, como tu descreveria desses lugares que tu frequenta?

Jovem 01: Eu agora tenho tido um ciclo de amigos muito fechado, também não tenho tido muito tempo pra criar novos laços e contactos então acaba-se por manter-se por ser mais os mesmos amigos de sempre. É uma relação maioritariamente boa, muito muito boa, temos muitos pontos em comuns, temos muitas diferenças o que nos faz também em ser um grupo muito bom, hã isto é mais falando pelos meus amigos. Uma boa parte das pessoas que me conhecem são pelo conteúdo que eu faço (Instagram) então passa também a ser por isso, as pessoas vêm falar comigo e eu então logo desenvolvo conversa e de vez em quando com aquilo de elogiar o teu conteúdo, gosto daquilo que tu faz da maneira com que tu te vestes, da maneira com que tu falas, de vez em quando desenvolve através disso uma conversa aqui mais profunda e pronto, relações de amizade são criadas.

Entrevistadora: E nestes teus círculos de amizades tu tem amizades de outras nacionalidades, como é que são as tuas relações com amigos portugueses?

Jovem 01: Tenho, digamos assim a maior parte do meu grupo de amigos pra já, a maior parte do meu grupo de amigos digamos assim uns 60% são todos brasileiros, uma ou outra parte são africanos como eu e também tenho alguns amigos portugueses que são assim uma grande mistura.

Entrevistadora: E com os amigos portugueses tu sente que foi bem recebido e foi fácil de fazer amizade?

Jovem 01: Sim, sim.

Entrevistadora: E em relação a uma pessoa adulta, tu sente que tem algum adulto hoje com que tu possa contar, qualquer questão que tu tenha como dúvidas, inquietações, tem alguém com quem tu realmente consiga contar e conversar sobre tudo?

Jovem 01: Maioritariamente eu não me considero um jovem que fala muito sobre as coisas eu prefiro ser mais autônomo de fazê-lo sozinho, mas acredito que tenha, que tenha algumas pessoas, alguns adultos que posso confiar pra fazê-lo.

Entrevistadora: E sobre os teus projetos de vida, tu já me falou aqui que vai fazer o curso de moda, o que tu tem mais de projeto de vida em andamento até agora?

Jovem 01: Neste momento tenho a escola né? E o curso pro ano. Depois mais futuramente a faculdade, a licenciatura e o mestrado, eventualmente seria também a transferência pra uma casa de autonomia que ajuda-nos também a trabalhar a questão de futuramente virmos a morar sozinhos, arranjar um trabalho, de preferência na área que eu estava a procura mas maioritariamente tenho preferência por lojas de roupa e envetualmente se tudo estiver a correr bem, desenvolver a minha própria marca (de roupas), seria por volta disso.

Entrevistadora: A faculdade/licenciatura e mestrado tu pensar também em fazer na área de moda?

Jovem 01: Sim, exatamente.

Entrevistadora: E já tem alguma faculdade (a instituição) que tu tenha visto?

Jovem 01: Eu vi o curso na faculdade de arquitetura de Lisboa.

Entrevistadora: E agora também tu falou que pensa ter tua própria marca de roupas, isso tu pensa ser um projeto futuro que ainda não está bem delineado, mais como uma expectativa ou um sonho? Ou é algo que sim tu tem convicção que tu quer alcançar na vida?

Jovem 01: É uma coisa que sim eu posso vir a fazer, só não começo agora porque eu preciso realmente de uma estrutura muito grande de poder fazê-lo desde a parte de divulgação, da impressão, da produção e da aceitação da marca porque pra um produto ser realmente consumido porque digamos assim não é como uma t-shirt básica que posso pôr à venda e as pessoas comprarem, serão produtos mesmo totalmente feitos, isso também ajuda bastante na questão de ser reconhecido porque quando a pessoa é reconhecida e vai lançar um produto a aceitação das outras pessoas é totalmente diferente porque reconhecem, sabem que o teu trabalho é de confiança, sabem que aquela peça que tu produziste realmente é de boa qualidade, então provavelmente se

decidir seria alguma coisa a fazer no período da licenciatura porque também tem a questão se será feita cá em Portugal ou se nem será por isso.

Entrevistadora: E tu já sabe que estilo de roupas, peças, já tem ideias? Só por curiosidade, essa não é uma pergunta da entrevista. Por curiosidade mesmo do que tu está a falar.

Jovem 01: Inicialmente quando comecei com a ideia tinha pensado em fazer t-shirts mas não é uma coisa assim que me chama atenção, gosto bastante de calças e provavelmente ia começar a fazer calças com cortes bastantes diferentes, parte de cima no caso camisas com estampas bastante diferentes, vestidos, vestidos de gala, casamento...

Entrevistadora: Coisas mais estruturadas e que tenham impacto. Ah muito fixe, espero que essa marca tenha muito sucesso, depois num futuro eu quero ver e comprar também, obviamente né?!

(ambos riem)

Entrevistadora: E “Jovem 01” mais aqui algumas perguntas, dentro aqui desses projetos que tu tem, na casa de acolhimento, na construção dos teus projetos de vida, com teus amigos, tem algo que tu sente com um tipo de apoio que tu sintas falta e acha que esteja em falta nesta tua preparação para tua autonomia?

Jovem 01: Não, não sei localizar neste momento.

Entrevistadora: E aí em Almada tu já disse que participou de muitas atividades, é muito envolvido socialmente como é que tu enxerga, aqui pra gente pontuar, como tu enxerga essa tua relação com a comunidade de Almada? Depois que tu sair da casa que tu for pra um apartamento de autonomia pensa em ficar aí pela comunidade ou se fosse possível iria pra outro lugar e por que?

Jovem 01: A minha ideia é ir pra Lisboa porque lá a maior parte dos trabalhos que eu faço na área da moda são sempre lá e também porque é um sítio com bastante oportunidades então a minha então é ir pra Lisboa.

Entrevistadora: E Lisboa também tem muito mais oportunidades que podem ajudar a alavancar tua carreira. Mas e agora sobre experiências de vida eu queria saber e essa é uma pergunta mais aberta mesmo, e tu me conta o que tu quiser, se tem alguma história ou alguma experiência de vida significativa que tu queira me contar desde que tu chegou

a Portugal. Qualquer coisa que tu ache que é uma história ou uma experiência importante desde que tu chegou aqui.

Jovem 01: Acho que provavelmente seria a minha transição de ir da casa da família pra casa de acolhimento, neste momento acho que seria uma história mais impactante, não é? Pela forma de como é que tudo correu, pela mudança drástica também que foi, não é?

Entrevistadora: Eu não tenho informações de nada que correu na tua vida “Jovem 1” então se tu quiser contar alguma coisa que for se sentir bem em me contar fique a vontade, senão está tudo bem.

Jovem 01: Então como eu tinha dito eu morava com a minha tia, antes (em Angola) eu morava com meus avós, depois a minha tia pegou-se como filho dela, adotou-me como filho dela e passamos a morar juntos, foi a altura que viemos pra Portugal, Suíça e pra França, e depois voltamos pra Portugal e fomos ficando por cá e tínhamos uma relação digamos assim bastante complicada, com bastante conflitos, depois ela conheceu o atual marido dela agora e a situação ficou mais complicada até chegar a momentos graves não é? E pronto chegou essa oportunidade de vir pro acolhimento.

Entrevistadora: E quando tu foi pra acolhimento, entre tu chegar em Portugal e ir pra acolhimento foi quanto tempo mais ou menos?

Jovem 01: Eu vim pra acolhimento mais ou menos dia 16 de fevereiro do ano passado.

Entrevistadora: Então foram ainda uns 4 anos vivendo com a tua tia?

Jovem 01: Sim.

Entrevistadora: E se tu fosse me dizer qual foi o maior desafio que tu enfrentou entre essa transição, entre se adaptar em Portugal, o que vem na tua mente?

Jovem 01: Foi a mudança, despedir-me dos meus amigos, da minha escola e daquelas pessoas que eu tinha uma relação mais aprofundada.

Entrevistadora: De quem ficou pra trás?

Jovem 01: Exatamente

Entrevistadora: E agora tu está bem com isso?

Jovem 01: Tô, tô bem e agora também estou mais estabilizado, tenho a oportunidade de vê-los quando quero.

Entrevistadora: Tu chegou a voltar pra Angola depois que tu migrou pra cá?

Jovem 01: Não.

Entrevistadora: Mas tem vontade de ir? Digo vontade de ir visitar ou pra voltar a viver?

Jovem 01: Não não, iria passar minimamente umas férias.

Entrevistadora: “Jovem 01” é isso, era um pouco pra te conhecer, saber da tua história de vida, saber com o Ubuntu te impactou e me parece mesmo um jovem mesmo engajado na comunidade e socialmente, é um grande líder servidor. Espero mesmo que tu tenha muito sucesso no futuro e se tu precisar também tem meu contato. Obrigada por aceitar a participar da entrevista e que tu encontre em Portugal e nos espaços que tu estiver muito sucesso. Muito obrigada e uma semana.

Jovem 01: Obrigado e igualmente.

Anexo 2.2. Transcrição da entrevista nº 02

Entrevistado(a): Jovem 02

Data: 16/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 39 minutos e 14 segundos

Entrevistadora: “Jovem 02” vou colocar a imagem a gravar. Como eu havia já havia lido, a entrevista, ela vai ser gravada, tanto em vídeo quanto em áudio, para que depois eu possa fazer a transcrição do que nós conversamos, mas em nenhum momento as imagens vão ser utilizadas, nem qualquer dado teu vai ser disponibilizado, é mesmo só para depois ter aqui as informações dessa conversa, tá bem?

Jovem 02: Tudo bem, sem problema.

Entrevistadora: Tá bem, então. E “Jovem 02”, primeiramente, queria muito te agradecer por ter aceitado participar da entrevista, realmente vai ser muito importante. Eu já fiz parte da Academia de Líderes Ubuntu também, trabalhei no IPAV por bastante tempo, fiz as escolas, o ano passado fiz as casas de acolhimento também. E quando agora comecei a fazer o mestrado e pensei em fazer aqui uma pesquisa sobre o impacto de projetos como a Academia de Líderes Ubuntu na vida dos jovens, principalmente jovens que estão acolhidos, e comecei a pedir aqui indicações para os colegas do IPAV, primeiro nome que o “nome ocultado do técnico do IPAV que esteve em Semana Ubuntu com o jovem” me falou foi o teu. Então fiquei muito feliz e soube depois também que tu tá até envolvido no ANJA (Assembleia Nacional de Jovens Acolhidos).

Jovem 02: Exatamente, exatamente.

Entrevistadora: E está a gostar, como é que correram as sessões?

Jovem 02: Correram bem, este ano vamos ter a segunda reunião, a primeira reunião foi para eleger os secretários e etc, inclusive também sou secretário da ministra, da mesa da ministra, e portanto, agora as próximas reuniões serão para desenvolver matérias do âmbito do acolhimento.

Entrevistadora: Que fixe, que fixe. Vai sair daí trabalho incrível.

Jovem 02: É bom, é bom, é bom. Exatamente.

Entrevistadora: Coisa boa. Então tá “Jovem 02”, vamos começar? Nós temos aqui algumas perguntas que vão decorrer durante a nossa conversa, são perguntas abertas. Então a maioria, se a resposta for um dizer sim ou não e puder me dizer o porquê, é melhor, tá? Para eu ter dados, mas também são a princípio todas perguntas confortáveis de se responderem, mas por acaso em alguma tu não sentir você é confortável não precisa responder tá bem?

Jovem 02: Sem problema agradeço.

Entrevistadora: Vamos começar “Jovem 02”. Qual é a tua idade?

Jovem 02: 22 anos?

Entrevistadora: E onde que tu nasceu?

Jovem 02: Em Cabo Verde, na Ilha da Praia (Ilha do Santiago).

Entrevistadora: E tá quanto tempo em Portugal?

Jovem 02: Cheguei em 2013, cá em Portugal. Morei logo em “nome da cidade ocultado”, portanto, aqui na “nome da cidade ocultado”. E depois fui mudando de casa e a minha primeira escola cá em Portugal foi o de “nome da escola ocultado”, portanto, uma escola magnífica. Gostei bastante.

Entrevistadora: Em “nome da cidade ocultado” também?

Jovem 02: Em “nome da cidade ocultado”, exatamente.

Entrevistadora: E antes de vir para Portugal, tu chegaste a viver em outro país ou só em Cabo Verde?

Jovem 02: Não, só em Cabo Verde. Foi a minha primeira vez a sair do meu próprio país.

Entrevistadora: E tu veio para Portugal como? Sozinho ou acompanhado?

Jovem 02: Vim como meu irmão mais velho, tem dois anos de diferença. Vim para os estudos e lá está, e até agora tenho estado a estudar e em setembro vou iniciar as minhas aulas no curso de “nome da universidade ocultado”.

Entrevistadora: Boa, boa. E então tu e teu irmão eram menores de idade quando vieram?

Jovem 02: Éramos, éramos, sim, sim. Eu tinha, se não me engano, 11 anos e ele tinha 13, exatamente.

Entrevistadora: E vieram então sem nenhum adulto os acompanhando?

Jovem 02: Não, não. Na época viemos com umas senhoras que nos acompanharam, na verdade, mas não era parente, portanto, não era familiar.

Entrevistadora: Não era familiar? Ok.

Jovem 02: Não, não, não.

Entrevistadora: Está bem. E então, se tu estás cá em Portugal sem nenhum familiar, tu ainda tem contato com a tua família, com alguém que tenha ficado em Cabo Verde?

Jovem 2: Não, eu tenho bastante família aqui, portanto, a grande parte da minha família, tem, tem. A minha mãe sempre viveu cá em Portugal e, portanto, quando eu vim para Portugal foi quando eu conheci a minha mãe pela primeira vez, ao vivo, digamos assim. Fazíamos vídeos chamadas, etc. Eu era muito pequeno, muito bebê, quando a minha mãe saiu de Cabo Verde. E, portanto, desde então nunca mais voltou e fez a vida dela cá em Portugal e, portanto, foi a primeira vez que vi a minha mãe quando vim para Portugal. Mas a grande parte da minha família está cá em Portugal.

Entrevistadora: E lá em Cabo Verde com quem tu vivias, além do teu irmão?

Jovem 02: Com a minha tia.

Entrevistadora: E a tua mãe ainda está cá? E outros familiares também? Mas eu tive uma breve conversa com o “nome do educador ocultado”, mas como não tenho informações sobre detalhadas sobre ti então é por isso o que formos conversar que eu vou ficar a saber. Mas o “nome do educador ocultado” havia me dito que tu já estás em processo de autonomia de vida, não é?

Jovem 02: Exatamente.

Entrevistadora: Já estás em apartamento de autonomia?

Jovem 02: Não, não, isto é recente. Fiquei agora a saber, há poucos minutos atrás, que temos agora uma marcação para o tribunal no dia 25, portanto, é uma conversa que vai ser discutida perante o procurador e o juiz, que é para depois ter ali uma decisão mais benéfica, digamos aqui, para o meu interesse e para aquilo também que pretendo fazer no futuro próximo.

Entrevistadora: E tu estás a viver na casa de acolhimento ainda?

Jovem 02: Exatamente, aqui com a “nome da casa de acolhimento ocultado”.

Entrevistadora: E me diz uma coisa, lá em Cabo Verde, antes de tu vir, o que tu fazia lá? Estudava? O que tu fazia?

Jovem 02: Estudava. Estudava. Se bem me recordo, quando vim para Portugal, eu vim com o quinto ano, exatamente, porque nunca chumbei em Cabo Verde, eu sempre fiz todos os anos e, portanto, vim com o quinto ano de escolaridade.

Entrevistadora: Então, chegou em Portugal e já conseguiu entrar no sexto ano?

Jovem 02: Não, não, porque já não me recordo muito bem. Penso que eu entrei no segundo período e depois tive que repetir porque lá está não conseguia acompanhar a matéria, porque entrei no meio do ano letivo. Não, foi isso mesmo, porque eu não voltei atrás no ano do ano letivo. Foi isso mesmo que aconteceu, exatamente. Portanto, entrei no segundo período, foi, portanto, dia de já não consigo dizer concretamente, mas foi ali por volta do segundo período e depois do ano porque não consigo mesmo acompanhar a matéria. Coisas novas, e, portanto, foi mesmo isso. E foi minha primeira vez também, reprovei o ano.

Entrevistadora: E não sei como é também para vocês na questão do português, mas eu sei que para nós do Brasil, quando chegamos cá, eu mesma fiz a carta de condução em Portugal. E para mim foi imensamente difícil fazer porque por mais que seja em português, é uma interpretação diferente de português.

Jovem 02: O nosso português mesmo em Cabo Verde, também se fala português, na grande parte nas escolas e instituições de Cabo Verde mas nós temos a nossa língua materna que é o Criolo. E o nosso português é mais parecido com o português do Brasil. Portanto, mesmo o português cá de Portugal, inicialmente foi ali bocado complicado, a própria compreensão depois da escrita, foi ali processo complicado, mas depois ultrapassou-se.

Entrevistadora: Sim, sim. E também se é pequeno, como chegaste com 11 anos, provavelmente a adaptação foi melhor.

Jovem 02: É mais fácil.

Entrevistadora: Então, o teu nível de escolaridade agora qual é no momento “Jovem 2”?

Jovem 02: Acabei no ano passado o curso técnico jurídico, que equivale ao 12º ano de escolaridade, e agora vou iniciar a licenciatura em Direito.

Entrevistadora: Desculpa, “Jovem 2”, cortou a ligação. Técnico em?

Jovem 02: Serviços Jurídicos. Para ser Oficial de Justiça.

Entrevistadora: Fixe, muito bom. Então, agora, já está a procurar emprego nesta área ou o que é que você está a trabalhar? Porque eu sei que você está a trabalhar.

Jovem 02: Neste momento estou a trabalhar no Pingo Doce, mas vou sair agora em agosto. Lá está, vou iniciar as minhas aulas e tenho que me focar mesmo somente nisso, ou se calhar mais tarde, ver part-time. Mas, entretanto, se abrir o concurso público, porque lá está a minha área, o concurso público, para depois trabalhar nos tribunais, mesmo na minha própria área, e depois estudar na área, que é o Direito. E, portanto, é **projeto de vida** que estou à procura.

Entrevistadora: E nesse, então, a questão dos teus projetos de vida e aqui sendo preparado para a autonomia de vida, tu já está no processo seletivo para entrar na licenciatura em setembro ou não?

Jovem 02: Sim, sim. Já tenho a inscrição feita, já tenho o horário, só falta mesmo o dia de começar as aulas.

Entrevistadora: Que fixe! Parabéns!

Jovem 02: Tá tudo feito. Muito bom, muito bom. Obrigado, obrigado.

Entrevistadora: E pensando aqui pouquinho no teu trabalho, o que tu recebe hoje, tá? Eu sei que tu disse que vai sair em agosto devido aos estudos, mas tu acha quando tu estiver em autonomia de vida, o que tu recebe hoje, no teu atual trabalho, seria o suficiente para tuas despesas no momento, para tu estar em autonomia de vida ou tu precisaria receber mais?

Jovem 02: Lá está quando for para o apartamento de autonomia, vou ter uma ajuda da própria Segurança Social, que é uma verba destinada para fazer face as despesas da casa e, posteriormente, em relação aos estudos terei a direita bolsa. A bolsa da Direção-Geral de Ensino Superior e também, possivelmente, a bolsa da própria Segurança Social relativamente aos estudos. Mais tarde, mas é uma situação que depois tenho que analisar, ver se existe possibilidade de trabalhar, tendo em conta também o meu horário de estudar e também a próprios estudos, ou seja, ter ali momentos para estudar, porque lá está o curso também, não é digamos, curso fácil e, portanto, requer aqui o estudo fora

da própria instituição de ensino. E, portanto, é uma situação que ainda vou analisar, mas sim pretendo trabalhar, part-time, para depois também ter as minhas próprias coisas e também ter os materiais de estudo, também assumir essas responsabilidades.

Entrevistadora: “Jovem 02”, pelo que eu percebi já está aqui com toda a mente a trabalhar sobre o teu projeto de vida, não é?

Jovem 02: Como tem que ser, tem que fazer, não é?

Entrevistadora: Sim, está se encaminhando muito bem. E, “Jovem 02”, agora pensando pouco aqui sobre a Academia de Líderes Ubuntu, queria te fazer algumas perguntas. Antes de participar da Academia de Líderes Ubuntu, que é um programa desenvolvimento de competências, eu não sei se tu recorda os pilares, mas já vamos lá. Tu chegou a participar de algum outro projeto de desenvolvimento de competências, assim como Ubuntu?

Jovem 02: Não, não, não. Foi a primeira vez e foi o único projeto do Ubuntu que eu participei. O primeiro foi em Aveiro (Semana Ubuntu). E depois tivemos encontro em Coimbra (Encontro Nacional de Jovens Acolhidos) que também participei. E depois tivemos em Fátima que foi o ANJA.

Entrevistadora: Então nunca participou de nenhum outro projeto, assim de desenvolver competências, como autoconhecimento, autoconfiança, nada disso?

Jovem 02: Desse gênero não, foi a primeira vez mesmo.

Entrevistadora: E agora, então, se tu não participou de nenhum outro projeto, quando tu teve a tua participação na Semana Ubuntu, o que mais te impactou? Assim, durante a semana? Porque tu foi com alguma perspectiva do que poderia ser, mas estando lá o que mais te impactou? Pode falar tudo que vier à tua cabeça.

Jovem 02: A verdade é que quando me fizeram o convite, o Dr. Carlos fez o convite, não esperava que seria algo de tão grande, aliás, tão grande de uma forma que os jovens se exprimissem assim tão abertamente. Uma coisa que também foi boa para mim, foi a primeira vez que falei da minha situação, que me trouxe aqui à Casa de Acolhimento, depois de anos. Portanto, foi a primeira vez que partilhei ali com outros jovens, até com os técnicos que estavam ali presentes. Portanto, foi ali, sei lá, foi uma situação que sentimos a vontade de partilhar e nos sentimos identificados com os outros jovens que

em situações idênticas. Portanto, acho que esse foi o maior impacto que eu tive na semana em agosto.

Entrevistadora: Sim. E tu lembras de todos os pilares?

Jovem 02: Vagamente. Portanto, agora já fez ano que nós estivemos no Ubuntu.

Entrevistadora: É, já. Pensando aqui nos pilares que a gente desenvolve. Autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e o serviço. Qual deles tu acredita que é a competência que tu mais desenvolveu durante a semana?

Jovem 02: O serviço foi até a competência que mais partilhei ali com as pessoas que estavam presente, portanto é uma missão que eu até já introduzi a mim mesmo e eles ficaram fascinados com o meu testemunho, portanto, o serviço é a competência que mais me identifico.

Entrevistadora: E como que tu achas que depois da Semana Ubuntu tem colocado o serviço no teu dia a dia? Se tem vindo a aplicar?

Jovem 02: A verdade é que sempre apliquei antes da Semana Ubuntu. Quando eu partilhei essas minhas experiências, ficaram maravilhadas. Portanto, não sei se é do seu conhecimento, fundei uma associação de estudantes e sou o presidente da mesma associação de estudantes, “nome do instituto ocultado”, não sei se conhece.

Entrevistadora: Qual o nome?

Jovem 02: “Nome do instituto ocultado”.

Entrevistadora: Já ouviu falar, sim.

Jovem 02: Sim, é das escolas mais antigas de ensino superior na área da educação portuguesa. Portanto, foi eles os estudantes que eu fundei e sou presidente da associação até a data. E, portanto, tenho até hoje a prestar serviço, portanto, nesse âmbito, servir aos outros, foi a frase que eu utilizei na Semana Ubuntu, **é servir aos outros**.

Entrevistadora: Grande líder servidor, então.

Jovem 02: Exatamente.

Entrevistadora: Eu ia até te perguntar, dentro dessas competências, o que tu acha que já tinha antes da Semana Ubuntu e o que veio a desenvolver mais, então acho que já temos a resposta, é o serviço mesmo?

Jovem 02: Exatamente, é o serviço mesmo.

Entrevistadora: Então, aqui já identificamos também que és líder servidor e dentro dos eixos também da ética do cuidado e construção de pontes, tu acha que tu aplica isso no teu dia a dia e de que forma?

Jovem 02: É uma competência (construção de pontes), ao meu ver, é bocado mais complicada, lá está, porque também requer a abertura da outra parte, ok? Portanto, é uma competência também, trabalho para isso, mas não digo que é uma coisa que se pratica tão fácil como se calhar o serviço, ok? E preciso fazer ponte com outra pessoa, outra parte estar aberta também para construir essa ponte. E, portanto, é trabalho que tem que ser feito de uma forma contínua. É a minha perspetiva mas sim, obviamente que trabalho também tento alcançar esse objetivo mas, já está, é uma via mais difícil.

Entrevistadora: E como nós mesmos falamos durante a Semana Ubuntu, existem aqui alguns pilares que nós vamos acabar por desenvolver mais que os outros na nossa vida e está tudo bem, todos nós temos inúmeras competências e elas vão se conversando, mas perfeito.

E em relação a Semana Ubuntu, o que tu acredita que ela possa ter vindo a transformar em relação a como tu sente contigo mesmo ou em relação aos teus projetos futuros? Transformou alguma coisa?

Jovem 02: Transformou. Transformou agora até responder até me arrepiei, transformou obviamente fez-me acreditar mais naquilo que eu penso, que eu pretendo fazer, até a própria frase do Nelson Mandela passou a ser a minha frase favorita que “tudo é impossível até que seja feito”, portanto, fez mesmo acreditar que até do próprio filme que nós vimos que é vamos fazer nem que seja pela primeira vez e a partir disso, as pessoas vão continuar a fazer e vão acreditar que é mesmo possível ser feito. E, portanto, obviamente que me acrescentou a nível pessoal.

Entrevistadora: Que bom, que bom ouvir isso. E agora que isso te acrescentou a nível pessoal, queria ouvir a tua parte como que tu achas que projetos como a Academia de Líderes Ubuntu podem ser importantes e contribuir significativamente para a construção dos projetos de vida dos jovens?

Jovem 02: Acho que sim, acho que é, portanto, uma atividade bastante necessária, não digo útil, digo necessária mesmo, principalmente neste âmbito dos jovens que vêm para casas de acolhimento, centro educativo, portanto, esse tipo de medidas que requerem que o jovem seja retirado da própria família para a autonomia de vida, para promover a vida do próprio jovem, de criança e jovem. Falo por mim, já tive grandes dificuldades em próprio falar com as pessoas, com os meus próprios problemas, das minhas questões que me deixam aflitos e, portanto, a Academia Ubuntu faz-nos sentir, para além de sentir a vontade de partilhar essas coisas, também sentir que há pessoas querem o nosso bem, querem saber de nós. Portanto, foi ali também ensinamento que a Semana Ubuntu nos proporcionou, pelo menos falo por mim, e também acredito que meus colegas que estiveram presente sentiram a mesma sensação.

Entrevistadora: Então tu destaca que o que mais contribui é essa abertura para falar com tranquilidade, abertamente, e também que tu nota que as pessoas que estão envolvidas na semana elas realmente se importam?

Jovem 02: Sim, sim. Pelo menos as pessoas dos adultos que nos acompanharam pareciam bastante presentes, bastante preocupadas e até nunca tinha visto essa parte da pessoa que se calhar vejo todos os dias. Até foi ali vários testemunhos das pessoas que estavam ali presentes, portanto, acho que sim, é uma forma dos jovens exprimirem de uma forma aberta, sem nenhum tipo de julgamento. Eu próprio vi testemunhos que fiquei perplexo. Perplexo mesmo, portanto, acho que sim.

Entrevistadora: E essa questão dos testemunhos e da proximidade porque é isso que está a falar. Muitas vezes, vocês por estarem com os técnicos das casas de acolhimento, não sabem o que se passa por trás das vidas deles, não é? E isso é muito bom porque percebem que tem muitas coisas que se unem nas experiências de vida. Isso é muito bom.

Jovem 02: Exatamente.

Entrevistadora: E se tu fosse avaliar, não só a ALU, mas também da perspectiva da Academia de Líderes Ubuntu, mas o que tu acha que nesses tipos de programas desenvolvimento de competências, na Academia de Líderes Ubuntu o que pode ser

melhorado para ajudar jovens que estão na mesma situação que vocês, que estão em casa de acolhimento? O que poderia ser melhor e ser implementado?

Jovem 02: Sinceramente eu acho que o tempo é que devia ser implementado, haver mais tempo da Semana Ubuntu. Mas acho que há como... eu penso que era o Rui, o monitor que nos estava acompanhando na Semana Ubuntu, já não me recordo bem do nome dele. Ele supôs precisamente o Ubuntu é aquele período, curto período para nos fazer aquelas atividades. Mas a minha perspectiva, até vários colegas meus partilharam o uma mesma opinião, que é ter a semana Ubuntu, ter mais tempo de atividade. Ok? Portanto, os jovens sentiram ali bastante acolhidos, portanto, sentiram-se bem naquela semana com os outros jovens que nunca tinham visto na vida e, portanto, conheceram pessoas, conheceram histórias semelhantes, histórias mais difíceis e, portanto, foi ali bastante necessário. E, portanto, a meu ver, acho que devia ser aumentado o tempo da Semana Ubuntu, se calhar um mês Ubuntu.

Entrevistadora: Um mês de Ubuntu seria intenso, mas assim, a gente sempre ouve muitos feedbacks sobre o tempo porque realmente chegamos ali na segunda e na terça ainda estamos a estabelecer alguma proximidade, depois quarta, quinta e sexta é uma avalanche de emoções.

Jovem 02: Exatamente, exatamente.

Entrevistadora: E até a ideia é que se tenha os Círculos Ubuntu (dentro da Casa de Acolhimento), né? E tenha uma continuidade, mas a gente sabe que vocês gostariam também de estar com os outros jovens das outras casas (com todas casas que estiveram na semana), não é?

Jovem 02: Sim, sim. De ter ali também o espaço de convívio entre nós, portanto, entre os jovens, ok? Para além da fora das atividades, o que também foi proporcionado com a ida das piscinas, não sei se teve esse conhecimento, na nossa semana tivemos essa oportunidade de ir às piscinas, portanto, ao fim e ao cabo havia ali uma atividade nessa questão, mas proporcionou-nos ter a proximidade com os outros jovens e estar mais livremente, digamos assim, portanto, uma atividade mais livre.

Entrevistadora: Sim, sim. Porque acaba sendo pouco de tudo, tem os momentos mais intensos de reflexão individuais, mas os momentos de convívio que são muito gostosos.

Jovem 02: Exatamente.

Entrevistadora: “Jovem 02” e agora queria te fazer algumas perguntas sobre a tua inserção social em Portugal e como tu sentes o teu bem-estar. E a primeira pergunta delas é como que tu sente, como sentiu, porque já tá aqui há alguns anos, inserido na escola, na casa de acolhimento que tu entrou, com a equipa da casa de acolhimento, como tu se sente?

Jovem 02: Por acaso até são questões que partilho com quem sempre se mostra interessado em saber, não tem problema nisso realmente, portanto, quando cheguei cá em Portugal, estive na escola logo, e, portanto, foi ali também bocado difícil a minha integração com os próprios colegas, porque, lá está, as próprias crianças já são impingidas pelos adultos a algum tipo de discriminação. E hoje, com os conhecimentos que eu já tenho, consigo identificar as discriminações que tive no passado, portanto, nomeadamente bullying, e nos intervalos, por exemplo, com os meus colegas eu ficava sempre à parte, mas isso também é uma questão que eu próprio não estava preparado para interagir com os meus colegas, portanto, ali foi bocado difícil a minha integração logo no início.

Lembro perfeitamente também, no início chorava bastante em casa, até que a vizinha que reparou, porque a minha mãe nunca tinha visto por que sempre fazia o fora quando a minha mãe tinha saído, e a vizinha depois começou a perceber o choro. Foi ali uma tristeza, portanto, período de tristeza, de mudança de vida e mudança de espaço, mudança de tudo. Praticamente tudo o que lá está vi de criança e sempre vivi naquele ambiente em Cabo Verde, sem a minha tia, para mim era a minha mãe, e portanto, foram coisas novas, ou seja, uma mudança radical, portanto, ali tive grande dificuldade no início. Em relação ao caso de acolhimento, também foi uma novidade para mim, porque foi a minha primeira vez desde que vim aqui a “instituição”, foi a primeira vez até a data porque também nunca mudei de casa.

Só agora que vou passar para o apartamento de autonomia, sempre estive aqui, portanto, foi também difícil para mim. E, no início, também não falava com nenhum dos jovens que aqui estavam, vinha a dormir, eu ia para a cama muito cedo, mas depois ficava ali amaturar a cabeça, amaturar e repensar as situações e, portanto, foi ali também de

longos meses que estive aqui para integrar aqui na casa de acolhimento. Mas hoje já me sinto muito melhor, obviamente, e já consigo ajudar os jovens que vêm com a mesma dificuldade, consigo identificar, por ter passado também por uma experiência muito semelhante, eu consigo acalmar, digamos assim, os jovens que vêm com essa aflição e, portanto, já me sinto muito mais integrado do que inicialmente.

Entrevistadora: Sinto muito que tu tenha passado por tudo o que passou no início mas sabemos que é uma realidade muito decorrente para quase todas as pessoas que imigram para Portugal, não é? E alguma pergunta que eu não te fiz no início “Jovem 02” há quanto tempo tu estás na casa de acolhimento?

Jovem 02: Portanto, cheguei cá na “instituição” em 2018, estou cá há seis anos.

Entrevistadora: Seis anos, ok. E acho que tu já acabou por me responder, mas ainda mesmo assim vou pontuar, então, como é que tu te sentes em relação às pessoas portuguesas, em relação a acolhimento e proximidade? Tu me falou aqui pouquinho do início, de como foi e como está hoje na casa de acolhimento, mas no geral, como é que tu sente? Que é bem acolhido, como é a tua proximidade? Quem são os teus amigos, se são outros jovens imigrantes ou se tu tem amigos portugueses também?

Jovem 02: De modo geral, a população portuguesa, ou seja, os cidadãos portugueses, são pessoas boas. São pessoas boas e, portanto, é critério bastante positivo. Mas aqui dentro da Casa de Acolhimento também tenho boa relação com todos os funcionários aqui da Casa, sempre tive essa boa relação com todos que aqui estão, tanto com os funcionários como com os jovens. Portanto, é uma relação que sempre também houve aqui trabalho mútuo, portanto, tanto da minha parte como da outra parte, tanto os jovens quanto funcionários, portanto, trabalhamos em conjunto para bom ambiente aqui da própria casa, porque até é uma capacidade que nós, os jovens que estão aqui acolhidos, já desenvolvemos que é, temos que fazer por nós, para que depois, no fim, tenhamos aqui algo positivo aqui na “instituição”, portanto, que façamos aqui algo positivo durante o nosso percurso, do nosso aqui a nossa passagem aqui, portanto, faço aqui uma caracterização bastante positiva neste período de 06 anos.

Entrevistadora: Que bom, fico feliz em ouvir isso. E, “Jovem 02”, em relação aos teus projetos de vida e a participação na comunidade, tu já veio me falando aqui várias coisas,

mas eu queria saber, então tu tem teu projeto de vida em andamento agora, a questão de entrar na licenciatura, possivelmente ir para os apartamentos num futuro próximo é o que você tem definido para até o momento, né? E em relação aos seus sonhos e expectativas para esse projeto de vida, para durante e depois dele o que você planeja?

Jovem 02: Portanto, aqui durante o meu percurso escolar pretendo ingressar, tenho aqui duas propostas que já me fizeram, ou ingressar novamente para a Associação Académica de Ensino Superior, ou então ingressar na juventude social-democrata, portanto, aqui é uma juventude partidária. Já tenho as duas propostas, mas pretendo responder e dar a resposta da minha parte quando começar as minhas aulas e ponderar as duas vertentes. Depois da licenciatura ou durante a licenciatura, pretendo me candidatar, como já tinha referido, para os tribunais, trabalhar nos tribunais e ter a experiência mesmo na área. Fiz estágio profissional nos cursos de advogados durante seis meses e pretendo trabalhar nos tribunais como oficial de justiça enquanto estiver a estudar. E quando acabar o estudo, pretendo ingressar no CEJ, que é Centro de Estudos Judiciários, que é em Lisboa, que é para depois ter, digamos, as competências, os requisitos para ser Procurador da República. Portanto, trabalhar também nos tribunais como procurador. E enquanto Oficial de Justiça, vai me proporcionar essas experiências para depois também fazer o concurso público para procurador num determinado tribunal, portanto, esses projetos que eu tenho para uma vida futura.

Entrevistadora: Então “Jovem 02” esse teu projeto de vida realmente eu adoro porque tu já consegue planejar daqui uns 5 ou 10 anos da tua vida, não?

Jovem 02: Oito. Oito anos. Vai correr bem.

Entrevistadora: Vai correr bem, sim, com certeza.

Jovem 02: Espero que sim.

Entrevistadora: E, “Jovem 02” nos teus projetos de vida tu acha que tem algo que ainda não esteja delineado nesse teu projeto de vida, que é alguma coisa que tu em algum momento tu pensou na tua vida que tu quer pro futuro?

Jovem 02: Portanto, para mim, o grande projeto de vida é mesmo constituir família, mas é, tenho noção que neste momento e nos próximos momentos futuros não é mais apropriado. Tenha essa noção e, portanto, também não é uma realização que pretendo

fazer agora, mas sim, no futuro próximo, quando me sentir caracterizado a nível escolar, a nível profissional, também constituir família e ter a minha família, ter a minha casa, ter a minha mulher e os meus filhos. Obviamente que sim.

Entrevistadora: Sim, também. E agora que pensando pouquinho só em relação à tua relação com a comunidade, que tu já disse que é muito boa hoje em dia, tu tem, sei que tem o ANJA, mas quero ouvir de ti também, tu tem vontade de estar participando socialmente, engajado, não só na universidade, né? Tem vontade de estar ativo socialmente na comunidade onde tu vive e o que tu entende que é o teu papel na comunidade onde tu vive?

Jovem 02: Lá está, faço parte também da Associação de Estudantes, da ANJA e também a decorrência da minha presidência na Associação de Estudantes, eu fui convidado para ser conselheiro municipal da “nome da cidade ocultado”, portanto, faço parte do Conselho Municipal da Juventude, e nós trabalhamos em prol da sociedade na área da juventude, portanto, tenho estado a desenvolver atividades, projetos nesse âmbito, portanto, o meu serviço tem sido prestado nessa área da juventude, também faço parte dessa área.

Entrevistadora: Sim, bom, então és grande protagonista mesmo.

Jovem 02: É pá, tenho feito alguma coisa.

Entrevistadora: Já estamos a ir para o final e agora em relação, “Jovem 02” às tuas experiências de vida, queria que tu pudesse, se tu sentir vontade ou confortável, de me contar alguma história de vida tua ou uma experiência significativa que tu teve desde que chegou em Portugal, ou que tu antes, quando estava em Cabo Verde, que tu traz ao longo da tua vida, que realmente foi significativo e que te impactou, que tu acha que contribui para ser quem tu é hoje?

Jovem 02: É uma pergunta profunda, que requer aqui algum momento de pensamento, de reflexão. Eu acho que todos os passos, até as próprias dificuldades que eu tive na vida, foram momentos de aprendizagem e é uma capacidade que tenho depois aprender com essas dificuldades, com essas lições de vida, para que depois não possa repetir o mesmo erro. Portanto, eu acho que esse é o grande ensinamento das experiências que eu tenho tido, tanto a nível positiva como negativa. Portanto, proporciona-me que eu

tenha capacidade no futuro depois de não cometer o mesmo erro e de fazer de uma forma diferente para que o resultado seja positivo à minha perspectiva, acho que é isso, de uma forma genérica, acho que é isso, sim.

Entrevistadora: E quando nós estávamos a falar de como tu sente inserido aqui, como foi tua chegada, que houve discriminação, foi difícil, logo no momento da tua chegada, o acolhimento e de ter alguma proximidade com pessoas, tu diria que aquele foi o teu maior desafio ou tu acha que tu teve algum outro maior desafio ao se adaptar em Portugal?

Jovem 02: A nível pessoal, eu acho que foi mesmo quando vim mesmo para casas de acolhimento, porque ali fez-me uma realidade que pouco conhecia, e aquilo que eu conhecia é aquilo que a grande parte das pessoas falam sem ter o conhecimento, Portanto, vim para esta casa de acolhimento com aqueles conhecimentos negativos, que é mesmo assim, que eu tinha do lado de fora das instituições. Portanto, foi ali momento de adaptação de uma nova realidade, de novo funcionamento de vida, portanto, acho que foi uma grande mudança mesmo que aconteceu na minha vida.

Entrevistadora: Então, tu acredita que a Casa de Acolhimento te ajudou a ressignificar tudo o que tu tinha de conhecimento, toda a tua história de vida?

Jovem 02: Sim, também vale também realçar que também, a partir da Casa de Acolhimento, também consegui focar mais a nível pessoal, portanto, nomeadamente nos estudos, no meu desenvolvimento pessoal, portanto, foi aqui, digamos, empurrão para me decolar, como se fosse avião para levantar o voo, que é mesmo assim. Portanto, foi aqui inicialmente complicado, mas depois adaptei-me e depois consegui mesmo aproveitar esta oportunidade de vida.

Entrevistadora: Que bom que realmente o sistema está a funcionar e que está a te dar ferramentas pra tu se tornar esse grande jovem, que eu já vi que tem grandes feitos e que vai ser cada vez mais participativo e realmente jovem e cidadão envolvido. Eu fico muito feliz mesmo “Jovem 002” de ouvir de ti essas coisas todas positivas, não só em relação à Academia de Líderes Ubuntu, mas também em relação à tua vida, e ver que realmente tem impacto significativo, tanto as políticas de acolhimento bem feitas, quanto os projetos, e que fico mesmo feliz e que gostaria que todos os jovens pudessem

traçar caminhos e ter essa consciência que tu parece estar a desenvolver, que é incrível mesmo.

Jovem 02: Agradeço, obrigado.

Entrevistadora: Essas eram nossas perguntas “Jovem 02”, já estamos no encaminhado final quero mesmo te deixar a minha gratidão. Te desejo muito sucesso, muita felicidade no teu caminho, o que precisar também de mim, qualquer dia, tens o meu número, tens o meu contato e pode me contactar, tá bem? E agradeço mais uma vez por ter participado da entrevista comigo e eu ter te conhecido aqui bocadinho, não pudemos estar a Semana Ubuntu juntos, mas foi gosto te conhecer aqui.

Jovem 02: Exatamente, digo o mesmo, faço as suas palavras as minhas, portanto terei todo o gosto sempre que necessitar da minha parte, algum testemunho, portanto, terei mesmo todo o gosto em colaborar. Obrigado.

Anexo 2.3. Transcrição da entrevista nº 03

Entrevistado(a): Jovem 03

Data:16/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 31 minutos e 11 segundos

Entrevistadora: Então, vou colocar a gravar, tá bem? Vou colocar aqui no telemóvel também no áudio pra caso de algum problema desta gravação e não sei se te explicaram, “Jovem 03”, mas a minha entrevista é no intuito da recolha de dados para a dissertação de mestrado que estou a pesquisar jovens em acolhimento em Portugal, jovens estes que participaram de Semanas Ubuntu, e para perceber aqui como está o andar o projeto de vida desses jovens no contexto de acolhimento, se tem projeto de vida construído e quais foram os impactos que a Semana Ubuntu causou na vida de vocês.

A nossa conversa aqui, ela é mais no intuito de ser uma conversa aberta, caso tenha alguma pergunta que tu vá sentir desconfortável de responder, mas caso não queira responder está tudo bem, é teu critério, tá bem? E como a gente já se conhece também, já sei algumas coisinhas da tua vida, eu vou precisar perguntar coisas que talvez sejam repetidas, mas é só pra ficarmos gravadas, depois quando eu for transcrever essa entrevista, eu tenho essas informações.

Jovem 03: Tá bem.

Entrevistadora: Então vamos começar, “Jovem 03” qual é a tua idade?

Jovem 03: Eu tenho 19 anos.

Entrevistadora: E qual o país onde tu nasceu?

Jovem 03: No Brasil, no Rio de Janeiro.

Entrevistadora: Brasil, Rio de Janeiro, ok. E há quanto tempo tu vive em Portugal?

Jovem 03: Cinco anos.

Entrevistadora: Cinco anos. Viveu em algum outro país antes de vir do Brasil para Portugal?

Jovem 03: Não, só em Portugal mesmo.

Entrevistadora: Quando tu veio para Portugal, tu veio sozinha ou acompanhada?

Jovem 03: Eu vim com os meus pais e com minha irmã mais nova. Entretanto, as minhas outras duas irmãs vieram morar também aqui.

Entrevistadora: E agora então tu estás na casa de acolhimento, já tem 19 anos. Quando for acontecer a tua saída, tu vai ter reunificação familiar ou tu vai pra processo de autonomia de vida?

Jovem 03: O meu planeamento, como eu ainda tô na casa de acolhimento, era de prosseguir com os estudos para o ensino superior. Então, acredito que quando eu terminar, eu já vou estar pouco com uma idade assim de ter que me virar sozinha, então, não sei eu vou precisar de alguma ajuda nesse quesito de reunificação familiar.

Entrevistadora: Ok, mas então existe a possibilidade de tu voltar a viver com teus pais?

Jovem 03: Acredito que sim.

Entrevistadora: E tu tem contato com eles? Como é a relação nesse momento, como é que vocês se comunicam, como é?

Jovem 03: Sim, eu tenho contato com ambos, tanto com meu pai quanto com a minha mãe, porém, meu pai está no Brasil faz mês mais ou menos, minha mãe agora tá morando em Lisboa, mas eu mantenho contato via WhatsApp e assim.

Entrevistadora: Ok, então é só contato, mas não chega a vê-los?

Jovem 03: Pessoalmente, raro, já que agora meu pai tá no Brasil e minha mãe mora longe, então, mas eu tenho contato com as minhas irmãs, que são as que estão mais presentes na minha vida, sim.

Entrevistadora: E os teus irmãos, eles continuam com os teus pais?

Jovem 03: Sim, eu tenho mais contato com as minhas duas irmãs mais velhas do que com o meu irmão mais novo, porque ele mora em Braga, então eu só vejo ele quando ele vai pra casa da minha irmã mais velha e quando eu vou de férias também para a casa da minha irmã mais velha, mas eu tenho contato com os meus irmãos.

Entrevistadora: E uma pergunta, quando tu tava no Brasil “Jovem 3”, o que tu fazia lá para ocupar teu dia? Estudava, fazia algum curso? Como era?

Jovem 03: Quando eu não tava na escola, bom, alguns meses antes de eu vir para Portugal, meus pais não me colocaram na escola, eu acabei ocupando meu tempo com

música e também eu comecei a aprender coreano por conta própria. Então, eu estudava mesmo sem estar na escola, era estudo mais por diversão mesmo porque eu gostava.

Entrevistadora: E que nível tu tá na escola agora?

Jovem 03: Eu terminei a escola em junho, eu tava no décimo segundo agora, acabei.

Entrevistadora: Parabéns! Então, tu disse que pretende ingressar no ensino superior, já iniciou o processo? Ou vai iniciar ainda, como está isso?

Jovem 03: Eu vou precisar fazer a segunda fase dos exames nacionais pra poder conseguir ingressar, mas também é processo pouco burocrático, uma vez que eu sou imigrante e assim, então tenho que ver toda essa papelada, essas coisas assim, mas eu.

Entrevistadora: Então, se nesse momento a tua perspectiva ainda é ficar mais bocado na casa de acolhimento, mas pra quando sair da casa de acolhimento, então ir pra uma autonomia de vida. Como que tu acha está sendo preparada aí na casa de acolhimento pra essa autonomia? Já estão lá a buscar trabalho ou vai fazer a tentativa mesmo de ingresso no ensino superior por momento?

Jovem 03: Tipo, nesse momento eu estou de férias e vou ficar de férias mais ou menos até o começo de setembro. Bom, a partir do momento em que eu estiver na faculdade, eu não poderei trabalhar por conta da bolsa de estudo, que eu saiba. Mas sim, eu trabalhei já período durante as férias, mas estou em busca de trabalho durante o verão pra poder gastar o meu dinheiro de trabalho. Mas, sim, me dão o apoio necessário, sim.

Entrevistadora: Ok. E tá a buscar trabalho onde? Pra agora pro verão?

Jovem 03: Principalmente em mercados, e assim, porque eu gosto também. Mas eu sou babá, eu trabalhei como babá e eu vou trabalhar como babá em agosto também.

Entrevistadora: Ok. Então, tá. E agora deixa eu te fazer pouquinho de perguntas sobre a tua participação tanto na Semana Ubuntu quanto em outros projetos. Tu disse que agora no momento tá de férias, mas durante este ano, o último ano que passou, tu chegou a participar de alguma atividade extracurricular ou algum projeto como foi a participação no Ubuntu?

Jovem 03: Como Ubuntu não, mas eu participei da organização dos alimentos no banco alimentar, não sei se conta.

Entrevistadora: Conta, claro. Fala pouco como foi e o que tu acha que desenvolveu de competências lá e aprendizados?

Jovem 03: Eu já tinha participado do banco alimentar, mas eu fiquei na parte em que a gente entrega os sacos pra pessoa poder ir lá escolher a comida e assim, mas dessa vez foi diferente porque nós fomos no armazém, acho que é assim que se chama, fomos nos armazéns, então nós tínhamos que organizar a comida e assim, e no começo eu até tinha achado meio engraçado, mas eu gostei bastante até porque eu tava com minhas colegas de casa e foi bem divertido, a gente ficava competindo para ver quem organizava mais rápido. Mas foi muito divertido, eu gostei.

Entrevistadora: Boa, que bom. E vai trabalhando também aqui a comunicação, a proatividade.

Jovem 03: É porque tinha que ser rápido porque às vezes vinha monte assim e eles iam jogando e a gente tinha que organizar e pegar tudo. Então, enfim, ali dentro também fui proativa.

Entrevistadora: Sim, agilidade também é organização, uma boa. E sobre a semana que tu participou na ALU, junto comigo, o que tu pensa que pode ter sido o maior impacto que tu percebeu durante a semana na tua vida? A “Jovem 03” que chegou lá na segunda-feira sem saber muito bem o que era o Ubuntu e o que tu acha que te impactou naqueles dias?

Jovem 03: Assim, quando eu fui, eu tava passando por momento pouco chatinho da minha vida, que eu não lembro muito bem, mas eu lembro sim que tava, que tinha acontecido alguma coisa, então tava com a cabeça pouco fora de mim. Então eu acho que a parte de me comunicar e estar fazendo as atividades com outras pessoas conseguiu me distrair de uma forma boa e eu consegui ficar mais tranquila e relaxada, senti que deu pra relaxar nessa semana, até porque pra além das atividades do Ubuntu, nós também tivemos aquele momento de lazer em que jogamos futebol e assim, foi bem divertido.

Entrevistadora: Então, tu acha que disso de tu ter conseguido te comunicar, tu acha que te comunicou melhor, trabalhou mais em equipe?

Jovem 03: Sim.

Entrevistadora: E a “Jovem 03” que chegou lá na segunda-feira? Ela tinha já tinha competências, com certeza, trabalhadas nela, mas o que tu acha que já tinha em ti que estava aqui guardado e que durante a semana foi o ápice e que te ajudou a enxergar e melhorar?

Jovem 03: A comunicação, com certeza.

Entrevistadora: Boa! E dentro das competências que a gente trabalha na semana, os pilares, tu lembra de todos os pilares ainda?

Jovem 03: Sim, tem o caderninho. Mas de cabeça, sei que tem a resiliência, o autoconhecimento, a autoconfiança também. Empatia. Empatia e... era algo que Nelson Mandela era serviço. Também tinha a construção de pontes.

Entrevistadora: Boa, sim, isso aí. E dessas competências então, “Jovem 03”, o que tu acha que foi a principal que tu acha que pode ter se desenvolvido durante a semana?

Jovem 03: A resiliência.

Entrevistadora: Pode me dizer o porquê?

Jovem 03: Bem, durante essa semana, apesar de ter tido momentos em que foram divertidos e tudo, nos momentos em que eu fiquei assim sozinha, aconteceram ali umas coisas, não na hora da participação, mas que veio a mim, entendeu? Então, apesar de ter tido esses momentos ruins, eu consegui manter a semana de uma forma tranquila e equilibrada, apesar de tudo.

Entrevistadora: E dos eixos, tu já me falou aqui que é a construção de pontes. Depois tu lembra os outros dois?

Jovem 03: Construção de pontes, tem o ser líder, não é?

Entrevistadora: Liderança servidora, sim. E ética? Lembra da ética do cuidado?

Jovem 03: Essa é a única que eu não lembro, a ética do cuidado.

Entrevistadora: Cuidados das pessoas, cuidar dos espaços, do planeta. Tu acha que alguma dessas ficou mais presente na tua vida depois que tu participou da semana?

Jovem 03: A liderança eu já era, mas eu acho que já... não, mas **sempre fui a pessoa que dá a cara pra tomar iniciativa assim**, então não.

Entrevistadora: Então já te identificava desde antes como uma líder?

Jovem 03: (fez que sim com a cabeça).

Entrevistadora: E agora também, pensando no que tava ali a desenvolver e que tu disse que melhorou, que foi a comunicação, o que tu acha que desenvolveu e melhorou em relação a ti e aos teus projetos futuros depois de participar da Semana Ubuntu?

Jovem 03: Acho que essa questão do autoconhecimento porque apesar de eu me considerar uma pessoa que me conheço bastante, parece que a participação faz você abrir, assim, os horizontes pra ver que talvez você não se conheça tanto quanto você acha que se conhece. Então, acho que é isso

Entrevistadora: E depois de vivenciar a Semana Ubuntu, me conta, assim, o que tu acha, como que tu acha que programas como a Semana Ubuntu, como a Academia de Líderes Ubuntu podem ser importantes e contribuir pra construção de projetos de vida de jovens?

Jovem 03: Acho que como nós falamos sobre muitos assuntos importantes como autoconhecimento, autoconfiança, como ser bom líder, acho que são características que são importantes para a vida adulta e também para as pessoas, no caso, para os adolescentes e pessoas mais jovens, mais adultas também. Isso influencia bastante no desenvolvimento pessoal, e a preparação para o mundo lá fora, que sabemos que não é nada fácil.

Entrevistadora: E se tu fosse me apontar aqui qualquer coisa, e pode ser bem sincera, sobre, como tu disse, não participou de nenhum outro projeto, mais ou menos como o Ubuntu, mas se tu fosse me dizer sobre o Ubuntu, sobre o que é a Academia de Líderes do Ubuntu, o que pode ser melhorado nesse tipo de projetos pra ajudar ainda mais jovens? Tem alguma coisa que vem assim à tua cabeça?

Jovem 03: Pra falar a verdade, eu acho que o projeto tá muito bem desenhado, muito bem planejado, então realmente não tem, na minha opinião, acho que não tem nada o que acrescentar.

Entrevistadora: Tá bem. Agora eu queria só aqui perguntar algumas coisas sobre a questão do teu bem-estar e inserção social aqui em Portugal. Eu queria saber como é que você sente inserida, “Jovem 03” na escola, na casa de acolhimento, com a equipa técnica aí? Como é que foi esse processo desde a sua chegada e como é que você sente agora?

Jovem 03: Quando eu vim para Portugal, eu já vim com o pensamento de que eu não podia retrucar e eu tinha que ficar quieta quando, né, meus pais avisaram. Apesar deles saberem que eu sou calma, eles sempre avisaram, como você é imigrante, você não pode retrucar porque qualquer coisa, você é prejudicada, a culpa é sua. Então eu sempre tive esse pensamento de que eu tinha que sempre me manter calma e ficar na linha, só que sim, tiveram momentos bem chatos na minha primeira escola em que, infelizmente, eu sofri xenofobia e racismo. Não foi muito legal e que me prejudicou bastante. Mas depois disso eu vim pro lar de acolhimento, tipo, eu tô há quatro anos morando aqui. Então, dos cinco que eu moro aqui (em Portugal), eu passei praticamente só com os meus pais. Mas aqui no lar, acho que não teve nenhum momento assim que eu sofri por ser imigrante, sabe? Não! Tipo, não teve nenhum momento que eu sofri por ser imigrante, por conta da minha cor, que eu lembre. Só que tiveram momentos chatos em que algumas meninas pegaram meu pé no começo, mas que eu consegui me adaptar bem.

Entrevistadora: Então, no geral, hoje em dia, como é que tu acha que é a tua relação?

Jovem 03: Com as meninas? A minha relação com as meninas é excelente, eu considero elas minhas filhas, já que eu sou uma das mais velhas agora, né?

Entrevistadora: Boa. E agora falando em relações, como é que são as tuas relações de amizade ou de proximidade? Tu sente que tu tem mais amigos de outras nacionalidades ou brasileiros, foi bem recebida também por amigos portugueses?

Jovem 03: Eu tô acostumada com o pessoal do meu país, do nosso país no caso, né? Nós somos conhecidos por sermos muito acolhedores, muito calorosos e aqui parece que as pessoas são pouco mais fechadas e assim. Então foi meio chato de me adaptar quando eu consegui. E eu acho que ainda tem esse problema, sabe? Eu posso dizer que a minha melhor amiga é portuguesa, mas ela também morou aqui no lar, por isso que a gente é tão amiga, ela morou no lar, e aí apesar de quando eu tava aqui e ela tava aqui, a gente não ter tido tanto contato, a gente estudava na mesma escola, então nós começamos a sair e se desenvolver assim. Mas porque ela também se esforçou pra manter a amizade aqui, se você, entendeu, se você não vai lá e se esforça, a amizade não continua. Entendeu? E a gente tá acostumado a ser movimentado, tipo, vamos pra festa, não sei o

que. E sim, a maioria das amigas que eu tive relação, são de outros países. Portugueses mesmo, bolinha (zero).

Entrevistadora: Então não tem nenhum amigo português, além dessa amiga, no momento?

Jovem 03: Bom, tem as meninas do lar, mas, tipo, fora do lar, não.

Entrevistadora: Ok, ok. E tu sente que tu tem algum adulto pra contar neste momento, além da casa de acolhimento, além da equipa técnica? Algum adulto que tu possa falar sobre as coisas da vida sem ter medo de julgamentos, que realmente tá ali pra te dar orientações?

Jovem 03: Minha irmã mais velha e meu cunhado. Eles basicamente estão sendo os meus pais nessa época, então, eles dois.

Entrevistadora: Ok, perfeito. E quais são os teus sonhos e expectativas, “Jovem 3”, para depois, então, vai entrar na licenciatura, que curso tu quer fazer na licenciatura?

Jovem 03: É tradução de português para mandarim e mandarim para português.

Entrevistadora: Uau! Muito bom! Muito bom mesmo. E o que tu tem de expectativa pra depois da licenciatura? O que tu sonha pra tua vida, qual é o teu projeto de vida?

Jovem 03: Bom, verdadeiramente, como a gente sabe, morar em Portugal tá difícil até pra quem já é nativo daqui. Então, eu tinha a opção de voltar pro Brasil ou tenha a opção de como eu terei que fazer estágios na China, não sei seria uma boa eu conseguir conviver lá e ver se eu consigo me desenvolver bem por lá.

Entrevistadora: Ou também uma dica é pensar na União Europeia como todo, na ONU, tem vários lugares que tu consegue como tradutora, nos órgãos da ONU, no Parlamento Europeu, o Parlamento da Bélgica, da Alemanha. Isso é fixe, tu consegue bastante lugar pra trabalhar como tradutora. É uma boa área mesmo.

Entrevistadora: E o que poderia me dizer se tem alguma coisa que tu sente falta neste momento e que seria importante pra incluir nos teus projetos? Algum tipo de apoio, por exemplo. Sente falta de algum tipo de apoio?

Jovem 03: Como assim? Da parte daqui do acolhimento?

Entrevistadora: Da parte do acolhimento, parte das pessoas da tua família, no caso tua irmã, teu cunhado. Acha que falta alguma coisa que seria importante de apoio neste momento pra tu alavancar os teus projetos?

Jovem 03: Acho que tudo o que tinha pra ser conversado e acerca desses aspectos tá sendo fornecido. Mas é claro que, né, eu sinto falta dos meus pais perto de mim porque sempre foram eles, né, e agora eles estão longe, então sempre sinto falta do apoio dos pais. Apesar de eu ser muito grata a minha irmã mais velha e meu cunhado, não é a mesma coisa do que ter seus pais perto.

Entrevistadora: Com certeza. E como que tu enxerga tua relação? Já me falou que é difícil a relação com algumas pessoas portuguesas, por questão de abertura, mas como que tu enxerga a tua relação com a comunidade que tu tá aí em “nome da cidade ocultado”? Tipo, tu participa socialmente de atividades, como que tu enxerga o teu papel? Tu acha que tu é ouvida nos espaços que tu tá?

Jovem 03: Aqui em “nome da cidade ocultado” nós temos alguns projetos e eu participei de só, que não é bem projeto, tem alguma coisa a ver com a juventude de “nome da cidade ocultado”, que eles pesquisam para ver o que os jovens acham que precisa ser inserido, mas também tem outros projetos e que a Câmara de “nome da cidade ocultado” fornece dinheiro para projeto que foi bem votado e assim.

Entrevistadora: Já estamos nos encaminhando para o final e eu queria te fazer as duas últimas perguntas, que é mais sobre as suas experiências de vida, e se tu precisar de tempinho para refletir, fica bem à vontade se tu quiser me responder ela. Mas uma delas é, se tu poderia me contar uma história ou uma experiência de vida significativa, desde que tu chegou a Portugal, ou também pode ser do Brasil, algo que tu acha que realmente te marcou e que tu vai levar pela tua vida por longo tempo, ou está a ressignificar isso na tua vida, qualquer coisa que tu queira me contar.

Jovem 03: Acho que se eu tiver que contar, provavelmente é da minha amizade com a minha melhor amiga, porque realmente foi uma coisa que foi bem assim, do nada, e nós somos amigas há quase três anos, e a amizade dela com certeza é a coisa que eu vou levar pra vida toda. Porque ela verdadeiramente é alguém que eu sei que eu posso contar. E com ela eu experimentei muitas coisas divertidas, entendeu? Então, acho que

é isso. Nossa amizade que surgiu do nada porque quando ela morava aqui, a gente não se falava porque somos de unidades diferentes mas quando ela saiu daqui, a gente começou a sair junto e assim. E a gente sempre vai num café que tem aqui na cidade, que é o Girassol, e desde o começo da nossa amizade a gente vai há três anos no mesmo café, sempre. No mesmo dia, sempre, e é que ele se tornou o nosso local, então é assim. O “nome do café ocultado” é o nosso ponto de encontro.

Entrevistadora: Que bonito, o “nome do café ocultado”. Isso é que fica, é importante ter alguém pra se apoiar. E é essa tua amiga portuguesa?

Jovem 03: Sim.

Entrevistadora: O que tu acha que foi o maior desafio que tu enfrentou pra se adaptar em Portugal? Tu já sente adaptada em Portugal?

Jovem 03: A gente sempre acha que tá, né? Mas às vezes surgem umas bombas aí da vida que te fazem lembrar que talvez você não esteja, né? Eu sou uma pessoa que me adapto muito bem aos ambientes que eu tô, independentemente dele qual seja mas tem umas coisas que é difícil de engolir ainda. Mas, né, acho que o maior desafio mesmo foi ter que aguentar tudo calada, porque não podia retrucar. Entende? Já não bastava ser imigrante também tinha que vir preto, né? Pelo visto é problema ter melanina.

Entrevistadora: Não é pra ser problema, né? Estamos aí pra lutar que isso seja tratado como tem que ser tratado, né? Todas as pessoas iguais com seus direitos, independente de onde vêm, independente da cor que nasce. Sinto muito que tu tenha passado mesmo por isso. Mas eu tenho certeza, pelo que eu conheci de ti, que tu é uma menina que é muito empoderada de si, que se vê que tem muita coisa pra falar, mas que é que ela tem a cabecinha esperta, que sabe quando tem que falar e que eu espero que tu tenha discernimento na tua vida pra sempre continuar assim porque o pouco que eu conheci de ti se mostrou uma menina muito inteligente, que, independente das circunstâncias que tu se encontre, tu vai conseguir construir a tua vida de uma forma muito bonita e conforme os teus sonhos, eu tenho certeza disso. E a nossa entrevista às perguntas já chegaram ao fim, era mesmo pra saber pouquinho mais de ti aqui, além do que eu tinha ouvido na Semana Ubuntu já, e muito obrigada mesmo por ter aceitado participar da entrevista. E eu desejo que tu seja muito feliz nos caminhos que tu tomar, que continue

sendo essa menina inteligente, esperta, ativa, muito proativa, e nunca te deixam que te minimizem, tá bem? Nunca! E não sei se tu tem o meu contato ainda, mas o que tu precisar também tô disponível pra conversar, pra qualquer coisa, tá bem? E é isso.

Jovem 03: Muito obrigada.

Anexo 2.4. Transcrição da entrevista nº 04

Entrevistado(a): Jovem 04

Data:16/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 22 minutos e 14 segundos

Entrevistadora: Então, deixa eu me apresentar, eu sou a Marrieni, trabalhei na Academia de Líderes Ubuntu, fazia as Escolas Ubuntu antes com jovens nas escolas, o ano passado também fiz semana com jovens das casas de acolhimento, e essa entrevista é porque a minha dissertação de mestrado é sobre jovens em acolhimento e o impacto de atividades como a Academia de Líderes Ubuntu, um programa de educação não formal, tem na construção do projeto de vida dos jovens, tá? Eu estou a gravar, mas eu não vou utilizar essa imagem em nenhum momento, nem nenhum dado teu vou utilizar as respostas que tu me der nessa entrevista, tá bem? Se tu sentir que alguma pergunta tu não queira responder, tá tudo bem.

Jovem 04: Tá.

Entrevistadora: Então tá, então vamos começar. “Jovem 4”, que idade tu tens?

Jovem 04: Tenho 14 anos, vou fazer 15 em novembro.

Entrevistadora: E onde tu nasceu?

Jovem 04: Nasci no Sudão.

Entrevistadora: No Sudão. E há quanto tempo tu tá em Portugal?

Jovem 04: Eu vou fazer 4 anos esse ano.

Entrevistadora: 4 anos. E antes de viver cá em Portugal, tu viveu em algum outro país?

Jovem 04: No Egito.

Entrevistadora: No Egito. Por quanto tempo?

Jovem 04: Quase 9 anos.

Entrevistadora: Bastante tempo. E quando tu foi para o Egito, tu foi com alguém ou foi sozinha?

Jovem 04: Foi com a minha família.

Entrevistadora: Foi com a tua família. E quando tu veio para Portugal, tu veio acompanhada ou veio sozinha?

Jovem 04: Sim, acompanhada.

Entrevistadora: Com quem tu veio? Pode me dizer?

Jovem 04: Minha mãe e meus irmãos.

Entrevistadora: E eles estão cá em Portugal ainda hoje?

Jovem 04: Sim, Sim.

Entrevistadora: E neste momento eles estão cá em Portugal, estão próximo de ti?

Jovem 04: Vivemos na mesma casa.

Entrevistadora: Vivem na mesma casa?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: Todos vocês?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: Olha que fixe! E como é viverem todos na mesma casa em Portugal? O que é de diferente?

Jovem 04: Nada. É bom.

Entrevistadora: E quando agora vocês estão na casa de acolhimento, tu tá na casa de acolhimento há quanto tempo já?

Jovem 04: Tipo, como a gente?

Entrevistadora: Sim, quando chegou em Portugal fazem quatro anos, certo?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: Desde então tu está na casa de acolhimento?

Jovem 04: Sim, tivemos. Eu acho que foram dois anos ou ano.

Entrevistadora: Dois anos, mais ou menos, ok. E quando tu tava no Egito o que tu fazia lá?

Jovem 04: Nada. Tinha só escola.

Entrevistadora: Ok. E por que vocês foram para o Egito? Tu saberia me dizer?

Jovem 04: Não, não sei. Eu só tinha um ano.

Entrevistadora: É, pequena. E quando vieram para Portugal? Tu sabe porque que foi a decisão de vir para cá?

Jovem 04: Não.

Entrevistadora: E tu tem vontade de voltar para algum destes países que viveu ou gosta de viver em Portugal?

Jovem 04: Egito.

Entrevistadora: Tem vontade de viver no Egito? Tu gostava de viver lá?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: E ficaram bastante amigos lá? Como era a tua relação com as pessoas lá?

Jovem 04: Era bom. Sim. Tem que ter muitos familiares ali (Egito), assim.

Entrevistadora: Tem familiares lá (Egito) também?

Jovem 04: Sim, muitos.

Entrevistadora: E agora aqui em Portugal, tu tá na escola?

Jovem 04: Sim, estou.

Entrevistadora: Que ano tu está? Como é que é a escola? Me conta.

Jovem 04: Eu passei pelo oitavo ano, é fixe. Então agora é a minha segunda ano aqui na escola.

Entrevistadora: Na mesma escola tu tá pelo segundo ano já?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: E nesse momento qual é a perspectiva de quando tu sair da casa de acolhimento no que pensa em fazer?

Jovem 04: Nesse momento não sei exatamente, mas eu acho que não é para continuar a viver aqui porque também quero saber outros países e assim, quero ir a outros países.

Entrevistadora: Então tu quer conhecer outros países também para ter experiência e saber o que tu pode fazer, o que tu vai fazer na tua vida?

Jovem 04: Sim, quer dizer, eu já sei o que vou fazer na vida, mas também quero descobrir outros países.

Entrevistadora: Então me conta, o que tu quer fazer na tua vida? Quais são os teus sonhos?

Jovem 04: Eu não sei como se diz em português, mas Real Estate Agent (corretora de imóveis) em inglês.

Entrevistadora: Boa! E que curso tem que fazer para seguir a profissão?

Jovem 04: Eu quero fazer comercial, mas eu posso fazer economia, só que eu não sou boa em matemática, então economia vai ser difícil, então vou para o comercial, mas já que falo tipo várias línguas já é fácil.

Entrevistadora: E quais idiomas tu fala? Português, inglês e o que mais?

Jovem 04: E árabe e tô aprendendo espanhol.

Entrevistadora: Uma poliglota, muito bom. Que fixe, lindo. Eu adoro, tenho vontade de aprender muitos idiomas também, mas não sei muitos ainda não. E agora, neste momento, “Jovem 04”, tu está na escola e tá a fazer algum outro curso ou participar de algum projeto?

Jovem 04: Não, eu tô na escola.

Entrevistadora: Tu tá na escola e tá de férias neste momento?

Jovem 04: Sim, no verão.

Entrevistadora: Boa. E não chegaste em nenhum momento a trabalhar ainda, “Jovem 04”?

Jovem 04: Não.

Entrevistadora: Ok, perfeito. E “Jovem 04”, agora pensando, no ano passado tu participou do Ubuntu, certo?

Jovem 04: Sim, sim.

Entrevistadora: E tu já participou de algum outro projeto parecido com Ubuntu, tanto aqui quanto no Egito?

Jovem 04: Não.

Entrevistadora: Não? Nunca tinha participado de nenhum projeto assim?

Jovem 04: Não. Acho que não. Se calhar já, mas não lembro.

Entrevistadora: E quando tu participou do Ubuntu, tu lembra dos pilares que são trazidos no Ubuntu?

Jovem 04: Não, esqueci. Lembra o que são os pilares mais ou menos? Eu acho que falava tipo de Mandela, os pilares, essas coisas.

Entrevistadora: Isso também. Mas os pilares eram o autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e o serviço. Lembra disso?

Jovem 04: Sim, sim.

Entrevistadora: Tu acha que destes pilares, “Jovem 4”, o que tu desenvolveu mais na tua vida? Só para tu pensar quando chegou lá na segunda-feira da semana Ubuntu, não sabia o que era aquilo e aí lá na sexta-feira alguma coisa mudou em ti? O que mais ficou na tua vida?

Jovem 04: Podes dizer nos pilares novos que eu estou?

Entrevistadora: Autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e o serviço.

Jovem 04: Ok, eu acho que a empatia é a que mais... comparado eu de agora e eu daquele tempo, eu acho que cresci mentalmente mais. E aquela semana mudou-me muito rápido.

Entrevistadora: E como que tu acha que tu cresceu mentalmente mais? Quer me dar algum exemplo?

Jovem 04: Sim, tipo, por exemplo, antes de julgar alguém por uma coisa que essa pessoa fez, temos que nós pôr no lugar dessa pessoa e ver como essa pessoa vê a coisa porque para nós pode ser outra coisa, para eles é outra.

Entrevistadora: Porque realmente as nossas experiências vai muito de encontro com o nosso background, não é? Com nossas experiências de vida. E às vezes nós até temos o mesmo pensamento, já passamos por coisas muito similares, mas de formas diferentes. Então a forma como que a gente vê também é diferente, não é? Isso é muito bom. E por que tu disse que essa semana mudou a tua vida?

Jovem 04: É a minha perspetiva de ver as coisas.

Entrevistadora: Quer me dar exemplos?

(ambos riem)

Jovem 04: Já dei.

Entrevistadora: Além da empatia, tem mais alguma outra?

Jovem 04: Não, acho que não.

Entrevistadora: E agora, pensando durante a tua participação na Semana Ubuntu, o que tu acha que mais teve impacto em ti, além desenvolver a tua empatia? Tu acha que a “Jovem 04” que chegou lá na segunda-feira, ela falava abertamente sobre a história de vida dela ou desenvolveu isso durante a semana?

Jovem 04: Naquela semana eu pensei mais que nem toda gente é a mesma pessoa. Toda gente tem uma coisa diferente do que outros e que... eu acho que só isso. Sim.

Entrevistadora: E isso foi importante durante a semana? O que é que tu levou disso depois da semana?

Jovem 04: Levei que toda gente obviamente não vai ser a mesma pessoa. E, se calhar, uma pessoa coisa pra outra pessoa, a pessoa leva mal, mas que pra ti não é uma coisa mal. É que tem gente que consegue falar sobre os problemas deles e tem gente que não consegue.

Entrevistadora: Cada tem seu tempo, não é? Pra falar sobre as coisas, pra desenvolver as competências, claro que sim. Quando tu chegou lá na Semana Ubuntu, provavelmente a “Jovem 04” já tinha aqui competências também desenvolvidas nela, como os pilares. O que tu acha que, quando tu chegou na Semana Ubuntu, tu já tinha na tua vida, mas que melhorou depois da tua participação na Semana Ubuntu?

Jovem 04: Empatia e aquela cena de serviço, né? E auto confiança.

Entrevistadora: Por que tu acha que a tua autoconfiança melhorou?

Jovem 04: Porque eu daquele tempo me importava muito com o que as pessoas dizem de mim e o que as pessoas acham de mim. Mas agora eu faço o que eu quero e me deixo feliz. Não é o que as pessoas querem.

Entrevistadora: Passou a se importar com a tua felicidade também e contigo mesma. Sim. E a empatia tu ainda me disse por que tu acha que mudou. E o serviço, por que tu acha que foi aqui pilar muito trabalhado em ti também? Porque tu me disse que o serviço também é algo que te impactou muito. Por que tu acha?

Jovem 04: Quando nós nos colocamos em prol de ajudar o outro, de ajudar a comunidade. Porque eu antigamente, tipo, eu tinha medo de ser exemplo de líder. E, por exemplo, nos trabalhos do grupo e assim sempre tive medo de ser responsável e assim. Porque isso é muito de responsabilidade e assim. Mas eu agora consigo controlar isso e assim.

Entrevistadora: Então tu achas que trabalhas melhor em equipa?

Jovem 04: Depende, mas no momento consigo trabalhar mais sozinha. Tô conseguindo trabalhar assim sozinha.

Entrevistadora: E agora, pensando também aqui nas questões dos teus projetos de vida, “Jovem 04”. Temos muitos jovens que participam da Semana Ubuntu, como tu teve a oportunidade de participar. E o que tu acha desses projetos como o Ubuntu como que eles podem contribuir para a vida dos jovens e contribuir para a construção de projetos de vida?

Jovem 04: Eu acho que o Ubuntu ajudou muita gente, muitos jovens também, nesse caso. E que, em uma semana, pode todo tudo mudar. Nossos jeitos de ver as coisas, saber como nós nos sentimos e ajudar muito na mentalidade de jovem, assim.

Entrevistadora: E o que tu acha que esse jovem vai levar pra além da vida? O que ainda tu pensa ainda naquela semana, o que tu levou pra tua vida?

Jovem 04: Amizades que fizemos ali, memórias, os momentos que eu estava lá, foi muito fixe. E lições também, aprendi.

Entrevistadora: Fizeste muitos amigos lá?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: E ainda tem contato com eles, das outras casas? Sempre.

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: Que bom, que bom. E pensando “Jovem 4”, já que tu não participou de nenhum outro projeto além da Ubuntu, mas vamos pensar então no Ubuntu. Se tu fosse me dizer uma coisa que o Ubuntu poderia melhorar, projetos desenvolvimento de competências como o Ubuntu poderiam melhorar para ajudar jovens, me dar uma ideia do que pode ser melhor numa semana como a semana Ubuntu?

Jovem 04: Eu acho que não há nada para mudar, porque já está bem feito para jovens. É isso.

Entrevistadora: Agora eu vou te fazer umas perguntas aqui sobre a questão do teu bem-estar e a tua inserção social em Portugal, tá?

Jovem 04: Tá.

Entrevistadora: Eu queria saber como é que tu te sentes, já fazem aqui quatro anos que tu estás cá em Portugal, como é que tu te sentes inserida na escola, na casa que tu estás, com a equipa técnica da casa que tu estás, como é que é a tua relação com eles?

Jovem 04: No começo, quando chegamos aqui, eu tinha a ansiedade social, não conseguia falar com ninguém porque tinha medo, mas com o tempo, conhecer outros jovens da minha idade, percebi que não tenho que ter medo de fazer amizades assim. Eu comecei a conhecer mais pessoas e isso acho que ajudou muito também na escola.

Entrevistadora: Então tu sente que tu foi bem recebida sempre?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: E hoje em dia as tuas relações de amizade, elas são em maioria de outras nacionalidades ou tem bastante amigos portugueses?

Jovem 04: Alguns são portugueses, obviamente, né? Mas o resto tem dupla nacionalidade ou assim.

Entrevistadora: E agora pensando pouco nessa questão também da construção da tua participação na comunidade, tu estás escola, e como tu te enxerga em relação aí à comunidade em Braga?

Jovem 04: Não, eu tô bem.

Entrevistadora: Bom, bom que você tá bem. Eu fico feliz que você tá bem. E agora “Jovem 04”, pensando pouquinho nas suas experiências de vida. Eu queria saber se você pode me contar alguma história ou alguma experiência de vida que foi significativa durante os seus 14 anos, que tu lembre, e queira me contar?

Jovem 04: Eu acho que não tenho.

Entrevistadora: Não? Se não tem, tudo bem. E uma última pergunta: qual é o maior desafio que tu acha que tu enfrentou até hoje, tanto pode ter sido no Egito quanto aqui em Portugal.

Jovem 04: Eu acho que foi quando eu tive um acidente de carro no Egito.

Entrevistadora: Quer me contar pouco mais sobre ou não sente a vontade?

Jovem 04: Eu estava a voltar da escola, não era escola, era tipo daycare para crianças. Eu era mais nova naquele tempo, acho que tinha bem oito anos, e o meu tio estava a levar o meu irmão do meio, nos ombros, e estava a passar a rua. Naquela rua não tinha passadeira, então o meu tio passou com o meu irmão no colo dele e eu estava atrás deles. E depois veio de repente motocarro público e batiu em mim, passou acima do meu pé e tive que o mesmo motocarro que batiu em mim, levou-me ao hospital com o

meu tio e o meu irmão acho que fiquei lá durante dois meses não tinha sangue no pé, não tinha sangue, não tinha carne no meu pé tiraram carne do meu... Como se diz? Coxa, para manter o meu pé e a cirurgia foi feito. Eu não tenho ninguém na minha família que tenha o mesmo sangue que eu, porque eu perdi muito sangue, mas o motorista da minha família tinha o mesmo sangue que eu, então ele ajudou.

Entrevistadora: Ele ajudou a socorrer com todos os problemas que foram?

Jovem 04: Sim.

Entrevistadora: E tu levou muito tempo para se recuperar?

Jovem 04: Isso eu sei que fiquei muito tempo em casa, não fui a escola e assim, mas minhas professoras assim verem me visitar.

Entrevistadora: Continuava a estudar de casa então?

Jovem 04: Não, depois eu fui para uma escola pública, não, privada.

Entrevistadora: Entendi. Bom, eram essas perguntas que eu tinha para te fazer. Estou muito feliz de ter aceitado participar dessa entrevista comigo, muito obrigada mesmo pela tua contribuição. E pelo que eu ouvi de ti, pelo que as pessoas me disseram, tu é uma menina incrível e eu desejo que tu tenha muito sucesso na tua vida, tá bem?

Jovem 04: Obrigada. Tchau, igualmente.

Anexo 2.5. Transcrição da entrevista nº 05

Entrevistado(a): Jovem 05

Data:17/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 33 minutos e 09 segundos

Entrevistadora: Olá “Jovem 05” muito prazer! Eu sou a Marri, tudo bem contigo?

Jovem 05: Tudo, e contigo?

Entrevistadora: Comigo tá tudo bem também. “Jovem 05”, eu vou te dizer já que aqui a sala que eu estou ela está a dar muito eco, então se por acaso tu não entender alguma coisa ou não ouvir bem o que eu estou a falar pode me pedir para repetir, tá bem?

Jovem 05: Eu aprendi português já, mas por favor fala devagar.

Entrevistadora: Tá bem, tá bem, pode deixar. “Jovem 05”, essa sessão está sendo gravada, conforme tu sabe, porque a entrevista faz parte do meu estudo da dissertação do mestrado. Eu já estive a trabalhar no IPAV e na Academia de Líderes Ubuntu, como tu estive no ano passado com eles estou a pesquisar jovens que estão em acolhimento e qual o impacto de programas como a Academia de Líderes Ubuntu na vida desses jovens e na construção dos projetos de vida, tá bem?

Jovem 05: Sim, sim.

Entrevistadora: Então “Jovem 05” vamos começar. Qual é a tua idade?

Jovem 05: Eu tenho 20.

Entrevistadora: Em que país tu nasceu “Jovem 05”?

Jovem 05: No Afeganistão.

Entrevistadora: E antes de vir para Portugal, tu viveu em outro país?

Jovem 05: Sim, primeiro fui no Qatar, depois aqui.

Entrevistadora: E No Qatar tu viveu por quanto tempo?

Jovem 05: Há mês. Eu lembrei-se de mês.

Entrevistadora: Ok. E tu tá aqui em Portugal faz quanto tempo?

Jovem 05: Eu estou aqui há quase dois anos. Dois anos e três meses.

Entrevistadora: Boa. E nesses dois anos e três meses, quanto tempo faz que tu está na casa de acolhimento?

Jovem 05: Desculpa?

Entrevistadora: Nesses dois anos e três meses há quanto tempo tu está na casa?

Jovem 05: Um ano eu estou aqui.

Entrevistadora: Em “nome da cidade ocultado”. Tu veio para outra casa antes dessa de “nome da cidade ocultado”.?

Jovem 05: Sim, nós primeiro fomos para “nome da cidade ocultado”. juntos. Eu me lembro de hospital grande.

Entrevistadora: Onde era?

Jovem 05: Não sei nome, perto de piscina, praia. Acho que é aqui.

Entrevistadora: E quanto tempo então tu ficou lá, “Jovem 05”?

Jovem 05: No “nome da cidade ocultado”.?

Entrevistadora: É?

Jovem 05: Um ano.

Entrevistadora: Um ano também, ok.

Entrevistadora: E quando tu veio do Afeganistão para o Catar, depois do Catar para Portugal, tu veio sozinho ou veio acompanhado?

Jovem 05: Vai com os meus amigos afegãos quando eu viajar no Catar, depois eu venho aqui.

Entrevistadora: Ok, com os mesmos amigos que tu foi para o Catar, tu veio para cá, para Portugal, isso?

Jovem 05: Sim, com grupo “nome ocultado”.

Entrevistadora: Ok. E lá no Catar, tu tinha família?

Jovem 05: Não, não tenho.

Entrevistadora: Toda a sua família está no Afeganistão?

Jovem 05: Sim, sim.

Entrevistadora: E tu ainda tem contato com a tua família lá?

Jovem 05: Sim, claro que sim, às vezes.

Entrevistadora: Com quem você tem contato lá?

Jovem 05: A minha irmã, pai, mãe.

Entrevistadora: E no Afeganistão, o que tu fazia lá? Me conta pouco da tua rotina.

Jovem 05: No Afeganistão eu estava estudante. Estudante, às vezes trabalho no (palavra inaudível). Guitarra, eu toco guitarra.

Entrevistadora: Toca guitarra? Olha que fixe, que tipo de música que tu gosta?

Jovem 05: Eu gosto de música clássica, mas os meus notas é só escrever.

Entrevistadora: Sim. Compõe, no caso?

Jovem 05: Sim, sim. Clássico.

Entrevistadora: Existem grandes compositores. Tu gosta de algum compositor brasileiro?

Jovem 05: Sim eu gosto mas eu não me lembro aqui.

(tenta cantar a música e ambos riem)

Entrevistadora: Então, tu tá agora na casa e como é que tá sendo o teu dia-a-dia? Me conta como é que tá o teu dia-a-dia.

Jovem 05: No caso, eu estou tudo bom mas às vezes eu sinto muito triste porque a minha casa é muito rapazes, cinco rapazes. Às vezes é sujo, às vezes é limpo, às vezes... Também os meus amigos fumam, eu não gosto de fumar mas eu gosto de ir para o trabalho, eu faço trabalho, também eu vou para o ginásio.

Entrevistadora: Vai para ginásio também? Que bom, é importante. E o que você vai trabalhar?

Jovem 05: Eu já vou trabalhar no “nome do restaurante ocultado”. É restaurante de leitão.

Entrevistadora: E como é que tá a questão dos estudos? Tu já concluiu ou está a estudar?

Jovem 05: Estudar no “nome do instituto ocultado”, na “nome da escola ocultado”.

Entrevistadora: E qual ano que tu está?

Jovem 05: Ano é... pera, mais ou menos, décimo segundo.

Entrevistadora: Décimo segundo, ok.

Jovem 05: É muito difícil eu aprender todas as coisas novas quando aqui eu não sabia nada para computador para Word, Excel. Agora eu sabo escrever.

Entrevistadora: Então você tá aprendendo tudo isso de computador aqui agora?

Jovem 05: Sim, sim. Na ““nome da escola ocultado”, eu gosto da minha escola.

Entrevistadora: E tu tá tendo aulas de português só na escola ou fora da escola também?

Jovem 05: Claro que eu aprender, eu baixo no Google escrevo ali. Aprender quando, baixo aqui no App Store e falo com a “nome da técnica ocultado”. Conhece você?
(um espaço de conversa sobre as pessoas da instituição que atende o jovem que foram considerados relevantes para a transcrição)

Entrevistadora: E deixa eu te perguntar pouco mais então. Tu tá então no apartamento de autonomia com outros cinco ou é tu e mais quatro?

Jovem 05: Cinco comigo, cinco rapazes.

Entrevistadora: Contigo cinco, ok. E neste momento de autonomia de vida, já está no apartamento, está a trabalhar, está a estudar, o que mais se planeja para o teu futuro?

Jovem 05: Claro que eu quero futuro bom, trabalhar também, trabalhar, mas eu sou dado para a minha família.

Entrevistadora: E tem alguma chance da tua família vir para cá também?

Jovem 05: Sim, sim, mas tem que ter tempo.

Entrevistadora: Eles querem vir para cá? Sim, claro que sim.

Jovem 05: É melhor para a minha irmã, porque ela é pequena. Quando ela chegar aqui, talvez ela aprenda mais cedo, porque ela é pequena.

Entrevistadora: Que idade ela tem?

Jovem 05: Ele tem 11.

Entrevistadora: “Jovem 05”, vou te fazer uma pergunta, se tu não sentir confortável me responder, tudo bem. Mas qual foi a principal motivação de tu sair do Afeganistão?

Jovem 05: Porque quando eu estava no Afeganistão, nós vimos que o Talibã chegar aqui, ele não deixa que toque músico, toque algum restaurante. Nós, triste, porque não só no Afeganistão, em escola “de música”, todos tocam música. O meu professor diz que quando você toca música, você tem futuro melhor.

Entrevistadora: E para o teu futuro, na construção dos teus projetos, tu pensas também em continuar a ser músico, em seguir carreira?

Jovem 05: Não muito porque agora eu estou na escola nova. Eu estudar no curso de secretariado, claro que não preciso mais de música. Mas eu vou tentar continuar no “nome da escola de música e origem ocultados”. No outro, não (no que formaram em “nome da cidade ocultado”). Não quero.

Entrevistadora: Ok. E tu pensas em fazer alguma faculdade, algum curso específico? Em outra área, ter uma formação em outra área.

Jovem 05: Eu penso para advogado.

Entrevistadora: Advogado?

Jovem 05: Eu disse que quando chegar aqui, quando acabar a “nome da escola ocultado”, eu vou deixar aqui, eu quero ser advogado, eu tenho que aprender mais línguas, mais coisas. “nome da técnica ocultado” diz que vai no “nome da escola ocultado”, o curso secretário ajuda, sim por enquanto. O que “nome da técnica ocultado” diz é verdadeiro.

Entrevistadora: Sim, é. Com certeza, quando tu aprender ainda mais o português, já está aprendendo muito bem e terminar a escola, vai conseguir entrar em uma faculdade para fazer direito, sim, para ser advogado. Boa!

Jovem 05: É, eu vou tentar. Sempre vou tentar. Eu não gosto deixar, eu não gosto de ficar de uma... eu não gosto de sentar no mesmo sítio, tem que ir, vai, forte, forte.

Entrevistadora: Seguir sempre em frente.

Jovem 05: Sim, sim, sempre.

Entrevistadora: “Jovem 05” aonde tu está a trabalhar agora? Tu recebe salário lá?

Jovem 05: Sim, recebo, mas não muito. Eu disse para ele que eu preciso de dinheiro, preciso mais tempo para trabalhar. Ele disse que sim, mas ele (palavra inaudível), ele não sabe. Todos os fins de semana, quando for os fins de semana, ele disse, vai aqui trabalhar uma hora. Eu disse para ele, eu não posso para uma hora trabalhar (no sentido que quer trabalhar mais horas). Mas eu gosto de trabalhar muito porque também é ganhar muito dinheiro, comprar mais coisas.

Entrevistadora: E poder ter a tua autonomia, comprar as tuas coisas. E no apartamento de autonomia está a receber ajuda da Segurança Social, isso?

Jovem 05: Sim, sim. Todos os meses. Às vezes um dia, dois dias, atrasado. Para mim não é igual, para mim não está igual (não tem problema), para eles porque eles não trabalha também, é triste.

Entrevistadora: “Jovem 05” agora eu vou te fazer pouco de perguntas sobre o Ubuntu, tá?

Jovem 05: Ubuntu?

Entrevistadora: É, para ver se tu lembra de quando tu participou, pode ser? Então, quando tu participou no Ubuntu, ano passado, Quando te falaram que tu ia pra uma semana aprender com outros jovens, o que tu esperava da semana que tu foi viver?

Jovem 05: Eu não entendi, desculpa. O que significa Ubuntu? Pode dizer exemplo?

Entrevistadora: Sim, lembra da semana Ubuntu que tu participou o ano passado com outros jovens? Onde se falaram sobre pilares, sobre autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, lembra disso?

Jovem 05: “nome do local ocultado”?

Entrevistadora: Isso, em “nome do local ocultado”. Lembra disso?

Jovem 05: É muito fixe.

Entrevistadora: Muito fixe? Então, eu quero ouvir de ti quando tu chegou lá, quando te falaram que tu ia participar lá em “nome do local ocultado”, o que tu tava esperando quando tu chegou lá?

Jovem 05: Eu espero que quando eu chegar aqui na “nome do local ocultado”, todos vão jogar. Jogam futebol, vão para a piscina, mas ela (alguma educadora) diz que não. Eu espero aqui estudar. Estudar esta, estudar esta, depois tenho que ir para a piscina. Eu disse, sim, mas agora que eu penso, é muito bom para a minha cabeça, eu lembrar mais coisas novas, eu sabia falar. E foi bom porque eu sinto muito, porque eu também gosto de pessoas que começam, sabes, novos nomes deles.

Entrevistadora: E tu lembra, quando tu estava lá na semana, tu lembra dos pilares que eram trabalhados? Lembra disso?

Jovem 05: Sim, mas não muito.

Entrevistadora: Ok, eu vou te ajudar a lembrar e se tu não lembrar de algum tu me pergunta, tá? Era o autoconhecimento?

Jovem 05: Sim, autoconhecimento.

Entrevistadora: A autoconfiança?

Jovem 05: Não.

Entrevistadora: Ok. A empatia?

Jovem 05: Empatia, sim, empatia.

Entrevistadora: Resiliência?

Jovem 05: Sim, sim.

Entrevistadora: E o serviço? Lembra da maioria deles?

Jovem 05: Sim, sim. Quando eles falassem, eu falava devagar. Sim, mas... Eu já sei. Porque agora já foi muito tempo.

Entrevistadora: Eu sei que já passou bastante tempo e realmente é muita informação para lembrar. Quando tu estive lá nesta semana e depois qual dessas competências, dos pilares, tu acha que mais ficou para ti daquela semana?

Jovem 05: Dia que acabar do serviço, e depois nós vamos no “nome da cidade ocultado”. Todos juntos falar sobre isso, sobre as ideias dele. Todos têm ideia, todos têm ideia nova. Que faz isso para a saúde melhor, eu gosto disso.

Entrevistadora: E tu consegue identificar dentro do autoconhecimento, da empatia, da resiliência, o que tu tem mais presente na tua vida?

Jovem 05: Eu tenho muita ideia, mas Acho que eu posso e não posso, eu não consigo, eu não sei.

Entrevistadora: Ok está tudo bem. “Jovem 05”, deixa eu te perguntar mais aqui. Como é que tu enxergas que a tua chegada em Portugal, na escola, na casa? Me conta, como que foi.

Jovem 05: Quando nós chegamos em Portugal, no Lisboa, eu, você vai estudar no hospital, o hospital é muito difícil porque cheira mal também. Ele não deixa que nós cozinhamos, ele cozinha para nós, entrega para nós. Também todos os dias bacalhau, todas as comidas portuguesas não tem no sal. Sim, não tem no sal. Mas é só isso.

Entrevistadora: E como tu foi tratado pelas pessoas? Elas te receberam bem?

Jovem 05: Foi bem, foi bem. Foi muito fixe.

Entrevistadora: Sim? E logo já te deram os encaminhamentos que precisavam ou levou tempo?

Jovem 05: Levou tempo, uns 8 meses.

Entrevistadora: E como é que são as tuas relações de amizades? Tem amigos portugueses, amigos não só os amigos da casa, tem amigos de outras nacionalidades?

Jovem 05: Sim, eu tenho amigos portugueses quando eu estou na “nome da escola ocultado”.

Entrevistadora: O que mais que tu faz nas tuas horas de lazer?

Jovem 05: Às vezes eu vou para a biblioteca.

Entrevistadora: Biblioteca?

Jovem 05: Para estudar para secretário. Estudar para advogado, como vai para o advogado. Estes são meus amigos, português e um mais africano (mostrando fotografia dos amigos no telemóvel).

Entrevistadora: Aham. Tem bastante amigos de países da África também?

Jovem 05: Sim, eu conheço. Também tenho eles.

Entrevistadora: E agora pensando pouco na Semana da “nome do local ocultado” que nós falamos, O que tu acha “Jovem 05” que aquela semana te ajudou na tua vida, o que foi bom que tu levou pra tua vida depois?

Jovem 05: Sim, quando vou aqui eu me sinto muito feliz, porque eu penso que eles estão na minha família. Porque todos juntos, todos falamos sobre isso, todos perguntam como estás, como está a sua família, onde moras, estudar, tudo é família, eu acho.

Entrevistadora: Boa, coisa boa “Jovem 05”. E como é que tu te sentes hoje estando em Portugal? Tu quer continuar a viver aqui?

Jovem 05: Agora, claro que eu preciso sentar aqui porque preciso aprender novamente, eu gosto de aprender mais língua. Claro que agora eu estou quase a falar português, mas eu gosto (quero) mais, mais porque a minha Língua portuguesa não é a minha mãe, não é a minha mãe.

Entrevistadora: Sim, e é mesmo difícil, português é idioma muito difícil também.

Jovem 05: Sim, quando chegamos aqui em “nome da cidade ocultado”, nós passamos a falar.

Entrevistadora: E quanto tempo mais ou menos levou para começar a falar pouco de português?

Jovem 05: Quando chegamos em “nome da cidade oculto”, nós encontramos a escola, também a casa. Quando chegamos aqui precisamos de uma tradutora, quando chegaste aqui não sabias falar português, mas eu atentava. De noite eu não dormia, estudava, estudava. Eu via todos os vídeos, como se diz, olá, como estás, tudo bem, tudo é igual. Sim, mas agora eu posso, eu também tenho uma amiga, dois, três brasileiros.

Entrevistadora: Quer me contar alguma história da tua vida que tu não tenha me contado ainda, de experiências, alguma história que tenha vivido no Afeganistão, no Catar ou quando chegou em Portugal?

Jovem 05: Sim, eu tenho história no Catar. Quando eu estava no Catar, tinha pequeno almoço, tinha jantar, tudo comida boa.

Entrevistadora: A comida lá é boa?

Jovem 05: Sim, comida boa. Hnnn, eu não sei se você lembra (sabe), mas tudo quando cozinha no Qatar, tudo é igual para Afeganistão. Por isso é boa. Aqui também tenho restaurante indiano. Indiano, restaurante do bairro. Mas eu gosto de bacalhau, eu gosto também de pão com panado, sobremesa. Mas agora eu vou cozinhar para a minha.

Entrevistadora: Você cozinha?

Jovem 05: Sim, sim, claro que sim.

Entrevistadora: Era essas perguntas que eu tinha para te fazer, tá? E parabéns, está a falar muito bem português já, por tempo que está aqui.

Jovem 05: Obrigado, muito, obrigada.

Entrevistadora: Eu desejo que você seja muito feliz “Jovem 05”, mesmo. Continue os teus estudos, que a tua família possa vir para cá no futuro, e que tu siga todos os teus sonhos de ser advogado, que estude bastante, tá?

Jovem 05: Obrigado, obrigada.

Anexo 2.6. Transcrição da entrevista nº 06

Entrevistado(a): Jovem 06

Data:17/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 22 minutos e 30 segundos

Entrevistadora: Olá “Jovem 06” eu sou a Marri, eu vou tentar falar pouco mais devagar, pra tu me entender bem. Se eu falar pouco rápido, tu pode me dizer que eu repito, tá bem? Até porque eu estou aqui numa sala que está a dar pouco de eco. Então, pode atrapalhar pouco aqui a nossa conversa. Eu já trabalhei no Ubuntu. Lembra do Ubuntu? Que vocês foram pra Serra da Estrela?

Jovem 06: Sim, sim, eu lembro.

Entrevistadora: Boa. Eu estou a fazer essa conversa contigo e com os outros meninos porque eu estou a fazer a minha dissertação de mestrado que é sobre o impacto do Ubuntu, que vocês participaram lá em “nome do local ocultado”, na vida de jovens que estão acolhidos aqui em Portugal, tá bem?

Entrevistadora: Então vamos lá, “Jovem 06”. Qual é a tua idade?

Jovem 06: Eu tenho 22, 22 anos.

Entrevistadora: E onde tu nasceu?

Jovem 06: Em Cabul, no Afeganistão.

Entrevistadora: E antes de vir para Portugal, tu viveu em outro país?

Jovem 06: Primeiro eu fui para Qatar e depois nós vivemos em Portugal, e nove meses nós estamos em Lisboa para hospital de exército e depois nós vivemos em Braga. Agora eu vivo em Braga.

Entrevistadora: Então, tu estava junto com os amigos do “Jovem 05” também. Tu é dos amigos do “Jovem 05”?

Jovem 06: Não, eu vivo sozinho com outros meus amigos. O “Jovem 05” vive com outros meus amigos. Nós chegamos separados.

Entrevistadora: Chegaram separados?

Jovem 06: Sim.

Entrevistadora: Não chegaram no mesmo grupo?

Jovem 06: É o mesmo grupo, mas a nossa casa é diferente.

Entrevistadora: Ok. Não, mas a minha pergunta é só, quando vieram do Qatar, vieram no mesmo grupo?

Jovem 06: Sim, sim, no mesmo grupo.

Entrevistadora: E agora, em “nome da cidade ocultado”, tu estás a viver com outros meninos em outra casa, isso?

Jovem 06: Sim, sim.

Entrevistadora: Quantos vivem na casa? Me conta pouco sobre como é a vida na casa.

Jovem 06: Na minha casa nós vivemos num apartamento de 5 pessoas, e no meu quarto eu o colega amigo e no outro três pessoas, dois são quartos eles vivem. E nós comemos juntos e comprávamos as coisas para mês nós comprávamos juntos. E depois nós usávamos.

Entrevistadora: E me conta pouco como é que tu ocupava o teu dia, como era a tua vida na Afeganistão, “Jovem 06”?

Jovem 06: Eu tinha uma loja de roupas no Afeganistão e depois de uma loja eu fiz guarda 4 meses no Afeganistão e depois eu fugi porque quando o Talibã tomaram o meu país, depois nós fugimos.

Entrevistadora: E tu tem alguém da tua família que está lá ainda? Tem contato com eles?

Jovem 06: Sim, sim, a minha família eles são do Afegasnistão e eu tenho irmão que tem loja de roupas para crianças e o meu pai está desempregado, ele não tem trabalho, ele está em casa.

Entrevistadora: E você fala frequentemente com eles?

Jovem 06: Sim, sim. Por semana uma vez eu falo como eles, só isso. Porque durante a semana eu tenho aula (palavra inaudível), só por isso.

Entrevistadora: E eles pensam em vir para cá ou qual é o plano?

Jovem 06: Eu penso que eles não vão, porque a vossa língua é muito difícil para eles. Eles não podem falar e os meus pais são muito velhos, eles não podem aprender português.

Entrevistadora: Por isso, é pouco mais difícil sim, com certeza. E tu me disse que está a estudar, está só a estudar ou está a trabalhar também?

Jovem 06: Só a estudar e às vezes eu tenho trabalho em uma restaurante part-time.

Entrevistadora: Não é todo dia?

Jovem 06: Não, porque durante a semana eu tenho muitas coisas e eu devo ir para a escola. A minha escola é muito importante para todas as coisas, por isso eu não consigo.

Entrevistadora: Em que ano tu estás na escola, “Jovem 06”?

Jovem 06: O quê?

Entrevistadora: Em que ano tu estás na escola?

Jovem 06: Eu estava décimo agora, no próximo ano décimo primeiro ano.

Entrevistadora: Boa, muito bem. E uma outra pergunta também, em relação ao teu dia-a-dia, tu estuda, mas tu faz alguma coisa a mais na tua semana de lazer, por exemplo, vai ao ginásio, vê os amigos, como é que é normalmente a tua semana?

Jovem 06: Na uma semana, muitas tempo eu estou na escola e depois eu vou passear com o “Jovem 05”, só isso. Com o “Jovem 05” para “nome do parque ocultado”, outras coisas. E nada, e muito tempo eu estou na casa para aprender português e outras coisas.

Entrevistadora: E como é que é o teu aprendizado de português? É só na escola ou tu gosta de ver vídeos?

Jovem 06: Não, na escola. Porque a minha professora é muito simpática. Ela estuda para nós, todos os dias ela diz para nós que vocês falam português com gosto, se vocês não falam português porque você pode não aprender muito bem. Por isso, todos os tempos vocês falam português que depois é melhor.

Entrevistadora: Mas olha, vou te dizer a mesma coisa que eu disse para o “Jovem 05”. Para o tempo que vocês estão cá, já estão a falar muito bem português porque português é uma língua muito difícil.

Jovem 06: Sim, porque é uma língua que tem masculino e feminino. Por isso é muito difícil para nós, a nossa língua que não tem família masculina. Como é a língua de inglês, a vossa língua.

Entrevistadora: É mesmo difícil, concordo. E, “Jovem 06”, deixa eu te perguntar sobre a semana que vocês foram lá para a Serra da Estrela. Queria saber o que tu lembra daquela semana?

Jovem 06: Tantas as coisas eu esqueci, mas eu... quando que eu fui para a Serra da Estrela, nós chegamos, e depois de (palavra inaudível), nós estudávamos, estudávamos em uma sala, e depois eles deixaram uma filme no projector, e depois era dizer para mim o que você viu, o que aconteceu no filme e depois eu explicar para elas. Eu gostei muito.

Entrevistadora: E tu lembra na semana que eles falavam sobre os pilares? Tu lembra o que é isso?

Jovem 06: Pilares?

Entrevistadora: Lembra disso?

Jovem 06: Não, não.

Entrevistadora: Algo que era sobre o autoconhecimento, autoconfiança, empatia, resiliência e serviço. Tu lembra disso?

Jovem 06: Não, esqueci.

Entrevistadora: Esqueceu? Não tem problema. Já faz algum tempo também e eu sei que é muita informação e lá estava tudo sendo em outro idioma, é diferente mesmo.

Jovem 06: Mas nós fazemos muitas atividades, lembro da piscina, natação e nós jogamos futebol e jogamos games, outras coisas.

Entrevistadora: E das atividades que vocês faziam lá, o que tu lembra assim das brincadeiras que vocês faziam? O que mais podes te lembrar de alguma, além dos filmes?

Jovem 06: Eu lembro dia nós fazemos as... como uma corda.

Entrevistadora: Os fios (é uma dinâmica do 3º dia)? Como as algemas.

Jovem 06: Sim, eu lembro que tinha que abrir essas algemas. Isso eu lembro.

Entrevistadora: E se tu fizesse essa atividade de novo, tu lembraria como sair?

Jovem 06: Sim, sim. Mas foi a primeira vez que eu abri com amigo. Porque... eu vi no TikTok esse vídeo com a fazia, por isso eu entendi.

Entrevistadora: E lembra de mais alguma outra atividade lá?

Jovem 06: Atividade... Outra... Só... Atividade de as cartas.

Entrevistadora: Qual? As cartas (penso que está a falar da dinâmica Carta de Mendez para mim que acontece no 4º dia)?

Jovem 06: Sim, as cartas. Eu... Eu esqueci muitas coisas porque o ano passado, ano.

Entrevistadora: Sim, é ano já, verdade. E a tua carta, tu ainda tem ela?

Jovem 06: Não.

Entrevistadora: Mas chegou a usar ela depois (é a proposta da dinâmica)?

Jovem 06: Não, não. Depois não.

Entrevistadora: E o que tu acha que depois que tu participou dessa semana lá na “nome do local ocultado”, que possa ter te ajudado de alguma forma hoje em dia?

Jovem 06: Você poderia explicar?

Entrevistadora: Quando tu estive lá na semana de “nome do local ocultado”, vocês conversaram com outros jovens, refletiram sobre as histórias de vida, não é? Fizeram várias atividades trabalhando em equipa. Se tivesse algo disso para tu me dizer que aconteceu naquela semana e que hoje em dia tu ainda usa na tua vida, que foi significativo, que foi importante. Tem alguma coisa?

Jovem 06: Não, eu não tenho alguma coisa, mas é bom que eu falei com eles sobre todas as coisas da minha vida, da minha família, mas eles disseram para mim que já passaram, que dia já passaram e a tua vida é melhor. Não fiquei como assim, porque agora você não pode falar muito bem português outras coisas que você tem muitos problemas na sua vida mas vai passar, todas as coisas. Agora que eu vejo, sim, já passou, todas as coisas, eu consegui agora falar português melhor. E outras coisas também na minha escola. Eu conheço os meus amigos portugueses. Eu encontrei uma professora muito simpática, porque todos os dias ela ajuda para nós, sobre todas as coisas. E eu falo com ela sobre todas as coisas na minha vida. E amanhã nós também, amanhã nós iremos para a praia com ela. Isso porque em Portugal eu não tenho ninguém. Só eu tenho a minha professora e o meu primo, só isso. E os meus amigos também, agora são minha família, todos os meus amigos, a minha professora e outras pessoas que eu conheço.

Entrevistadora: Obrigada, sim. Tu acha que quando tu estive lá em “nome do local ocultado” te ajudou a falar mais sobre o que tu sentia?

Jovem 06: Sim, sim.

Entrevistadora: E tu continua colocando isso em prática?

Jovem 06: Eles ajudaram-me quando eu não conseguia falar muito bem ou não entendi como se chama essa coisa, por exemplo, caneta. Eu perguntei deles como se chama, eles

disseram para mim que chama-se caneta outras coisas, e eu aprendi muitas palavras com aquilo.

Entrevistadora: Que bom, que bom. E a tua professora da escola, ela é uma pessoa que tu sente então que hoje em dia tu pode confiar nela também?

Jovem 06: Sim, sim.

Entrevistadora: Que bom. E tu me disse que tem amigos portugueses, tem bastante?

Jovem 06: Sim, eles também são simpáticos e na minha turma, ele chama-se João. Nós brincávamos na minha turma.

Entrevistadora: E que outros amigos tu tem mais, os meninos que estão na casa contigo? Tem amigos de outras nacionalidades também?

Jovem 06: Sim. Não em outros países. Eles são africanos. No meu apartamento ninguém não está, em outros países, só agora.

Entrevistadora: Ok, perfeito. E agora, “Jovem 06”, me fala pouco o que é que tu pensa, o que é que tu sonha para a tua vida, para o teu projeto de vida?

Jovem 06: Eu quero ser polícia no futuro, porque eu gosto. Agora não sei por que eu estudei na escola de música, mas eu não entendo que talvez eu não consiga ser polícia no futuro, porque eu estudei na escola de música, eu não estudei em outra escola mas outras pessoas disseram para mim que no futuro eu vou poder ser polícia.

Entrevistadora: Eu acho que sim também. Tu já tem a tua experiência de músico? Que instrumentos tu tocava?

Jovem 06: O saxofone.

Entrevistadora: E que curso tu pensas em fazer no futuro para ser polícia? Pensas em fazer uma faculdade? Uma universidade?

Jovem 06: Não, não, universidade não. Só eu quero terminar a minha escola e depois eu vou para a polícia.

Entrevistadora: E depois? Me conta mais o que tu sonha para a tua vida daqui 5/10 anos?

Jovem 06: Agora eu não pensei sobre isso, mas agora eu pensei sobre eu ser polícia no futuro, porque eu gosto e eu fui guarda no Afeganistão 4 meses, por isso se eu querer ser profissão eu gosto.

Entrevistadora: E vai ser uma profissão que tu vai te dar bem, se tu gosta, é o importante.

Jovem 06: Sim, sim.

Entrevistadora: E agora já estamos a ir para o final da nossa conversa, eu queria, se tu tivesse uma história para me contar sobre a tua vida, algo que tu queira me contar sobre uma experiência que tu passou?

Jovem 06: Primeiro eu tento aprender português porque é muito importante para mim e depois eu tento crescer por ensino futuro. São duas coisas que são muito importantes para mim, e também outras coisas, mas duas coisas são muito importantes.

Entrevistadora: Então tu considera que agora as coisas mais importantes da tua vida é aprender o português bem e ser policial, isso?

Jovem 06: Sim, sim, isso. Eu dei as coisas muito importantes.

Entrevistadora: E vais conseguir sim. Já está a falar português muito bem, logo também começa a te preparar para ser policial. A nossa conversa já está a ir para o fim e eu te agradeço muito, “Jovem 6”, por ter conversado comigo, contado aqui pouco da tua história. Eu desejo que você seja muito feliz no teu caminho aqui em Portugal, tá bem?

Jovem 06: Obrigado.

Anexo 2.7. Transcrição da entrevista nº 07

Entrevistado(a): Jovem 07

Data:17/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 17 minutos e 39 segundos

Entrevistadora: Então, muito prazer “Jovem 07”, eu sou a Marie. Eu vou falar pouco mais devagar, porque aqui a sala que eu estou está a dar muito eco e também porque eu falo muito rápido. Então, eu vou falar mais devagar pra gente poder conversar, tá bem? Eu já fiz parte da Academia de Líderes do Ubuntu, aquela que vocês estiveram lá em Serra da Estrela, lembra? E eu estou a conversar com jovens como tu e com outros jovens que participaram do Ubuntu para entender o que vocês lembram, o que ficou de impacto daquela semana lá em Serra da Estrela na vida de vocês e conhecer pouco da sua história de vida, dos seus planos futuros, tá bem? Eu vou te fazer algumas perguntas, se tu não entender alguma tu pode me pedir para responder e fique bem à vontade se tu precisar de tempo para pensar, para pergunta, mas o ideal é que a gente consiga aqui conversar e que tu me conte o que vieram na tua cabeça, tá bem?

Entrevistadora: Que idade tu tem?

Jovem 07: 15 anos

Entrevistadora: E em que país tu nasceu?

Jovem 07: Cabul.

Entrevistadora: Onde?

Jovem 07: Cabul, no Afeganistão.

Entrevistadora: No Afeganistão. E tu viveu em algum outro país antes de vir para Portugal?

Jovem 07: Não.

Entrevistadora: Não? Veio direto do Afeganistão para cá?

Jovem 07: Não. Primeiro nós fomos para Qatar e depois Portugal.

Entrevistadora: Quando tu esteve no Catar e quando tu veio para Portugal, tu estava com os meninos, com o “Jovem 05” e com o “Jovem 06” também?

Jovem 07: (faz que sim com a cabeça). Com a minha irmão e tio também.

Entrevistadora: E o teu irmão e teu tio estavam juntos também, e eles estão cá em Portugal também?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Estão contigo ou não?

Jovem 07: Mas eu estou com o meu irmão.

Entrevistadora: Eles estão aí em Braga?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Ok. Que idade tem teu irmão?

Jovem 07: Ele tem 16.

Entrevistadora: E uma pergunta, a tua família que ficou no Afeganistão, tu tem contato com eles ainda, com alguém lá?

Jovem 07: Pode repetir?

Entrevistadora: Tu tem família que ficou no Afeganistão?

Jovem 07: (Faz que sim com a cabeça).

Entrevistadora: Sim. E quem está lá?

Jovem 07: Minha avó e avô. A minha tia, a minha prima e primo, mãe dele.

Entrevistadora: E tu fala bastante com eles?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: E quando tu vivia no Afeganistão, o que tu fazia lá? Me conta como era o teu dia-a-dia.

Jovem 07: (Faz que não entende com a cabeça, por isso volto a repetir)

Entrevistadora: Quando tu vivia no Afeganistão o que tu fazia nos teus dias, como era a tua vida lá?

Jovem 07: Quando o Talibã vem para o Afeganistão, nós não podemos tocar música. Nós vem para Portugal e nós não podemos tocar música ali, por causa disso, nós estamos aqui.

Entrevistadora: E antes de chegar o Talibã, tu estudava?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: E agora aqui em Portugal, em que ano tu está?

Jovem 07: 9º. Agora estou no 10º.

Entrevistadora: Foi pro 10º ano?

Jovem 07: Sim, décimo.

Entrevistadora: Muito bem. E neste momento, tu está numa casa onde tu está vivendo com outros jovens? Está vivendo numa casa com outros jovens?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Quantos vivem contigo?

Jovem 07: Meu tio e irmão.

Entrevistadora: Teu tio e teu irmão, só vocês três?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Teu tio e teu irmão eles trabalham ou estudam? O que eles fazem?

Jovem 07: A minha irmã está a estudar e a minha tia está no trabalho.

Entrevistadora: E tu estás a estudar e me conta pouco o que tu pensa que tu quer para o teu futuro, os teus sonhos e planos?

Jovem 07: Eu vou continuar a música, estudar. Quero ser (palavra inaudível).

Entrevistadora: Como? Não escutei.

Jovem 07: Eu vou continuar com a música e quero tocar a flauta.

Entrevistadora: A flauta é instrumento que você toca?

Jovem 07: (faz que sim com a cabeça) e cítara. Eu toco dois instrumentos.

Entrevistadora: Cítara. Não conheço este. Como é?

Jovem 7: É da Índia.

(neste momento pesquisamos no Google sobre o instrumento)

Entrevistadora: Muito bonito. O que é mais difícil, a cítara ou a flauta?

Jovem 07: Difícil?

Entrevistadora: É.

Jovem 07: Os dois. Eu toco flauta só aqui no “nome do local ocultado”.

Entrevistadora: E continua a fazer aulas de flauta aqui então. Então, quando tu ficar mais adulto, tu quer ser a carreira de músico, isso?

Jovem 07: Sim. Nós temos concertos no “nome local ocultado”.

Entrevistadora: Parabéns!! Boa! Deixa eu te perguntar agora, “Jovem 07” sobre a semana que tu foi lá pra “nome do local ocultado”, o que tu lembra daquela semana?

Jovem 07: Eu lembro... Serra do Estrela está muito bonito e nós fazemos jogos, jogamos futebol e vimos os filmes e fomos para a piscina e bom comida.

Entrevistadora: E do que vocês fizeram de atividades lá ou que vocês estudaram, tu lembra de alguma coisa que foi dito?

Jovem 07: (jovem fica pensativo). Não.

Entrevistadora: Lembra alguma coisa sobre os pilares como o autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e o serviço?

Jovem 07: Acho que nós fazemos mas não, não lembra.

Entrevistadora: Não tem problema. E as atividades que vocês estudaram lá tem alguma que tu lembre?

Jovem 07: Atividades? (jovem fica pensativo). Não.

Entrevistadora: Não? Nenhuma?

Jovem 07: (jovem faz que não com a cabeça).

Entrevistadora: Ok. E naquela semana hoje em dia tem algo ainda que tu pensa ou que lembra daquela semana? De como foi?

Jovem 07: (jovem não responde nada).

Entrevistadora: Tu conseguiu conversar ao falar sobre ti e a tua vida?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Sim? Bastante ou pouco?

Jovem 07: Pouco. Mas não sei se percebi, pode repetir?

Entrevistadora: Tinha as atividades em que vocês conversavam, em que falavam sobre a história de vida de vocês. Como tu sentiu? Tu conseguiu conversar bastante, falar sobre a sua história de vida?

Jovem 07: Foi bom.

Entrevistadora: Ok. E agora? Perguntando aqui pouco sobre a tua vida em “nome da cidade ocultado”, como é que é o teu dia-a-dia, vai vai pra escola, o que mais que tu faz? Além da escola e das aulas de flauta.

Jovem 07: Sim. Só quero continuar a música, estudar.

Entrevistadora: Mas tu faz outras atividades na semana?

Jovem 07: Não. Nós temos uma grupo, nós temos hoje orquestra, amanhã temos de novo no grupo, nós fazemos que o orquestra, o grupo, as aulas de música necessitam.

Entrevistadora: E tu tem amigos aí além do teu grupo?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Tem amigos portugueses ou de outras nacionalidades?

Jovem 07: Nós temos só 1, 2, 3 portugueses amigos. Somos muitos afegãos.

Entrevistadora: Quantos vocês são?

Jovem 07: Eu não sei, mas muito.

Entrevistadora: Sabe dizer mais ou menos quantos são?

Jovem 07: Acho que cinquenta ou quarenta e cinco...

Entrevistadora: É mesmo? Tudo isso? São muitos mesmo, que bom porque podem conviver juntos!

Entrevistadora: E como é que estão as aulas de português? Como é que tu sente que está a aprender?

Jovem 07: Eu aprendi muito bem.

Entrevistadora: Acha fácil ou acha difícil?

Jovem 07: Difícil.

Entrevistadora: É mesmo muito difícil, concordo contigo. E me diz mais uma coisa, “Jovem 07” desde que tu chegou a Portugal ou quando tu viveu no Qatar ou no Afeganistão, existe alguma história que tem na tua cabeça que tu queira me contar, sobre o que tu passou?

Jovem 07: Uma história que tu tenha passado na tua vida?

Entrevistadora: Qualquer história de uma experiência, algo que foi significativo e que te marcou, é para eu te conhecer pouco mais.

Jovem 07: Que no Afeganistão e Portugal estão muito diferentes. A língua, a comida, o pessoal, tem muitas coisas diferentes. Nossa cultura, a cultura do Portugal esta também muito diferente. Nós temos muitas línguas no Afeganistão.

Entrevistadora: Quais idiomas que tu fala no Afeganistão?

Jovem 07: Persa.

Entrevistadora: Persa?

Jovem 07: Sim. A minha língua é Pachtó

Entrevistadora: Como?

Jovem 07: Pachtó, mas eu não sei como é que eu falo. É muito difícil.

Entrevistadora: Eu imagino que seja mesmo.

Jovem 07: Mas eu sempre vivo no capital do Afeganistão, Cabul. Eu sou do capital, eu vivo no Cabul

Entrevistadora: E na capital é o Persa?

Jovem 07: Sim.

Entrevistadora: Perfeito. Então era isso a nossa conversa está chegando ao fim. Muito obrigada por ter aceitado conversar comigo, tá bem? Que tu seja muito feliz na tua vida, que tu seja músico de muito sucesso, que tu continue a tocar muita flauta e muita cítara por aí, tá bem? Obrigada por ter conversado comigo.

Jovem 07: Muito nada.

Entrevistadora: Obrigada. Tchau.

Anexo 2.8. Transcrição da entrevista nº 08

Entrevistado(a): Jovem 08

Data: 18/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 37 minutos e 53 segundos

Entrevistadora: Olá!

Jovem 08: Olá!

Entrevistadora: Como está, “Jovem 8”?

Jovem 08: Bem!

Entrevistadora: Como correu o dia de trabalho?

Jovem 08: Bom, foi um bocadinho cansativo, mas tudo bem.

Entrevistadora: Faz parte, né? Tá muito calor aí?

Jovem 08: Sim. Sim, muito.

Entrevistadora: Então “Jovem 08” te chamei para essa entrevista, como eu te expliquei, estou no processo de recolha de dados para a minha dissertação do mestrado, e a minha dissertação é estudo sobre jovens acolhidos em Portugal, e jovens estes que são portugueses, jovens imigrantes e jovens refugiados, para perceber aqui como é o processo de construção de projetos de vida de vocês e também fazer recorte de jovens que participaram da Academia de Líderes Ubuntu para perceber quais os impactos que a academia pode ter tido durante aquela momento da semana que nós vivemos e o posterior, sobre como que tá hoje, depois de ano e o impacto que a academia pode ter causado na tua vida. Como a gente já se conhece e eu já tenho aqui algumas informações sobre ti, de qualquer forma eu vou fazer perguntas que podem ser repetitivas, mas é mesmo para deixar gravada. Como havia te explicado estou a gravar essa sessão, mas em nenhum momento a imagem vai ser utilizada ou qualquer dados teus, é somente mesmo as respostas para depois passar para a recolha de dados está bem?

Jovem 08: Ok, tá bem.

Entrevistadora: Uma outra coisa também, por defeito, o meu zoom é limitado, as sessões vão abaixo em 40 minutos. E por acaso até lá nós não tivermos terminado e for

abaixo eu preciso de cinco minutos para salvar este vídeo que vou gravar e depois a gente entra de novo para finalizar, tá bem?

Jovem 08: Ok, combinado.

Entrevistadora: Então tá. Então podemos começar? “Jovem 8”, qual é a tua idade?

Jovem 08: 20 anos.

Entrevistadora: E em que país tu nasceu?

Jovem 08: Em Portugal.

Entrevistadora: Antes de entrar na casa de acolhimento com quem tu vivia?

Jovem 08: Os meus irmãos, meus dois irmãos e os meus pais. Quer dizer, o meu pai tinha morrido uns meses antes.

Entrevistadora: E quando tu vivia com os teus pais e os teus irmãos, como que tu ocupava o teu dia-a-dia?

Jovem 08: Eu não me lembro. Eu tinha 3 anos, então não faço ideia.

Entrevistadora: Há quanto tempo tu está acolhida?

Jovem 08: Desde os 3 anos

Entrevistadora: Desde os 3 anos?

Jovem 08: Já faz 17 anos. Fez 17 anos este mês.

Entrevistadora: E os teus irmãos, onde estão?

Jovem 08: O meu irmão mais velho saiu mais cedo, antes de fazer os 18 anos. Ele tinha 9, eu fui para a instituição com 3, ele tinha 9. Saiu, foi para outra instituição com 15. E o meu outro irmão, o do meio, quando eu tinha 3, ele tinha 7, está numa casa de reabilitação.

Entrevistadora: E essas são as únicas pessoas da família que você tem contato hoje em dia ou tem outras pessoas?

Jovem 08: Tenho só com o meu irmão do meio. E quando dá contato com a minha mãe.

Entrevistadora: Ok. E tem contato com elas, se fala? Como é?

Jovem 08: Sim, falamos por mensagem. Às vezes por videochamada porque minha mãe está na Escócia.

Entrevistadora: Ok. Estão na Escócia?

Jovem 08: Sim.

Entrevistadora: Mas ela é portuguesa também? Seus avós, sua família toda são portugueses?

Jovem 08: Não, a família da minha mãe é toda inglesa.

Entrevistadora: E a tua mãe ela viveu em Portugal ou o teu pai se conheceu em outro país?

Jovem 08: Ela viveu em Inglaterra mas depois eu já nasci em Portugal, ela já vivia em Portugal.

Entrevistadora: Entendi. E “Jovem 08” qual é o teu nível de escolaridade atual?

Jovem 08: Vá, no nível de escolaridade completo é 12º ano, mas passei agora para o terceiro ano de licenciatura.

Entrevistadora: Licenciatura em quê?

Jovem 08: Educação básica.

Entrevistadora: E como é que se está a correr?

Jovem 08: Está a correr muito bem, não tem cadeiras para trás, por isso está a correr uma maravilha.

Entrevistadora: Isso é muito bom. Imagina essa sensação de não ficar nada para trás. Porque eu atualmente, o meu mestrado havia ficado para trás e realmente era algo que estava a me causar uma certa ansiedade. Então, fico muito feliz por ti “Jovem 8”!

Jovem 08: Eu tinha uma disciplina do primeiro ano para fazer neste ano, então também me estava a deixar muito ansiosa, mas já acabei.

Entrevistadora: Que bom, que bom. E já começaste o estágio então?

Jovem 08: Fiz estágio mas muito pouco tempo porque os meus estágios são muito pequeninos. Só fiz estágio que foi na hora do recreio, a cuidar das crianças, a fazer jogos com elas, a observar, era mais de observação este ano mas gora no terceiro ano eu vou fazer mais.

Entrevistadora: Com mais horas, entendi. Sim. E “Jovem 08” como é que está a tua vida no sentido de onde é que tu está a viver, como está o processo da tua autonomia de vida?

Jovem 08: Eu ainda faço parte da instituição, mas a instituição é fica no “nome da cidade ocultado”, eu estou a estudar em “nome da cidade ocultado”, então estou a viver numa casa em “nome da cidade ocultado”, num quarto alugado.

Entrevistadora: E divide esse quarto e essa casa com outras pessoas?

Jovem 08: Com outros estudantes da minha universidade.

Entrevistadora: E tens ido para “nome da cidade ocultado” ou ficado direto em “nome da cidade ocultado”?

Jovem 08: Nas férias estou em “nome da cidade ocultado”, agora estou em “nome da cidade ocultado”, estou a trabalhar aqui durante o período de férias para ganhar algum dinheiro. E venho cá nem todas as minhas semanas, venho cá mais ou menos a cada duas, três semanas, assim, vou alternar. Nem sempre venho duas em duas semanas, depende se tiver testes, sequências, tenho que ficar lá para estudar porque cá não estudo muito.

Entrevistadora: E tá, sim. Consegue-te concentrar mais lá?

Jovem 08: Sim, consigo me concentrar, mas também perco muito tempo nas viagens e ir e vir e fazer as malas e desfazer as malas, então... estudo melhor lá porque tenho mais tempo.

Entrevistadora: Quanto tempo é de “nome da cidade ocultado” a “nome da cidade ocultado”?

Jovem 08: Eu vou sempre do autocarro, então é mais ou menos três horas.

Entrevistadora: Três horas, é bastante tempo mesmo.

Jovem 08: Pois porque nós fazemos muitas paragens, ainda trocamos do autocarro.

Entrevistadora: E “Jovem 08”, agora além da licenciatura, durante as aulas estás em dedicação exclusiva para a licenciatura, não estás a fazer nenhum curso ou oferta formativa?

Jovem 08: Não.

Entrevistadora: E com tu indo trabalhar aí em “nome da cidade ocultado”, eu gostava de saber mas se sentir confortável esta bem? Mas disseste que recebe algum dinheiro por esse trabalho, certo?

Jovem 08: Sim.

Entrevistadora: Esse dinheiro que tu recebe, ele é dinheiro que tu considera que é suficiente para as tuas despesas hoje em dia, na tua autonomia de vida e despesas com o apartamento?

Jovem 08: Sim, eu posso dizer o valor.

Entrevistadora: Se tu quiser, não tem problema.

Jovem 08: Sim, eu recebo mil euros por mês, e é bom, eu trabalho das 8h às 5h, quer dizer, às vezes não saio bem às 5h porque vou passear com os meninos, vou para os parques aquáticos ou para a praia, então saio mais tarde. Ou então entro às 10h e saio às 7h, mas também nunca entro às 10h porque vou passear e então tenho que ir mais cedo. Mas sim, faço bem, só durante a semana, no fim de semana tenho folga, tenho os fins de semana em casa, por isso.

Entrevistadora: Sim, isso é ótimo também, ter o final de semana para ti, te dedicar ao teu lazer. E além também deste salário que está a receber como trabalho, ainda está a receber ajuda da segurança social para o apartamento?

Jovem 08: Não, eu recebo a bolsa escolar durante a escola, que é o Estado português que dá, mas nos meses de verão que é julho e agosto, não recebemos.

Entrevistadora: Não recebem nada?

Jovem 08: Mas também estes meses estou na instituição, por isso não pago nada.

Entrevistadora: Entendi, está bem. Agora vamos aqui para algumas perguntas sobre a Academia de Líderes Ubuntu e também outros projetos que tu tenha participado. E queria saber o que tu frequentou de projetos ou atividades extracurriculares, além da escola e do Ubuntu? O que tu mais fez de formações ou estes programas desenvolvimento de competências?

Jovem 08: Acho que não fiz nada, andava no escoteiros e na catequese.

Entrevistadora: E nenhum outro projeto participaste?

Jovem 08: Não, acho que não.

Entrevistadora: E agora pouco sobre o Ubuntu, não sei o que tu sabia quando chegou lá na segunda-feira para começarmos a semana, mas queria entender quais foram os principais impactos teus quando chegou na semana e que conseguiu observar em ti

mesma durante a semana. Na “Jovem 08” em coisas internas mas também da que participou com o grande grupo, quais os impactos que teve?

Jovem 08: Eu, no primeiro dia, pensei que era uma grande seca, não vou gostar nada disto, vou estar aqui durante uma semana e não vou gostar de estar aqui. Mas depois, no segundo dia, já achei aquilo divertido e importante, acho que o que mais aprendi foi a ser mais empática, desde aí, não era que eu não tivesse empatia, eu tinha mas acho que aí fez-me ser ainda mais empática e se calhar a conhecer-me melhor bocadinho.

Entrevistadora: Quer me dar algum exemplo de por que que acha que tu passou a ser mais empática?

Jovem 08: Talvez do que eu aprendi lá, por exemplo, eu lembro muito bem daquele jogo do balão, que tínhamos uma agulha, acho que era uma agulha.

Entrevistadora: Palito?

Jovem 08: Sim. Palito para arrebentar o cada balão era o sonho cada e vocês disseram que podíamos começar o jogo era pronto que era os sonhos só disseram isso e nós começámos a arrebentar os balões dos outros nós tínhamos que destruir o sonho dos outros para concretizar o nosso, acho que esse foi o jogo mais marcante para mim e isso fez-me refletir.

Entrevistadora: Esse jogo realmente muito poderoso, porque nos faz perceber que a gente precisa destruir os sonhos dos outros pra proteger o nosso, né? Eu adoro essa dinâmica também. E agora, o que tu mais desenvolveu de competência durante a semana? Tu acredita que foi a empatia, mas pelo que tu tá me falando, era uma competência que tu já tinha desenvolvida em ti e como a semana melhorou.

Jovem 08: Sim, eu acho que melhorou muito. Acho que me fez refletir mais, acho que foi só para termos atenção às atitudes das pessoas, porque tudo tem porquê, porque cada tem a sua história, às vezes podem reagir mal, mas têm algumas atitudes e nós não sabemos o que está por trás da pessoa.

Entrevistadora: Sim, é isso mesmo. E tu lembra dos outros pilares, além da empatia, dos outros quatro?

Jovem 08: (jovem faz que não com a cabeça).

Entrevistadora: Não?

Jovem 08: Empatia, autoconhecimento, autoconfiança.

Entrevistadora: E a resiliência e o serviço, lembra?

Jovem 08: Sim, sim.

Entrevistadora: Acha que algum desses outros tu pode ter desenvolvido e ficou aqui alguma sementinha plantada pra ti depois da semana?

Jovem 08: Serviço eu já tinha, eu faço voluntariado todos os anos no banco alimentar. Às vezes na escola, se tiver alguma dinâmica eu escrevo-me sempre, ou para ir ajudar a montar alguma coisa na escola eu voluntario-me sempre. Acho que de resto, eu já me conhecia bem. E sobre resiliência acho que não sou uma pessoa de desistir.

Entrevistadora: Tu sente que tu, durante a semana, a “Jovem 8” que chegou lá na segunda-feira, já falava tranquilamente com outras pessoas sobre si ou durante a semana isso foi mais crescente? Como que tu sentiu sobre falar, expor tua história, tuas experiências de vida durante a semana?

Jovem 08: Eu já costumo expor, não no primeiro dia que conheço a pessoa, mas se vierem conversa, se eu já tiver alguma confiança, exponho. Não tenho qualquer problema.

Entrevistadora: E é tranquilo também para ti falar sobre a tua história?

Jovem 08: Sim, sim. Sim, eu choro, mas é tipo de pensar na... história não é porque não ou porque me sinto triste, não é. Foram alguns momentos menos bons, mas não é de me sentir triste, é de pensar que estive triste, acho que é mais.

Entrevistadora: Sim, porque agora parece que já está ressignificado isso.

Jovem 08: Sim, já está resolvido, já está.

Entrevistadora: Boa.

Jovem 08: Até está resolvido na minha cabeça.

Entrevistadora: Que bom, fico feliz, “Jovem 8”. E “Jovem 8”, se tu fosse pensar em relação a ti mesmo e aos teus projetos futuros, a Academia de Líderes Ubuntu, teve algum impacto em relação ao que tu pensa para o teu futuro, aos teus projetos de vida?

Jovem 8: Eu queria muito poder passar o que me ensinaram, gostava muito de passar aos outros. Queria muito fazer parte da equipe. Também vou ser professora, educadora, queria muito entrar nesse projeto.

Entrevistadora: A gente vai falar sobre isso no final, tá? Tá bem, só para te deixar sinalizado que já entrei em contato com a responsável das Casas de Acolhimento no IPAV. E agora no teu processo também de autonomia de vida, me conta quais são os planos ao decorrer agora da tua licenciatura, os planos para o futuro, o que tem aqui planeado para ti?

Jovem 8: Eu agora pode ser o último ano da licenciatura, acho que acabo. Depois faço o mestrado em Beja também. O meu mestrado eu quero fazer mestrado em ensino de pré-escolar e primeiro ciclo, em Beja tem os dois mestrados juntos porque por exemplo, cá no Algarve há os mestrados, mas é mestrado ou de pré-escolar ou de primeiro ciclo, ou seja, só podia ser ou educadora ou professora primária, não podia ser as duas coisas. Em Beja tenho os dois, então vou aproveitar, tenho sempre mais saídas e já conheço Beja, já conheço a universidade, é na mesma escola, já conheço muitos dos professores que são meus professores na licenciatura, então já é vantajoso para mim. Depois de dois anos de mestrado, espero arranjar logo em breve porque também vou sair da instituição porque já não posso continuar na instituição se não tiver a estudar.

Entrevistadora: Está no caminho. E essa possibilidade do mestrado em já fazer nas duas áreas também com certeza vai te abrir as portas, não vai ficar centrada só em uma área, não é?

Jovem 08: Sim, tem mais saídas depois quando acabar o mestrado. Espero ir para o “nome da cidade ocultado” trabalhar, não quero ficar em “nome da cidade ocultado”. (aqui uma breve conversa sobre o clima do “nome da zona ocultado”).

Entrevistadora: Fazes bem, fazes bem pro “nome da cidade ocultado”. E “Jovem 08”, e tu, depois de vivenciar a Academia de Líderes Ubuntu, como é que tu pensa que pode ser esse tipo de programa? A Academia de Líderes Ubuntu é programa de educação informal que desenvolve competências de jovens, né? Como que esse tipo de projeto, esse tipo de programa pode ser importante e contribuir para a vida de jovens, para a construção de projetos de vida? Jovens assim, que estão na mesma situação como tu, construindo os projetos de vida, estão na instituição, como que podem ajudar esses tipos de projetos?

Jovem 08: Eu acho que ajudar a serem melhores pessoas. Eu, mas também porque já fui bocadinho mais velha para lá fazer o projeto, então eu já falava bem da minha história, já tinha tudo resolvido, não me importava de partilhar a minha história, já me conhecia bem, andava nos escoteiros, por isso serviço, servir os outros também já era uma coisa que eu tinha dentro de mim porque sempre aprendi isso desde os meus seis anos que andava nos escoteiros, até aos 18, por isso, todos os fins de semana eu ia aprender isso, mas para os outros acho que isso é muito bom porque aquela semana eu acho que aqui na instituição a muitos deles acho que lhes ganharam mais confiança, mais autoestima, acho que se conheceram melhor já conseguem partilhar a história, já não gozam com as histórias uns dos outros porque cada tem a sua, nenhuma é menos boa que a outra, todos têm os seus problemas, não há ninguém que não tenha os seus problemas. E pronto, acho que é mais isso, é terem mais autoconfiança, poder partilhar a sua história livremente sem haver críticas dos outros, acho que é mais isso e poder servir os outros, ajudar os outros sempre que podemos. Acho que foi isso.

Entrevistadora: Ótimo. E nesse tipo de projetos e programas, como foi o Ubuntu, já como tu não vivenciou nenhum outro, eu gostaria de ouvir a tua perspectiva mesmo a partir do Ubuntu. Se tu me dissesse o que precisa ser melhorado pra esse tipo de projeto para ser mais efetivo pros jovens? O que naquela semana tu gostaria que tivesse sido diferente, pra melhor?

Jovem 08: Não sei. Não sei.

Entrevistadora: Não?

Jovem 08: Nunca pensei sobre isso. Também não me lembro da semana completa, não me lembro de tudo que nós fizemos.

Entrevistadora: Lembra de flashes?

Jovem 08: Sim.

Entrevistadora: E a duração, o pós, o que tu achou?

Jovem 08: Eu acho que o tempo é ideal, acho que é bom o tempo, acho que está bem dividido entre os dias, porque cada dia é pilar. O primeiro dia é que é bocadinho uma seca. Mas pronto, acho que é isso. Mas também acho que é necessário para nós começarmos a perceber o que é, o que é que vamos fazer durante aquela semana, acho

que também é necessário. Por acaso, gostei muito do testemunho daquele rapaz que é, não sei como é que se chama.

Entrevistadora: “Nome do colega da equipa ocultado”?

Jovem 08: Sim, “nome ocultado”. Acho que é bom porque ele partilhou a sua história e depois nós conseguimos também partilhar, acho que todos nós nos identificamos com algum ponto dele, pelo menos que houve consenso na instituição, era o mesmo ponto para todos.

Entrevistadora: E nada mais bonito que a história dele, que é tão diferente, mas é tão próxima da história de todos vocês, né?

Jovem 08: É, é. É fantástico.

Entrevistadora: Inclusive, ele lançou livro esses dias, uma participação de vários testemunhos de jovens que estiveram acolhidos em Portugal, depois eu te mando o nome do livro pra tu procurar.

Jovem 08: Ok, sim, faz favor.

Entrevistadora: E agora pouquinho aqui de perguntas sobre o teu bem-estar e inserção social. Como tu te sentes? Queria ouvir de ti como que tu te sentes inserida, seja na instituição, agora que tu não tá tão direto, mas como que tu te sentes, como é que é o teu dia a dia, como é que é o teu dia-a-dia no apartamento aí na “nome da cidade ocultado” também. Ouvir pouquinho de como é o teu dia a dia, pode ser?

Jovem 08: Durante o tempo que estou cá, vá aos fins de semana venho (para a instituição), mas também não estou muito tempo cá porque vou sempre ver os meus amigos que estão cá no “nome da cidade ocultado”. Já que venho cá ao “nome da cidade ocultado”, aproveito para ver os meus amigos, não estou muito tempo na instituição. No verão estou mais tempo cá, mas também durante a semana trabalho a semana toda, estou cá o fim de semana. Um fim de semana outro ainda vou a “nome da cidade ocultado” ver os meus amigos de lá e ainda estou com os meus amigos de cá, por isso também não passo muito tempo aqui. Também ainda vou ver o meu irmão, ainda esta semana fui ver o meu irmão lá, estive lá o dia todo, não passo assim grande tempo aqui. Elas dizem que eu tenho uma coisa boa aqui porque eles respeitam mais às vezes do que as funcionárias porque são mais velhas e eles (as outras crianças e jovens acolhidos)

tomam-me como exemplo, e então quando eu estou ao jantar, eles às vezes não respeitam as funcionárias ou fazem asneira o jantar todo, mas se eu estiver lá eles já não costumam fazer isso.

Entrevistadora: Eles te têm como referência.

Jovem 08: Sim, então eu fico na mesa e nem preciso dizer nada, mas eles já não fazem, olham só pra mim pra ver se estou a vê-los.

(risos de ambas).

Entrevistadora: Espertos, espertos. Mas é importante pra eles, com certeza, também ter uma referência como tu, né, “Jovem 08”? E como é que as tuas relações de amizade, de proximidade, têm bastante amigos, o que tu faz nas tuas horas de lazer?

Jovem 08: Eu vou sair com amigos, vou sair com meu namorado, vou à praia ver o mar, Eu acho que não faço assim mais nada. E mexo muito no telemóvel...

Entrevistadora: Tu é muito tranquila, né? E “Jovem 08”, se tu fosse me dizer que hoje em dia tu tem adulto com quem tu pode contar, que tu pode falar tranquilamente sobre tudo que se passa na tua cabeça, todas as tuas aflições, tu tem pessoas adultas que te orientam neste momento?

Jovem 08: Tenho uma pessoa. Tenho, é que é uma funcionária da instituição.

Entrevistadora: Ok. E alguém além da instituição tem?

Jovem 08: A mãe do meu afilhado.

Entrevistadora: Ok, perfeito.

Jovem 08: De um dos meus afilhados porque eu tenho dois.

Entrevistadora: Tem dois afilhados? Que idade eles têm?

Jovem 08: Tem 2 anos, o outro tem 12.

Entrevistadora: Já é grandinho de 12?

Jovem 08: Sim O de 12 teve aqui na instituição. E a mãe dele também só que já saíram. A mãe dele saiu antes, depois é que ele foi, ele viveu aqui, foi este ano ele, eu lembro. Mas vivem cá em “nome da cidade ocultado”, por isso eu estou sempre com eles, ainda hoje falei com eles. Depois eu estou em “nome da cidade ocultado” de lazer, vou passear com eles.

Entrevistadora: Fica próxima e é bom, com certeza. Coisa boa. E “Jovem 08”, eu sei já que tu é muito proativa, que o serviço realmente está na tua vida, que é uma menina que muitos tomam como referência, e eu queria saber como é que tu sente a tua relação com a comunidade. Tanto com a comunidade de “nome da cidade ocultado”, tu pode me falar de “nome da cidade ocultado” ou de “nome da cidade ocultado”, a que tu te sentir mais próxima, queria saber o que tu tem vontade de participar socialmente, tu tem vontade de estar engajada em projetos da cidade, em discussões que estejam a acontecer, como é que tu te vês nisso?

Jovem 08: Sim, eu acho que sim, para falar não acho que me envolveria sempre, mas se for para ajudar os outros, fazer alguma ação ou assim, eu me envolveria sempre Mas acho que das duas cidades de “nome da cidade ocultado”, e vejo, por exemplo, agora de “nome da cidade ocultado”, eu candidatei-me a projeto em relação à instituição para ser representante do Conselho Nacional, daquilo que falaram no dia em que fomos lá.

Entrevistadora: Do ANJA?

Jovem 08: Não, do Conselho Nacional dos Jovens Acolhidos, para irmos à Assembleia.

Entrevistadora: Da Assembleia Nacional de Jovens Acolhidos, isso?

Jovem 08: Sim.

Entrevistadora: Tu participou?

Jovem 08: Eu candidatei-me agora. Mandeí uma carta, uma carta de motivação para entrar.

Entrevistadora: Eu não sei a que é anda isso.

Jovem 08: Pois não me responderam, foi a “nome da educadora ocultado” e tudo que mandou, eu dei a carta à “nome da educadora ocultado” porque tivemos uma atividade aqui em que ela teve a explicar quem é que queria se candidatar e eu candidatei-me, e a “nome da educadora ocultado” mandou a carta, mas, entretanto, ainda não disseram nada, acho que ainda vamos a nível regional, só que depois é que passamos a nacional.

Entrevistadora: E devem responder só para o início do ano letivo também, algo assim?

Jovem 08: Deve ser, deve ser.

Entrevistadora: Pronto, tá bem. E já estamos aqui nos encaminhando também para o final, “Jovem 08”. Agora são duas perguntas que é sentir à vontade, que é mais sobre as

suas experiências de vida, se tu quiser me contar qual foi o maior desafio que tu enfrentou até hoje na tua vida? Com sentir à vontade.

Jovem 08: Acho que talvez a altura em que o meu irmão do meio, que é o que eu tenho em contacto, ele saiu da instituição bocadinho antes de fazer o 18, tinha 17 e meio, por isso já podia ir ao tribunal que tinha de dar autorização para sair, foi para a casa da minha mãe, estava já o meu outro irmão, a minha mãe teve presa, para contexto em que a minha mãe teve presa, o meu outro irmão, que é o mais velho, ela tinha saído há uns meses da prisão e o meu irmão mais velho já estava lá com ela e andava em roubos e não sei que lá com o meu grupo de amigos dele, entretanto, o meu irmão mais velho fez a cabeça ao meu irmão do meio para se vir embora da instituição e ir ter com eles. Foi ter com a minha mãe e entretanto estavam num hotel, numa altura estavam num hotel e nós recebemos pensão, ou seja, recebemos pensão do meu pai ter morrido, uma pensão de sobrevivência, acho que se chama assim. Então, tínhamos bom dinheiro, cada um pronto, eu tenho o meu e cada tinha o seu, e então, o meu irmão mais velho começou a estourar o dinheiro do meu irmão do meio, e então, depois estavam lá até alguma altura, o meu irmão do meio ficou com uma sinusite, que já era recorrente, então, como não estava a tratar, estavam a fumar e a ver e não sei o quê, não foi tratada, o pus acabou de subir à cabeça e ele ficou inconsciente, foi para o hospital, foi logo operado à cabeça e ficou paraplégico da parte direita. Acho que foi esse o mais marcante porque eu não sou soube no dia porque a instituição achou por bem não me contar logo, só que quando ele estivesse bocadinho mais estável, e pronto, arrependo-me um bocadinho de a instituição me ter contado no dia e dizer que a senhora (da instituição) e o rapaz iam vê-lo, já o andavam a ir ver todos os dias, mas não me contavam porque eu também não era assim, eu devia ter 13, 14 anos então não achavam que eu estava preparada logo para vê-lo, se eu quisesse, depois, nesse dia contaram e eu não quis ir vê-lo. Também porque ele não se despediu de mim quando se foi embora, não porque não quis, foi porque não o deixaram, porque também iria ser choque para mim. Com isso então também estava bocadinho chateada e também ir chegar lá e depois começar a chorar também não era assim...

Entrevistadora: Muitas emoções a serem digeridas.

Jovem 08: Sim. Acho que é a única coisa que me lembre.

Entrevistadora: Se tu fosse me contar a tua experiência mais significativa, positivamente, que tu teve na tua vida, o que é que vem à tua cabeça?

Jovem 08: Entrar na universidade foi momento muito feliz. Eu achava que não era capaz, mas só o facto de ter recebido aquele e-mail que fiquei colocada na primeira fase, fiquei muito orgulhosa porque, por exemplo, quem é da instituição é bocadinho, acho que ainda há algum preconceito por meninos que sejam da instituição ou porque são mal educados ou porque se portam mal ou são vândalos ou isto ou aquilo, e eu não sou assim mas, às vezes também entro no mesmo saco porque alguns meninos realmente são pronto, portam-se mal ou assim, mas estão revoltados com a vida deles. E então só o facto de ter recebido aquele e-mail acho que me encheu de orgulho e esse dia foi importante porque eu recebi o meu e-mail e o meu namorado recebeu também porque entrámos no mesmo dia na universidade, e pronto, até entrámos na mesma universidade.

Entrevistadora: Na mesma universidade, mas é o mesmo curso?

Jovem 08: Não, ele está em gestão de empresas. E ele também a da instituição.

Entrevistadora: Aê? Eu não sabia. E ele foi para a “nome da cidade ocultado” contigo?

Jovem 08: Sim.

Entrevistadora: Então são muito parceiros?

Jovem 08: Sim. Não era a nossa primeira opção entrar em “nome da cidade ocultado”, a nossa primeira opção era entrar no “nome da cidade ocultado”. A nossa segunda opção era no mesmo curso, mas de “nome da cidade ocultado” e pronto, entramos os dois em Beja, por isso acreditamos que era o destino.

Entrevistadora: Oh, muito bom. Mas é bom, “Jovem 08”, é bom ouvir de ti que isso era uma coisa que tu queria muito, que era entrar na faculdade e que conseguiste mesmo. E realmente essa questão do estigma que ainda se tem muito forte sobre jovens acolhidos, não era pra ser assim, não se podemos generalizar nenhum grupo, não é porque alguns se portam mal que toda gente tem que levar do mesmo jeito, e eu fico muito feliz mesmo que tu tenha conseguido entrar e que as coisas estão bem resolvidas.

E nós já estamos nos encaminhando para o final da nossa conversa. E eu fico muito feliz de ter aceitado participar dessa conversa comigo para que eu lembrar algumas coisas que tu foi falando de novo, eu fui lembrando de coisas que tu já tinha contado na semana e saber que tu tá bem, que tu tá bem encaminhada.

(depois daqui falamos sobre o interesse do Jovem em participar da formação Ubuntu para ser formadora onde a entrevistadora estava a fazer uma ponte do jovem com o IPAV e nos despedimos).

Anexo 2.9. Transcrição da entrevista nº 09

Entrevistado(a): Jovem 09

Data: 19/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 39 minutos e 33 segundos

Entrevistadora: Olá, “Jovem 09”. Está a me ouvir? Eu não estou a te ouvir nem a te ver.

Jovem 09: Olá. Agora sim.

Entrevistadora: Tá tudo?

Jovem 09: Tá tudo, e consigo?

Entrevistadora: Tudo bem, obrigada.

Entrevistadora: Então podemos começar? Deixa primeiro me apresentar “Jovem 09. Eu não sei se a “nome da técnica” ou a “nome da técnica” chegaram a conversar bocadinho contigo sobre do que se tratava, mas eu sou a Marri, já trabalhei na Academia de Líderes Ubuntu, fazia as escolas Ubuntu, depois fiz as casas de acolhimento também. E ao longo tempo com o Ubuntu comecei a desenvolver a minha dissertação de mestrado, o estudo na dissertação de mestrado é sobre jovens que estão em acolhimento em Portugal e como que está o projeto de construção de vida desses jovens, o que vocês têm planeado para o futuro e também perceber qual foi o impacto para os jovens que participaram da Semana Ubuntu. Então, eu tenho aqui algumas perguntas pra te fazer, é uma conversa muito tranquila, tu vai me respondendo conforme sentir a vontade, essa conversa está sendo gravada, mas em nenhum momento eu vou usar esses vídeos ou qualquer dado pessoal teu. Então por isso que tu podes falar livremente sobre as perguntas, tá bem?

Jovem 09: Ok.

Entrevistadora: Então tá. Então podemos começar?

Jovem 09: Sim.

Entrevistadora: “Jovem 09”, qual é a tua idade?

Jovem 09: Acabei de completar há pouco tempo, 18 anos. Já entrei na vida adulta.

Entrevistadora: E tu nasceu onde?

Jovem 09: A minha família não é de cá, mas eu sou português. Nasci no “nome da cidade ocultado”, estou aqui norte já há algum tempo também. Já há uns bons anos.

Entrevistadora: De onde é a família?

Jovem 09: É da Ucrânia.

Entrevistadora: Da Ucrânia. E eles vieram para cá antes de tu nascer?

Jovem 09: Hnnn, eu nasci cá por isso que eu sou português.

Entrevistadora: Ok, ok. E a tua família ela vive em Portugal ainda?

Jovem 09: Só o meu pai e a minha mãe. O resto está na Ucrânia.

Entrevistadora: E tem contato com teu pai e com a tua mãe?

Jovem 09: Eu tenho, só que, por exemplo, a minha relação com o meu pai é complicada, não quero muito entrar nesse assunto, mas, por exemplo, com a minha mãe eu tenho. Estou com ela às vezes, com o meu pai já é mais difícil.

Entrevistadora: Ok, entendo. E no momento, tu está há quanto tempo no acolhimento, “Jovem 09”?

Jovem 09: Já estou há cerca de quatro anos.

Entrevistadora: E tu te encontras na casa de acolhimento ou já está em autonomia de vida? Me conta pouco.

Jovem 09: Eu agora estou na casa de acolhimento, mas já estou assim num processo para ir para sítio onde temos mais autonomia, digamos. Para me preparar para a vida mais a sério, digamos, claro que aqui na casa temos momentos difíceis, também temos momentos bons, mas claro que eu sinto que é necessário fazer uma mudança para perceber como é que é a vida de adulto. E posso dizer que aqui, por exemplo, temos mais ou menos noção, também são dadas algumas competências, permitem também uma pessoa ganhar novas competências também para perceber como é que é a vida autónoma, só que, por exemplo, a casa onde eu estou é uma casa mais de pré-automatização é o termo mais certo. Não nos dá assim uma autonomia 100%, mas também permite, os jovens também são avaliados, independentemente, dependendo dos comportamentos, pronto, claro. Isto também é ponto, que define se uma pessoa é capaz de realizar algumas atividades sozinha, mas posso dizer que é mais ou menos assim que funciona aqui. No momento aqui na casa estamos 12 jovens comparando com

outras casas é número bastante reduzido, tem casas onde o número pode chegar, por exemplo, a 40. Por isso também é uma vantagem que nós temos aqui, mas isso não significa que estamos livres de problemas, ao contrário, temos problemas e temos que aprender a lidar com eles. Mesmo que sejam difíceis, têm que ser, não há escapatória, cada um é diferente, cada tem os seus problemas, infelizmente, lá temos que nos habituarmos. Temos que perceber que essas dificuldades também podem ser vantajosas, não podemos encarar uma dificuldade como se fosse uma coisa sempre negativa. E isso é uma coisa importante que a gente tem que perceber.

Entrevistadora: Até porque os problemas eles vão acontecer durante toda a nossa vida. A maneira com que a gente lida com eles que vai ser diferente ao longo do tempo, não é? Mas tem razão, “Jovem 9” posso imaginar que por mais que vocês estejam em pré-autonomização, ainda assim são regras, são modos de viver diferentes do que quando tu puder ter a tua autonomia de vida e perceber como é que realmente é o funcionamento de uma vida adulta sozinho, não é? E, “Jovem 9”, qual é a tua escolaridade hoje?

Jovem 09: Acabei de completar o décimo segundo ano, agora fiz a minha candidatura ao ensino superior, vou ver se entro, tenho duas opções de licenciatura. É mesmo para continuar a estudar, fiz ensino profissional.

Entrevistadora: O que é que tu fizeste no ensino profissional?

Jovem 09: A minha área? Eu vou dizer o nome do curso, que é eletrônica e automação de computadores. É uma área branda, mas por exemplo, mesmo curso técnico e ensino superior, claro que é diferente, dá-nos saídas profissionais na mesma área, mas com funções diferentes, eu, por exemplo, sinto que apenas este curso não vai trazer assim... não é não trazer vantagens, mas não vai ajudar-me a desempenhar a função que eu quero.

Entrevistadora: Deseja cargos e posições mais altas?

Jovem 09: Não é bem só isso., por exemplo, um técnico está muito limitado, ele está mais a desempenhar a função de manutenção, digamos, instalação e reparação, enquanto o engenheiro já consegue desenvolver coisas. E sim, infelizmente, quando tem Portugal, mesmo que o cenário da tecnologia não exigem assim diploma, por exemplo,

para ser considerado engenheiro, neste caso em Portugal, é preciso estarem inscritos na ordem e estas regras todas dizem e as empresas na área de tecnologia não ligam muito agora a essa coisa da ordem, mas é sempre uma mais-valia ter ensino superior nessa área, não significa que o ensino superior seja obrigatório, não, aliás, tem gente que tem sucesso e não tem ensino superior, mas é sempre uma mais-valia.

Entrevistadora: Sim, concordo plenamente contigo. Pode ser profissional ótimo, tendo só ensino técnico ou profissionalizante, mas com certeza o ensino superior vai agregar muito aos teus conhecimentos, a tua construção de conhecimentos, ao teu currículo, com certeza. Muito bem. E deixa eu te perguntar, agora tu acabou então o décimo segundo e está a participar de alguma outra oferta formativa, o que é que tu está a fazer?

Jovem 09: Eu agora estou de férias, agora estou aproveitar o tempo, digamos mais para a reflexão. Mas há duas opções que posso seguir agora no ensino superior, que é caso de uma licenciatura, são as duas escolhas que temos. Felizmente, aqui em Portugal, uma pessoa se quiser continuar a estudar, não é obrigada a seguir, por exemplo, uma engenharia ou uma licenciatura há cursos técnicos superiores profissionais, neste caso também trazem umas vantagens ou posso só ir trabalhar também, é uma opção.

Entrevistadora: E tu já trabalhastes “Jovem 09”?

Jovem 09: Não, eu só fiz o estágio mesmo. Agora trabalho mesmo com contrato não.

Entrevistadora: Fez o estágio onde?

Jovem 09: Na “nome da empresa ocultado”.

Entrevistadora: E era na tua área profissionalizante então?

Jovem 09: É, só que não é que não me tenha gostado, mas não era assim tão relacionado... a função desempenhada lá não era assim muito relacionada à minha área de formação. Quer dizer, tinha coisas, mas as coisas eram muito mais mecânicas eu, por exemplo, não tive muita essa formação, não tive muita formação mecânica por isso é que foi também bocadinho difícil me habituar.

Entrevistadora: E neste momento então, tu te inscreveu para a licenciatura é a mesma área do teu curso de profissionalizante ou optou por outra área?

Jovem 09: É da minha área, só que eu não vou estar aqui a dizer a (palavra inaudível), mas pode ser que é da minha área, tem relação com a eletrotecnia também. Agora, isso

é processo que eu estou a tratar, não gosto de dizer nada assim, não gosto de dizer isso antes do tempo porque depois se eu disser ainda corre mal. Está relacionado à eletrotecnia.

Entrevistadora: Tá bom. Tranquilo. E tu pretende, se for agora entrar na licenciatura, só estudar ou acha que vai precisar conciliar com trabalho ou part-time? Tem isso delineado?

Jovem 09: Talvez. Eu não posso dizer isso agora antes do tempo também, mas acho que também pode ser necessário ter part-time para isso, isso tem que se fazer. Por exemplo, também arranjar uma coisa que eu gostava de fazer era part-time mesmo na minha área do meu curso, só que eu estive a ver que também é bocadinho complicado. Normalmente nesses empregos eles pedem uma pessoa para horário full-time, não part-time, por isso é que é bocadinho complicado também mas não significa que não seja possível. Simplesmente pode ou não haver trabalho desses na zona onde estudo, por exemplo, pode ser mais longe mas pode não ser na área, pode também aos bocadinhos. Não é assim uma coisa que eu estou assim mesmo estressado, também não vale a pena estressarmos no tempo.

Entrevistadora: Exato. Sim. “Jovem 09”, agora deixa eu te fazer umas perguntas sobre projetos como foi a Academia de Líderes Ubuntu. Tu já tinha participado de algum projeto como Ubuntu ou alguma outra atividade que desenvolvesse competências durante a tua participação?

Jovem 09: Só participei uma vez na semana a Ubuntu, nós fomos, foi eu e mais uns colegas da minha casa, ficamos cinco dias em Coimbra, acho que foi em Coimbra e foram ensinadas coisas que ajudam também a refletir sobre assuntos, onde nós aprendemos também lá os cinco pilares, eram cinco pilares, se não me engano.

Entrevistadora: Lembra o nome das cinco pilares?

Jovem 09: Serviço, resiliência, autoconhecimento, não sei se estou certo, autoconhecimento, autoconfiança. Deixa-me lembrar, autoconfiança, serviço e resiliência.

Entrevistadora: Vou te dar uma pista, o que falta é a palavra quando a gente consegue se colocar no lugar do outro.

Jovem 09: Empatia.

Entrevistadora: É isso mesmo. Boa.

Jovem 09: Sempre esqueço-me de uma.

Entrevistadora: Olha, se tu lembras, já faz um ano e tu lembras, a memória está muito boa.

Jovem 09: É, no início, claro, quando nós saímos lá da semana, eu tinha isso em mente, mas depois acabo de esquecer agora. Claro que as coisas foram ensinadas lá, podem ser aplicadas na vida e são muito importantes, como por exemplo, o Nelson Mandela, eu não sei pronunciar o Gandhi?

Entrevistadora: Gandhi?

Jovem 09: É Gandhi. E aquela senhora, já me lembro daquela senhora que teve... não foi com o Nelson Mandela, teve no autocarro, acho eu.

Entrevistadora: Rosa Parks?

Jovem 09: Acho que foi ela. Agora aí essa parte já não lembro... mas o que mais fica na cabeça foi mesmo o Nelson Mandela, talvez porque foi o nome que eu ouvi mais vezes.

Entrevistadora: E porque também é tomada como a grande referência da semana, não é?

Jovem 09: É.

Entrevistadora: E, “Jovem 09”, deixa eu te perguntar, então, se tu lembra dos cinco pilares, que são cinco competências. O “Jovem 09” que chegou lá na segunda-feira, sem saber muito o que era o Ubuntu, algum destes pilares, alguma dessas competências, tu já tinha na tua vida e que durante aquela semana tu desenvolveu para ainda melhor?

Jovem 09: Eu acho que nós todos já temos bocadinho cada desses pilares dentro de nós. Só que essa semana pode nos ajudar a perceber a importância desses pilares. Por exemplo, serviço, ajudar ao outro, eu acho que cada já deve ter bocadinho da noção do que é que é a ajuda, o que é que é ajudar o outro, e claro, temos que saber que isso é uma coisa importante no dia a dia. Temos de todos nos ajudar uns aos outros, mesmo em situações difíceis, é importante, mas, por exemplo, empatia também, pôr-se no lugar do outro, perceber como é que a outra pessoa sente, é uma coisa extremamente importante. E eu acho que isso pode haver gente que, pode não ter muita noção de quão

importantes são esses pilares, mas ajuda pelo menos a refletir pouco. É o que eu digo, a reflexão é importante. E claro que aprender mais pouco sobre esses pilares, aprofundar mais esses termos, é necessário.

Entrevistadora: E o “Jovem 09” que chegou lá na segunda-feira, qual foi a principal mudança que tu acha que teve em ti durante a semana? Por exemplo, se tu conseguiu falar mais sobre a tua história de vida, se tu a dialogou, se tu trabalhou bastante em equipa, se gostou, se não gostou, como foi pra ti?

Jovem 09: Eu gostei, eu gostei. No início foi bocadinho... não me senti muito confortável porque nós íamos estar uma semana fora num sítio desconhecido, por exemplo, em quartos, num sítio completamente novo. Talvez estar com outras pessoas de outras casas também foi bocadinho de outra casa porque acho que foi fomos nós aqui da casa mais... mais uns jovens de outra casa que também faz parte da nossa associação e outra casa acho que lá mais para o sul, que é mais do sul. No início tivemos que nos habitar, tínhamos que perceber que íamos estar com outras pessoas. Agora, se eu senti alguma mudança depois de... da semana, eu acho que posso dizer que é o que eu disse agora, eu estou a perceber a importância destes cinco pilares da academia na nossa vida, que são importantes para a vida do dia-a-dia, eu não consigo estar aí a dar mais detalhes.

Entrevistadora: Mas então tu achas que, de alguma forma, estes cinco pilares impactaram no teu dia-a-dia, depois da semana e nos teus projetos futuros?

Jovem 09: Sim. E mesmo as atividades que nós desenvolvemos lá. Agora, se eu conseguisse me lembrar as atividades da semana que estão... que conseguem estar relacionadas a cada destes pilares, nesse caso, principalmente não me lembro quando nós fizemos lá uma atividade daquela bola de fio. Como é que eu explico?

Entrevistadora: Os fios?

Jovem 09: Sim.

Entrevistadora: Qual foi a que mais gostou?

Jovem 09: Eu agora não consigo lembrar. Eu acho que não teve uma assim que gostei mais, eu estou a tentar lembrar de que atividade é que nós desenvolvemos, eu lembro que nós vimos o filme de Nelson Mandela, aquele do rugby. Aquele filme do rugby

mostrava o racismo lá na África do Sul, foi na África do Sul, se não me engano, com as pessoas de raça negra. Nós também fizemos a atividade do balão.

Entrevistadora: Sim, provavelmente na terça-feira.

Jovem 09: Só se você me disser o que é que nós fizemos, eu posso tentar dar a opinião, só que porque eu não estou a lembrar de algumas coisas, mas acho que se você me disser eu acho que consigo me lembrar de algumas dessas atividades.

Entrevistadora: É tranquilo, não precisamos lembrar de todas as atividades aqui, mas sim temos as dos balões, temos a da linha também, lembra do Aproxima-te da linha?

Jovem 09: Sim, sim.

Entrevistadora: Onde fazíamos uma pergunta, temos as dos fios, temos a carta do Mendez Para Mim, lembra da carta?

Jovem 09: Da carta?

Entrevistadora: É, uma que tu tinha que escrever uma carta para ti no futuro. Lembra dessa?

Jovem 09: Eu acho que não lembro, não sei se foi uma carta, digamos, quer dizer, como se fosse elogio para nós.

Entrevistadora: Isso, como se fosse o Mendez do filme do Circo das Borboletas a reconhecer tuas melhores características, lembra?

Jovem 09: Isso sim, lembro.

Entrevistadora: Tem muitas atividades muito boas, não é? E me diz uma coisa, “Jovem 09”, depois de vivenciar essa experiência do Ubuntu, por que tu acha que esse tipo de programa pode ser importante para jovens e principalmente para jovens que estão acolhidos e como que pode contribuir na vida desses jovens?

Jovem 09: Bem, por exemplo, neste caso, como estamos em casos de acolhimento, há muita gente que pode pensar que toda a gente que está em casos de acolhimento são pessoas que podem ser jovens maus. Mas isso é mentira. Não, há gente boa. Mas, por exemplo, neste caso, se nós pegarmos nas pessoas que cometeram erros na vida do passado ou porque são pessoas que têm uma personalidade não muito benéfica, digamos, pode prejudicar os outros, isso pode também ser uma oportunidade de mudança, pode ajudar a mudar o comportamento e a atitude do jovem, agora claro que

isso não é feito numa semana, uma pessoa quer levar aquilo a sério tem que pensar nessa semana e pensar nessa semana dura longo período de tempo para perceber onde é que posso usar isto na minha vida? Como é que eu posso contribuir para melhorar, por exemplo, a minha personalidade, o meu comportamento e o comportamento dos outros? Também, por exemplo, o exemplo de serviço talvez é falar com outros sobre a Academia Ubuntu, também apresentar isso, por exemplo, o racismo também podem haver pessoas que podem ser mais intolerantes, preconceituosas, também é uma boa oportunidade para mudar o comportamento. Alguns dos exemplos.

Entrevistadora: Está trazendo boas ideias aqui. E se tu tivesse que me dizer alguma coisa que precisaria ser melhorada, tu consegue pensar pra me dizer agora sobre aquela semana? Se alguma coisa tivesse que ser diferente qual seria a tua sugestão?

Jovem 09: Por acaso agora não sei dizer. Não sei, não sei dizer, eu acho que não fique muito atento a isso. Coisas têm que ser melhoradas... eu acho que, por exemplo, o que estava planeado, o que foi planeado para ser, digamos, ensinado lá aos jovens, eu acho que foi tudo cumprido. Talvez se houvesse, por exemplo, algum momento em que não desse para ajustar o plano, digamos, o plano de estudo, talvez, entre aspas, lá da semana toda, talvez isso ia ser problema. Eu acho que deu para perceber cada dos pilares, não estou a ver nenhum problema, acho eu, não estou a lembrar.

Entrevistadora: Está bem. Agora vou te fazer aqui mais algumas perguntinhas sobre a tua inserção social e o teu bem-estar. Eu queria que me dissesse como é que tu te sentes. Agora tu não tá mais na escola, mas se quiser me contar pouquinho como foi, como é que tu sente inserido na escola? Como é que foi a tua inserção quando tu entrou aí na casa de acolhimento? Como é que é a tua relação com a equipa? Me contar pouquinho sobre isso.

Jovem 09: No início, quando nós entramos aqui na casa, exemplo do meu caso, nós entramos abalados, não sabemos onde estamos, sentimos-nos muito tristes, claro que pode haver gente, quer dizer, a reação de entrar na casa de cada jovem é diferente. O meu, por exemplo, foi diferente de alguns colegas meus, há gente que pode entrar mesmo triste, irritada, há outros não, há outros, pá, entram e podem, assim, não ter uma reação muito... como é que eu explico isso? Podem sentir tristeza profunda, mas

podem não querer dizer aos restantes como sentem, eu, por exemplo, já vi vários jovens entrarem e a sair, por isso eu vi várias reações. Posso dizer, podem haver várias reações, mas isso não significa que uns estejam-se a sentir bem e outros mal, eu acho que todos quando entram aqui sentem-se mal mas depois, claro, uma pessoa depois habitua-se. Habitua-se, neste caso, com a vida que está a ter aqui, não é fácil, temos que lidar com outras pessoas, mas... podia ser pior, é isso é que temos que pensar, podia ser pior.

Entrevistadora: Sim. E tu sentes hoje em dia que tem algum adulto que tu possa contar, que não seja só da equipa técnica? Alguém que tu possa falar sobre tudo, sem julgamentos, sem problemas? Como é para ti?

Jovem 09: Eu acho que claro que para nós temos problemas, neste caso eu, onde eu tenho problemas eu posso falar na boa como adulto aqui da casa ou da equipa técnica. Mas há, claro, coisas, por exemplo, nós podemos não nos sentir confortáveis a falar, há coisas, por exemplo, são pessoais que às vezes uma pessoa pode não sentir bem a falar, mesmo com uns técnicos. Talvez, às vezes, é melhor falar com algum membro da família, mesmo estando longe, por exemplo. Mas, sim, se eu precisar de alguma coisa, eu sei que posso contar com a equipa técnica da casa.

Entrevistadora: E como são as tuas relações de amizade? Tens bastante amigos? O que é que tu faz nas tuas horas de lazer?

Jovem 09: Eu, por exemplo, gosto de tocar a guitarra, estar na internet, às vezes ver bocadinho de TV. Nós, às vezes, temos umas atividades diferentes, principalmente nas férias. Pronto, é mais ou menos isso, não é uma coisa assim... quando nós estamos a comparar a nossa vida aqui dentro de uma casa de acolhimento e com a vida de uma pessoa que está dentro de uma família num ambiente familiar, há coisas que podem, digamos, ser parecidas, assim, coisas que podemos ter em comum, mas também, pá, como é que eu explico isto? Porque há pessoas que, por exemplo, podem sentir, por exemplo, podem não ter tido uma família, uma família que pudesse digamos tomar conta, assim, de forma saudável. Mas, aqui dentro de casa, há gente que sente que isto é a família deles. Cada tem essa opinião, por exemplo, posso dizer que... por exemplo, eu sou uma pessoa muito mais... como é que eu explico isto? Posso dizer que eu não

considero, digamos, o pessoal aqui como família, mas quando considero mais gente quer, digamos, que está disposto a ajudar, eu aceito isso.

Entrevistadora: E como que tu enxergas a tua relação com a comunidade aí: tu participa de alguma coisa? Tem vontade de participar socialmente?

Jovem 09: Eu, por exemplo, participo em atividades com o resto do pessoal, consigo mais ou menos divertir-me pouco com eles, mas é como eu disse, nós às vezes temos problemas que temos que enfrentar, e esses problemas, na verdade, são as atitudes das outras pessoas que, na verdade, acabam por nos prejudicar, por exemplo, uma pessoa pode não ter culpa. Imagino que uma pessoa chega toda irritada e começa, por exemplo, a... como é que eu explico? A causar um (palavra inaudível), digamos, a gritar, furiosa, claro que nós podemos não gostar de ouvir isso, mas é uma das dificuldades que temos que enfrentar, as emoções das outras pessoas, neste caso, podem nos prejudicar. É isso.

Entrevistadora: E também é nós desenvolvermos nossas emoções e nos conhecermos bem para poder lidar com as emoções dos outros, não é? “Jovem 9”, só tem mais duas perguntas aqui, e elas são perguntas pouco mais pessoais, se você precisar de segundos para refletir, tá tranquilo, tá? Uma delas é te perguntar qual foi o maior desafio que tu acha que tu enfrentou até hoje e me contar pouquinho sobre ele.

Jovem 09: O maior desafio é... é complicado de responder, os maiores desafios foram vários mas... o maior desafio... eu não consigo responder a essa pergunta. Na verdade foram vários, mas posso dizer que houve vários desafios durante a vida, pronto, e que me fizeram ir abaixo durante vários momentos da vida. Mas conselho que eu posso dar é tentar pensar numa dificuldade como uma oportunidade para aprender uma coisa. Ou, por exemplo, para não voltar a repetir erro do passado. Pronto, é isso, pronto, você perguntou-me assim, qual era a maior dificuldade? Eu, por acaso, não consigo agora me lembrar porque eu tive várias dificuldades, mas posso dizer que, ao me lembrar dessas dificuldades, eu posso pensar assim ok, isto foi mau, não se pode repetir, se eu fosse essa pessoa, temos que pensar assim, ok, essa pessoa, por exemplo ou aquele momento da vida, foi mau para mim. E se esse momento da vida, esse momento mau da vida, se foi causado por uma atitude, digamos, uma atitude maléfica numa pessoa, temos que pensar assim, e se eu estivesse num lugar, digamos, meio que da vítima, da pessoa que

sofreu durante a vida. Temos que pensar no outro, neste caso, entra dos pilares da empatia. Mas é isso, agora, eu não consigo dar exemplo de uma dificuldade na vida porque foram várias.

Entrevistadora: Está bem, obrigada. E a tua experiência mais significativa, mais positiva que tu já teve na vida, saberia me contar alguma coisa?

Jovem 09: Mais positiva. Eu acho que também que não consigo uma experiência mais positiva.

Entrevistadora: Algo que tu tirou realmente alguma lição ou que foi significativo na tua vida?

Jovem 09: Se eu não estou a lembrar é porque acho que não houve nada assim, pode ter havido muitas coisas positivas, mas eu não estou a lembrar, do meio em concreto. Não sei, talvez eu não sou uma pessoa que guarda muita coisa assim de momentos muito importantes. Eu acho que até posso dizer uma experiência positiva, acho que foi mesmo as viagens que eu fiz, por exemplo, o país da minha família, a Ucrânia, por exemplo, eu acho que é bom exemplo. Sair para fora do país, nós, por exemplo, aqui na casa tivemos a oportunidade de ir para a França, essa viagem foi feita graças a uma associação que nos ajuda, que também é da França. E eu, por exemplo, senti-me como se estivesse num outro mundo. Neste caso é a França, num outro país. Estamos dentro de país estamos só acostumados a determinadas, digamos, estamos só à a ver uma cultura tradicional. E ir para o outro país é bastante diferente, por exemplo, mesmo vou dar exemplo das casas, por exemplo, as casas de França são diferentes mesmo, mesmo estar em contacto com outra língua, ouvir gente a falar outra língua, muita gente a andar de bicicleta, por exemplo. Foi uma coisa diferente.

Entrevistadora: Sim. E é muito boa essa experiência de lidar com outras culturas, conhecer o diferente do nosso, não é?

Jovem 09: É claro que tudo tem os seus limites, por exemplo, neste caso, o problema que nós temos aqui em Portugal, que é a questão da imigração, controle até que é preciso haver controlo mais maior nesse aspecto. Eu, por exemplo, gosto muito de aprender sobre outras culturas, gosto muito de ter contato com gente dos outros países, mas depois, pronto, temos aquele grupo que não respeita, não tolera, diz que isto é isso

é que é o mais correto. É a mesma coisa que se eu for, por exemplo, nós fomos, por exemplo, para a China, onde temos, vemos uma alimentação muito diferente da nossa, para eles é normal, para nós pode não ser normal, mas também para nós é normal, para eles pode não ser normal.

Entrevistadora: Sim, é o diferente, temos que nos adaptar e respeitar dentro do possível, não é? “Jovem 09” a nossa conversa está chegando ao fim e talvez ela vá abaixo porque já vai fechar os 40 minutos da entrevista, mas no mais, “Jovem 09”, que era isso, te agradeço muito por ter aceitado conversar comigo também. Que tu seja muito feliz na tua vida e que dê certo a licenciatura e todos os planos na tua área, tá bem?

Jovem 09: Obrigado.

Entrevistadora: Beijinho muito grande. Fica bem.

Anexo 2.10. Transcrição da entrevista nº 10

Entrevistado(a): Jovem 10

Data: 19/07/2024

Local: On-line via Plataforma Zoom

Duração: 23 minutos e 41 segundos

Entrevistadora: Olá, “Jovem 10”, muito prazer, eu sou a Marri não sei se as técnicas chegaram a conversar bocadinho contigo sobre o que seria esta nossa conversa.

Jovem 10: Sim, mas já me esqueci.

Entrevistadora: Tá bem, não tem problema. Então, eu explico de novo, eu trabalhei na Academia de Líderes Ubuntu junto com o IPAV, onde você participou de uma semana no ano passado, lembra? Já fiz as escolas, já fiz as casas de acolhimento também e durante esse tempo eu estava também a fazer o meu mestrado e o meu estudo de mestrado ele é sobre jovens que estão acolhidos em Portugal e uma conversa para nós entendermos como está a construção dos teus projetos de vida, entender pouquinho da tua história, como que tu sente inserido socialmente, e também perceber aqui, de certa forma, qual foi o impacto que o Ubuntu deixou na tua vida durante aquela semana que tu participou e depois. Essa é uma conversa muito tranquila, tu vai me respondendo como sentir à vontade, a nossa conversa está sendo gravada, mas em nenhum momento eu vou utilizar as imagens, somente mesmo as respostas que forem dadas, mas sem te identificar, tá bem? Então é isso. Vamos começar?

Jovem 10: Sim, sim.

Entrevistadora: Então vamos lá. “Jovem 10”, qual é a tua idade?

Jovem 10: 18 anos.

Entrevistadora: E onde tu nasceu?

Jovem 10: Marbella, Espanha.

Entrevistadora: Em Espanha, olha! E vive em Portugal há quanto tempo?

Jovem 10: Desde sempre.

Entrevistadora: Nasceste na Espanha e já veio para cá?

Jovem 10: Sim.

Entrevistadora: Mas veio pequenininho mesmo, lembra de algo de lá?

Jovem 10: Sim, sim. Eu não me lembro de nada da Espanha.

Entrevistadora: Ok. E quando tu veio para cá, com quem tu veio?

Jovem 10: Com a minha mãe.

Entrevistadora: E neste momento, Thiago, tu estás na casa de acolhimento, tu já estás em processo de pré-autonomização, como que estás a tua vida aí na casa de acolhimento?

Jovem 10: Estou tentando ir para o apartamento de autonomia.

Entrevistadora: Como é que estás o andamento? Me conta bocadinho.

Jovem 10: Estou em falta de ter uma melhor autonomia em questão de dinheiro. Em dinheiro falta ter uma melhor autonomia porque até a minha psicóloga já me explicou que para quem nunca teve nada, quando começa a ter dinheiro é muito difícil manter-se, já que eu nunca tive nada na vida, então...

Entrevistadora: Sim. Sim, é importante começar a se preparar, ter essa percepção dos teus gastos no futuro.

Jovem 10: Sim.

Entrevistadora: E sentes que estás sendo bem preparado para isso durante essa estadia agora na casa?

Jovem 10: Sim, os doutores estão a ajudar. O “nome do técnico ocultado”.

Entrevistadora: E há quanto tempo que tu estás na casa, “Jovem 10”?

Jovem 10: Uma boa perguntar... vai fazer três anos.

Entrevistadora: E a tua mãe ainda vive em Portugal?

Jovem 10: Sim. Eu saíba.

Entrevistadora: Tens contato com ela?

Jovem 10: Não, eu cortei contato.

Entrevistadora: Ok. E “Jovem 10”, qual é o teu nível de escolaridade hoje?

Jovem 10: Estou no 11º ano, vou acabar o 12º ano para o próximo ano. Estou em curso profissional de técnica de gestão e programação de sistemas informáticos.

Entrevistadora: Boa! Isso é uma boa área.

Jovem 10: Sim.

Entrevistadora: E então, neste momento, a tua perspectiva de saída, só para eu entender aqui, está na pré-autonomia e está a se preparar para finalizar o secundário? E depois, quais os planos quando tu for para o apartamento?

Jovem 10: Os meus planos é tentar trabalhar e fazer uma universidade, não, fazer politécnico ao mesmo para obter, seja mestrado, seja licenciatura e se até lá tiver com a minha namorada vivermos juntos.

Entrevistadora: E tu já sabe qual curso queres fazer na licenciatura?

Jovem 10: Sim, como se chamava? Engenharia de Jogos Virtuais.

Entrevistadora: Fixe, bom. E tu tá também procurando trabalho? Como é que está essa fase de trabalho, “Jovem 10”?

Jovem 10: Eu tô agora a estagiar na (palavra inaudível), Portugal. Mas eu tô a ver se encontro trabalho, part-time, alguma coisa assim, pra agora pro verão e se calhar até depois do verão.

Entrevistadora: E esse teu estágio é remunerado, então?

Jovem 10: Não. A escola paga-me dinheiro ao fim do mês, mas o pagamento em si não é muito grande.

Entrevistadora: Então esse dinheiro que recebes da escola não seria suficiente ainda para a tua autonomia de vida também?

Jovem 10: Seriam cento e poucos euros todos os meses. É valor baixo, sim, mas é sempre o que eu disse, ter part-time sempre é mais do que melhor.

Entrevistadora: Com certeza. “Jovem 10”, agora vou te perguntar pouco sobre os projetos com o Ubuntu. Tu já havia participado de algum projeto assim, de desenvolvimento de competências?

Jovem 10: Que eu me lembre, não, tenho uma memória bocadinho má, mas que eu me lembre, não.

Entrevistadora: E do Ubuntu, durante a tua participação, o que tu achou? O “Jovem 10” chegou lá na segunda-feira, que não devia saber muito como ia funcionar aquilo. Qual foi a tua percepção sobre o Ubuntu, sobre o projeto?

Jovem 10: Ajudou a construir umas, como posso dizer, umas competências emocionais que eu não tinha tanto, E ajudou-me a desenvolver melhor. E eu também não demorei

muito a acostumar-me porque quando estou num grupo assim de partilha, eu já sou muito, normalmente eu sou muito de falar, falo muito. Diferente do habitual que eu não sou uma pessoa muito social, mas quando é que convém falar de nós mesmos, eu viro social.

Entrevistadora: E por que tu acha que lá durante a semana, então, tu sentiu mais confortável para falar mais?

Jovem 10: Não foi só lá, normalmente quando tenho, por exemplo, psicólogo e isso, e quando estou a falar com alguém sobre a minha vida, eu tenho mais essa tendência a falar mais, não foi exclusivo do Ubuntu, mas se calhar foi mais em si aquele clima de partilha e isso.

Entrevistadora: Ok. E lá no Ubuntu tu lembra das cinco competências, dos cinco pilares que eram trabalhados?

Jovem 10: Eu acabei de vir de uma aula de Excel, não estou muito, não sou muito de me lembrar de coisas assim aleatórias agora.

Entrevistadora: Eu vou te falar porque eu queria te perguntar se tu acha que desenvolveu alguma dessas competências durante a semana ou se alguma delas já estava presente na tua vida e tu veio a desenvolver mais. Era o autoconhecimento, a autoconfiança, a empatia, a resiliência e o serviço.

Jovem 10: A empatia eu desenvolvi melhor, a maior parte delas eu já tinha antes. A autoconfiança, eu desenvolvi, mas não foi no agudo, foi para o exterior. O autoconhecimento, eu já tinha grande autoconhecimento, então não mudou muita coisa. O serviço, eu não sou muito fã de serviço, mas sou mais de ficar na minha, mas desenvolvi bocado. E a empatia, acho que foi da empatia, não? Então, qual é que falta? Empatia, serviço, autoconhecimento, autoconfiança.

Entrevistadora: E a resiliência?

Jovem 10: Resiliência. Mais ou menos.

Entrevistadora: E por que tu acha que a empatia foi a que tu mais desenvolveu?

Jovem 10: Dentro do Ubuntu foi a que eu mais desenvolvi porque eu vi mais exemplos de pessoas que estavam da mesma, de uma maneira parecida com a minha.

Entrevistadora: E tu acha, “Jovem 10”, que a tua participação na Semana Ubuntu pode ter transformado algo em relação a ti mesmo ou em relação aos teus projetos futuros?

Jovem 10: Sinceramente, não sei. Não faço a mínima ideia.

Entrevistadora: Em algum momento te pega pensar sobre algo que aconteceu na semana ou nem por isso?

Jovem 10: Não. Foi uma semana que ajudou, mas não é algo que fica muito na memória.

Entrevistadora: Por que que tu acha que não fica depois na memória?

Jovem 10: Sinceramente não sei, é que a nossa mente deixa algumas coisas na memória e outras não, se calhar a nossa mente está mais habituada a deixar momentos negativos na mente do que os positivos. Como eu não tenho tido muitos positivos, acho que é por isso que não ficou na memória.

Entrevistadora: Ok. E me diz uma coisa, “Jovem 10”, depois de vivenciar a Semana Ubuntu, tu acha que este projeto pode vir a ajudar outros jovens e contribuir na construção dos projetos de vida desses jovens e de que forma?

Jovem 10: Claro. Pode vir a ajudá-los muito, até como ajudou a mim, ajudou muita gente que eu conheço. Que o Ubuntu é simplesmente uma porta aberta para nós falarmos nós mesmos e termos essas interações, sem ter aquele... porque hoje em dia muitos dos jovens têm essa ideia de quem vai para os psicólogos é maluquinho, o Ubuntu ajuda na quebra disso, porque estão lá a desenvolver algo que estão a desenvolver também no psicológico. Ou seja, acho que é uma porta aberta para tratar muito da saúde mental dos jovens.

Entrevistadora: Sim. Porque acabam por partilhar e mesmo fazer uma auto reflexão sobre as histórias de vida, então, sim, concordo contigo. E se tu fosse me dizer de que forma este projeto poderia ser mais atrativo para jovens ou melhorar?

Jovem 10: Para melhorar? Sinceramente, não sei muito bem. Não, porque depende muito, porque jovens é uma faixa etária muito grande, jovem pode ser a partir dos 10 até aos 20, isso é uma faixa de idade enorme, tem coisas que agradam às pessoas depois dos 15 e coisas que agradam menos às pessoas depois dos 15, também tem isso, cada faixa de idade tem os seus próprios interesses. Eu, por exemplo, não gosto muito de jogos, de estar ali e fazer brincadeiras, mas eu sei que teve gente que gostou disso,

não é bem da minha faixa, não é da minha faixa, não é do meu gosto. Mas eu sei que pode ajudar outras pessoas então, sinceramente, eu não sei como apontar aspecto negativo.

Entrevistadora: Ok, tá bem. Muito obrigada. Deixa eu te fazer umas perguntas agora sobre a tua inserção social. Como é o teu dia a dia, tua rotina na escola, na casa de acolhimento com a equipa? Como é que são essas tuas relações? Como tu sente nesses espaços?

Jovem 10: Por tópicos, na escola, mais ou menos, tenho muitas boas notas, não sou aluno de ouro, mas não sou muito sociável porque, para mim, colegas é colegas, já tive muitas ilusões com colegas, que supostamente éramos amigos. Então, a escola é mais para estudar. Não tenho muito aquilo de ir para a escola porque tenho amigos, não, eu vou para a escola porque gosto de estar lá, gosto de ir à escola, é lugar até que fixe, ainda mais que foi uma escola que eu gostei muito. Vamos dar-nos para o tópico da casa, a única coisa que me salva aqui dentro é estar aqui com a minha namorada.

Entrevistadora: Ela está na casa contigo também?

Jovem 10: Sim, porque é muito estresse todo dia, muitos problemas, as faixas etárias são muito diferentes e não só as faixas etárias, as faixas psicológicas são muito diferentes também. Acaba por ser uma diferença de realidade e depois tem, por exemplo, tem miúdos assim mais quietos, tem miúdos mais arrebitados, é muito difícil, por exemplo, eu lidar com uma pessoa que é muito mais arrebitada porque acaba, às vezes, eu estressar bocado. Tem pessoas que falam muito alto, tem pessoas com muita sensibilidade auditiva, ou seja, sempre tem aquilo das mesmas ideias. Então... E também eu não me identifico com a maior parte das pessoas aqui. É o que eu digo, tenho dois amigos, um que é o “Jovem 9”, que você já teve a reunião com ele e a minha namorada, que é a “nome da namorada ocultado”, são os únicos dois que eu tenho que são amigos e que eu me dou bem aqui. Dou-me bem, bem dentro dessa casa.

Entrevistadora: E fora da casa, você tem logo amigos?

Jovem 10: Fora da casa não tenho amigos porque foi o que eu disse, os amigos que eu tinha da escola, foram assim, uma desilusão, não posso falar nada disso, foi mais emocionante e ainda estou para tentar ver se consigo, se tenho amigos fora disso, círculo

da casa e vida mais social onde é que saio muito é com a minha namorada e dou-me bem com as funcionárias. É isso.

Entrevistadora: O que tu e a tua namorada costumam fazer nas horas de lazer?

Jovem 10: Saindo. Damos uma volta por “nome da cidade ocultado”, por mais que não tenha muito o que fazer aqui em Vila das Aves, planeamos sítios para ir, coisas de casal.

Entrevistadora: E hoje em dia, “Jovem 10”, tu sentes que tu tem algum adulto que tu possa contar, confiar, falar abertamente sobre as questões da vida?

Jovem 10: Com certeza, a cozinheira da casa, a “nome da funcionária ocultado”, é a minha pessoa de mais alta confiança. Tirando a minha namorada, claro.

Entrevistadora: E a “nome da funcionária ocultado” cozinha bem?

Jovem 10: Muito bem.

Entrevistadora: Qual é a especialidade dela?

Jovem 10: Qualquer coisa.

Entrevistadora: Boa! E “Jovem 10”, agora já estamos aqui começando a ir para as nossas perguntas finais mas tu já falou aqui bocadinho sobre essa questão social, que tu acaba por ser pouco mais introspectivo e não socializar tanto, mas como é que tu te enxerga na comunidade, tu tem vontade de participar socialmente, de outros projetos, estar envolvido com outras coisas?

Jovem 10: Sinceramente a minha parte social, de querer me envolver, tá mais pra parte política, ainda mais ontem tivemos uma visita à Assembleia Geral da República, aqui na casa e foi muito bom para refletir muitos dos meus ideais, além que, é uma área que os jovens não entram tanto hoje em dia, e, sinceramente, é a única área social que eu entraria porque sinceramente eu só quero viver a minha vida tranquilo, quero ter uma casa, quero ter a minha mulher, quero ter os meus filhos, quero fazer a minha vida da forma mais quieta possível. Sou uma pessoa que não tenho muitas grandes ambições, porque a grande ambição às vezes é o calcanhar daqueles de muitas pessoas, tenho uma ambição média. Quero ter, foi o que eu disse, quero ter a minha família e o que vier de resto é lucro.

Entrevistadora: Ok, certo. E agora são duas perguntas aqui para finalizar, uma delas é qual o maior desafio que tu pensa e que tu viveu até hoje, se tu puder partilhar bocadinho comigo?

Jovem 10: Eu mesmo. O meu maior desafio fui eu mesmo porque quando entrei nesta casa, eu era miúdo muito... era uma criança, basicamente, tinha os meus 15 anos e eu assumo, eu era uma criança. Era imaturo, por mais que já me considerasse imaturo, porque eu era muito inocente, dava sempre muitas chances às pessoas, deixava-me levar pelos comentários, pelas ideias das outras pessoas, tipo, que “Jovem 10 é isto, isto, aquilo?”, “Jovem 10, eu acho que isso está errado.” Eu não tinha as minhas próprias ideias, era uma pessoa com falta de ideais, hoje em dia, eu consegui superar isso, muito graças à minha namorada, muito graças a mim mesmo também porque é por isso que eu me afastei da minha mãe, que era uma pessoa que por mais que me dissessem mãe é mãe, ela nunca foi mãe na minha vida. Nunca deu o que uma mãe devia dar, por isso que eu digo que eu quero ter a minha família por que eu quero ser o que os meus pais não foram para mim, já que o meu pai nunca interagiu comigo, nunca foi presente na minha vida e a minha mãe, por mais que fosse muito presente, era uma desleixada, uma criança. Uma criança adulta.

Entrevistadora: Obrigada, “Jovem 10”. E a minha segunda pergunta é, que eu acho que já falou pouquinho, mas gostaria que tu desenvolvesse mais, qual é a tua experiência de vida mais significativa que tu considera que tem até o momento, mais positiva?

Jovem 10: A minha maior experiência e a minha maior felicidade nessa vida foi conhecer a pessoa que está ao meu lado até hoje, já estamos juntos há dois anos, que é a minha namorada. Que basicamente foi uma pessoa que ajudou-me a mudar muito, a ganhar muitas propriedades que eu não tinha, ajudou-me a sair de vícios em redes sociais, vícios em vídeogames, ajudou-me a ser social com o meio ambiente porque eu não saía de casa e sinceramente é a pessoa mais especial que eu conheço e que mais eu digo que se eu não a tivesse encontrado se calhar eu não estaria tão bem como sou hoje que é o meu... ela é o meu calcanhar de aquiles.

Entrevistadora: A “nome da namorada ocultado” fez semana o Ubuntu também?

Jovem 10: Fez. Ela não gostou, ela não gostou.

Entrevistadora: Mas tô a ver que ela é uma grande líder servidora, olha tudo que ela fez por ti.

Jovem 10: Por mais que ela não ache isso, ela é. Ela é uma... ela não sabe o tamanho dos cuidados que tem.

Entrevistadora: E tu diz isso pra ela?

Jovem 10: Vivo. Ela manda para outro sítio, mas digo.

Entrevistadora: Muito bem. Manda abraço para a “nome da namorada oculto”, viu?

Jovem 10: Tá. Ela provavelmente manda de volta.

Entrevistadora: Que bom, que bom. “Jovem 10”, eram essas perguntas que eu tinha para nós conversarmos? Foi gosto te ouvir, que tu tenha partilhado pouquinho da tua história comigo, mesmo sem a gente se conhecer pessoalmente.

Jovem 10: Eu sempre gosto de contar a minha história por que eu acredito que repassar a história de alguém sempre tem significado na vida da outra pessoa.

Entrevistadora: Tem significado na vida da outra pessoa e na nossa também porque nos ouvindo a gente consegue ressignificar coisas também. “Jovem 10”, então muito obrigada, um abraço, tá bem? Bom fim de semana.

Jovem 10: Obrigado, igualmente. Tchau, tchau.